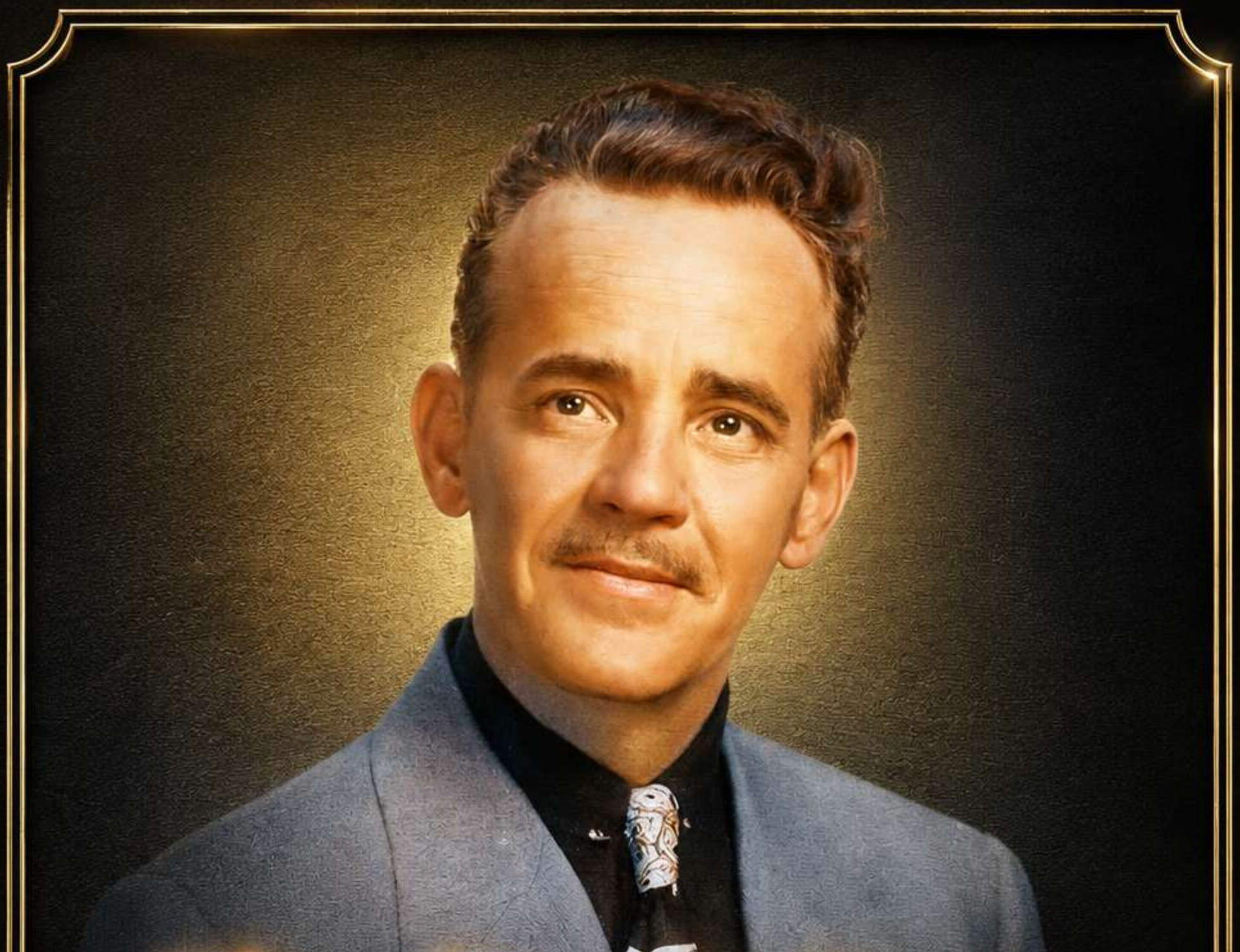


# O SACO MÁGICO

MARK PROBERT

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

# O ‘SACO’ MÁGICO

Um manuscrito ditado de forma clariaudiente a **o** Mark Probert por Membros do Círculo Interior.

Nós, do Círculo Interior, dedicamos estes escritos a todos aqueles que procuram fervorosamente a Luz Interior.

“Os princípios da nossa organização são: Que o homem nasce no amor e é um agente livre; que o conhecimento é mel cósmico, e ao homem não só se deve permitir colher este mel, mas deve ser ajudado e instigado a fazê-lo.” **o** E Yada di Shi’ite

## ÍNDICE


PREFÁCIO
FALANDO DE MIM por Mark Probert
NOTA CONCERNENTE À MEDIUNIDADE DE MARK PROBERT por Meade Layne
O CONTROLADOR LAO-TSE EXPLICA O TÍTULO DESTE LIVRO
PRÓLOGO por Martin Lattimore Lingford
DO ARQUÉTIPO À PLURALIDADE por E Yada di Shi’ite (I)
CRIAÇÃO por E Yada di Shi’ite
A CRIAÇÃO CONTINUAÇÃO pelo Marajá Natcha Tramalaki (II)
AS LÍNGUAS E O HOMEM pelo Marajá Natcha Tramalaki
A MORTE E A REENCARNAÇÃO pelo Marajá Natcha Tramalaki
O SONO, A PROJEÇÃO E A MORTE por Ali Ben Casi (III)
A ALMA GRUPAL por Kay Ting (IV) MEDITAÇÃO por Lo Sun Yat (V)
O HOMEM NO PLANO FÍSICO por Lo Sun Yat
O HOMEM BUSCADOR E O HOMEM CRIADOR por Ramon Natali (VI)
ATMAN MAIS ÁTOMO IGUAL A ADÃO por Ramon Natali
A NATUREZA DO COSMOS por Ramon Natali
O TEMPO, O ESPAÇO E A CONSCIÊNCIA por Arakashi (VII)
A FORÇA DA MENTE por Arakashi
A MATÉRIA ATRAVÉS DO PENSAMENTO por Arakashi
A EVOLUÇÃO DA FORMA E O ETERNO TORNAR-SE DA MENTE pelo Dr. Sukuto Nikkioi (VIII)
A IDADE DA TERRA E O PLANO ETÉRICO pelo Prof. Alfred Luntz (IX)
A PERSONALIDADE HUMANA pelo Prof. Alfred Luntz
EM MEMÓRIA DE MARK PROBERT …o.” E Yada di Shi’ite

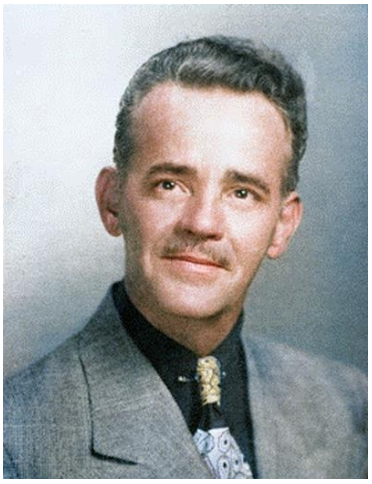

## PREFÁCIO

A todos aqueles que procuram a Luz:

Nós, do Círculo Interior, sentimos ser indispensável que saibam que tudo o que está escrito nestas páginas não é apresentado com o pensamento de que deva ser tomado como factos indiscutíveis ou verdades últimas, mas meramente como aspetos da verdade vistos do nosso ponto particular de observação. Todos nós subscrevemos a doutrina da variabilidade, e se assim confessamos as nossas crenças devemos aderir a elas, pelo menos até ao momento em que possamos encontrar algo que pareça mais próximo da verdade.

Relativamente a todos os escritos como estes, pensamos ser compreensível que muito deva ser expresso em alegoria. O fenómeno da vida não se presta, em momento algum, a condições imutáveis. Pensamos que não é necessária uma grande quantidade de inteligência para ver que, se a lei da mudança governa um segmento do Universo, deve ser o fator governante do Universo como um todo. Como abominamos o dogma nos outros, oremos para que nós próprios não caiamos nas suas malhas aprisionantes.

O Círculo Interior Kethra E'Da



Nasci em Bayonne, Nova Jérsia, em fevereiro de 1907, e andei na escola lá em rapaz. Quando tinha onze anos, a minha mãe faleceu. Alguns meses mais tarde, o meu pai inscreveu o meu irmão mais novo e a mim numa escola privada perto de Hastings, Nova Iorque. À idade de quinze anos tinha conseguido, com muito esforço, chegar à sexta classe.

Ao perceber que jogava um jogo perdido com as letras e os números, fugi e juntei-me à Marinha Mercante. Os dois anos seguintes

da minha vida foram de excitação e aventura e, posso acrescentar, de uma grande quantidade de trabalho duro. A minha última viagem marítima foi no S.S. Manchuria, partindo de Nova Iorque através do Canal do Panamá para a Costa Oeste. Deixei o navio quando atracámos aqui em San Diego.

Estávamos em fevereiro de 1924. Experimentei as minhas capacidades em muitas coisas ao longo dos anos, como alguns homens têm maior probabilidade de fazer quando não têm a mínima noção do que fazer com as suas vidas. A isto chama-se «andar à deriva». Pensei que seria uma espécie de romantismo ser joquei, mas não demorei muito tempo a descobrir que nunca seria outro Earl Sande. Parecia que o cavalo e eu nunca éramos capazes de decidir que, a correrem-se quaisquer corridas, o joquei e o cavalo tinham de mover-se juntos ao mesmo tempo e na mesma direção. Por isso desisti deste desporto de reis e estou certo de que o meu cavalo ficou tão contente como eu por eu ter desistido.

Virei então os meus esforços para ser bagageiro e trabalhei em vários dos nossos hotéis locais. Após cerca de cinco anos de trabalho em hotéis, tirei lições de dança e, tendo uma voz razoavelmente boa, entrei para o Vaudeville como cantor e dançarino. Continuei no trabalho de espetáculo até que o cinema falado surgiu e, subsequentemente, matou o Vaudeville.

No outono de 1939, fui trabalhar para o Departamento de Educação Visual das escolas do Condado de San Diego. Este departamento particular estava alojado num dos muitos edifícios pitorescos de estuque no belo Balboa Park. Na manhã em que me devia apresentar no meu novo emprego, parti uma hora mais cedo do que o necessário para poder passear sem pressa pelo parque e desfrutar de alguma da paz e tranquilidade que um lugar assim tem para oferecer nas primeiras horas da manhã. Estava quase no meu destino quando deparei com uma pequena ponte de madeira que atravessava um desfiladeiro estreito. O desfiladeiro era uma selva de fetos e palmeiras.

Ao pisar a ponte, apercebi-me de uma jovem de cabelo arruivado que estava de pé, mais ou menos a meio da ponte. Estava encostada ao

corrimão, a olhar para baixo, para o desfiladeiro. Quando cheguei junto dela, ela virou a cabeça e olhou para mim. Sendo uma pessoa amigável que nunca conheceu um estranho, dei-lhe um sorriso e um alegre bom-dia. Conversámos durante alguns minutos sobre a beleza encantadora dos nossos arredores e sobre como era maravilhoso o simples facto de estar vivo! Depois ela pediu desculpa e seguiu pela ponte, movendo-se na mesma direção em que eu iria dali a pouco.

Nunca me passou pela cabeça que voltaria a encontrar a bela mulher de cabelo arruivado, mas, quando entrei no Departamento de Educação Visual, meia hora mais tarde, ali estava ela, sentada atrás de uma de duas secretárias vedadas com corrimão, e, por sorte ou por Providência divina — o leitor pode fazer a sua escolha —, foi-me atribuída a outra secretária. O seu nome era Irene e eu ia trabalhar sob a direção dela.

A coisa seguinte de que me lembro foi ela apresentar-me uma pilha de cartões com imagens de marcos históricos e dizer-me que eu devia escrever em letra de imprensa os nomes e as datas destes locais no verso dos cartões. Protestei que não era um artista de letras, mas sim um pintor de quadros. Ela assegurou-me então que eu pintaria tudo o que quisesse mais tarde, mas que os cartões precisavam de letras agora; assim, avancei com o projeto.

Estava a trabalhar continuamente há cerca de quinze minutos quando senti a minha atenção desviar-se dos cartões em direção à Irene. Virei a cabeça e olhei para ela, esperando, ao fazê-lo, que ela estivesse a olhar para mim, mas senti-me um pouco desiludido ao descobrir que a mente dela estava inteiramente preocupada com o seu trabalho. Depois, subitamente, apercebi-me da figura sombria de um homem de pé, diretamente atrás da cadeira da Irene e, embora ele fosse transparente ou sombrio, tinha substância suficiente para que eu pudesse ver com bom detalhe a tez avermelhada do seu rosto e todo o resto do seu corpo.

Estava a olhar para baixo, para a cabeça da Irene, com um sorriso gentil nos lábios e o que me pareceu ser uma grande quantidade de afeto nos olhos. Tinha ambas as mãos, que pareciam fortes, apoiadas

nos ombros da Irene. Depois, mesmo enquanto eu o observava, ele desapareceu.

Sabendo que me expunha a um possível ridículo, contei-lhe o que tinha visto e descrevi-lhe o homem. Ela escutou-me com o que parecia ser mais interesse do que surpresa ou dúvida. Depois disse, de forma natural: “Essa descrição ajusta-se ao meu pai, que faleceu há pouco tempo.” Claro que nós não o sabíamos na altura, mas esta experiência ia ser o primeiro de uma grande quantidade de passos que daríamos juntos no mundo do desconhecido.

Penso que este é um lugar tão bom como qualquer outro para declarar que a experiência acima não foi de modo algum o meu primeiro encontro com o mundo da psique. Na verdade, ao olhar para trás através dos anos, posso recordar apenas alguns deles nos quais não tivesse tido pelo menos uma experiência de natureza psíquica. Estou agora no processo de colocar estas experiências noutra forma de livro, o qual espero ver publicado num futuro próximo.

A Irene e eu casámos em Yuma, Arizona, a 4 de julho de 1942. Cerca de um mês mais tarde, ela informou-me, uma manhã, de que eu falava imenso a dormir. Quando lhe perguntei sobre o que falava, ela disse que não sabia porque eu parecia falar em línguas estrangeiras. Esta informação não me surpreendeu porque eu já tinha sido acusado disso várias vezes nos anos anteriores, uma delas por um médico e cirurgião local que tinha passado muitos anos na Índia. Ele era autor de vários livros sobre filosofia hindu. O incidente ocorreu em fevereiro de 1935. O médico, ao saber que eu sabia operar uma máquina de escrever, perguntou-me se eu passaria um manuscrito que ele tinha terminado recentemente para a forma dactilografada. Depois de eu o avisar de que não era de modo algum um dactilógrafo profissional, mas que teria todo o prazer em dactilografá-lo, ele sugeriu que fôssemos para a sua cabana nas montanhas.

Estava bastante frio quando chegámos à cabana, por isso o médico acendeu um lume na lareira, depois foi estender-se num sofá e eu sentei-me e comecei a trabalhar no manuscrito dele. O assunto tratava da prática de Ioga da respiração rítmica. Estava a trabalhar há cerca de duas horas quando o médico sugeriu que eu descansasse um

pouco. Não tendo mais nada que fazer, levantei-me e, indo até à lareira, sentei-me numa grande cadeira de verga com encosto alto e adormeci quase imediatamente.

A coisa seguinte de que me lembro foi o médico a abanar-me para me acordar e a falar-me numa língua muito estranha. Ao assegurar-lhe que não tinha qualquer compreensão da língua que ele estava a falar, ele informou-me de que era um dialeto hindustani e continuou, dizendo que eu o tinha estado a falar com bastante fluência a dormir e que lhe tinha estado a fazer algumas observações construtivas sobre o seu manuscrito. De qualquer modo, para encurtar uma história muito longa, o meu "falar a dormir" continuou durante cerca de dez a quinze minutos quase todas as noites durante os três anos seguintes, mas eu não conseguia encontrar ninguém que pudesse lançar qualquer luz sobre a sua causa ou propósito.

Depois conhecemos um homem chamado N. Meade Layne, que tinha um excelente percurso académico. Tinha sido professor na Universidade da Califórnia do Sul e em várias outras universidades e tinha sido chefe de departamento na Wesleyan, Illinois, e no Southern College, Flórida. Completamente à parte da sua formação académica, tinha um interesse e conhecimento consideráveis nos campos das leis metafísicas e ocultas.

Passei duas horas com **o** Sr. Layne, tempo no qual ele me interrogou sobre uma série de coisas, incluindo o estado da minha saúde física e emocional. Depois perguntou-me se eu alguma vez tinha tido quaisquer experiências com fenómenos psíquicos. Disse-lhe que sim e relatei-lhe várias delas. Ele escutou com o que me pareceu ser uma grande quantidade de paciência e depois disse: “Pode ser o que se chama um médium de transe. A sua afirmação de que fala em línguas estrangeiras a dormir parece indicar que seres desencarnados podem estar a tomar o controlador de si durante as suas horas de sono.” o Sr. Layne sugeriu que teria todo o gosto em realizar algumas sessões experimentais com a Irene e comigo, se assim o desejássemos.

E assim foi que realizámos a nossa primeira sessão em setembro de 1945. A primeira coisa que o Sr. Layne fez quando chegou à nossa casa foi fazer-me sentar a uma pequena mesa de jogo, depois,

colocando a Irene à minha direita, sentou-se de frente para mim e, ao mesmo tempo, apagou a luz, mergulhando a sala na escuridão.

Após alguns momentos de silêncio, o Sr. Layne disse: “Tudo o que podemos fazer agora é relaxar e esperar; depois, desde que as condições na sala sejam adequadas para os seres do outro lado da vida, eles podem dar-nos algum sinal de reconhecimento.” Depois disse-me: “Mark, se o teu falar a dormir é na verdade provocado por personalidades desencarnadas, é provável que eles tentem colocar-te em transe.”

A ideia de perder subitamente a consciência era um pouco enervante e eu estava prestes a expressar os meus sentimentos de inquietação quando fui atingido por uma vaga de tontura que quase me fez rolar da cadeira. Depois a tontura passou, seguida por aquilo que só posso descrever como euforia. Mas que tremenda euforia foi! Ondas ondulantes de arrepios subiram pelo meu corpo, dos tornozelos ao plexo solar, até à cabeça. Mas não eram o tipo de arrepios que se sentem por se ter frio, mas sim como aqueles que temos quando escutamos música excecionalmente bela ou enquanto observamos um pôr ou nascer do sol invulgar.

Quanto tempo permaneci neste estado de êxtase, não sei, mas quando este me abandonou e eu estava acordado de novo, o Sr. Layne e a Irene disseram-me que eu tinha estado no que parecia ser um estado profundo de transe por aproximadamente quarenta e cinco minutos e que uma voz, completamente diferente da minha, lhes tinha falado. A voz tinha-se apresentado com o nome de Martin Lattimore Lingford. Disse que tinha sido um homem do espetáculo e que tinha vivido em Nova Iorque há cerca de quarenta anos. Depois continuou, dizendo que havia quinze outros para além dele que tinham formado um grupo em redor de mim nos planos interiores e que cada um deles, por sua vez, viria apresentar-se à medida que o tempo passasse. Disse que tinham passado muitos anos a condicionar o meu cérebro e o meu corpo para que me pudessem usar para comunicar através de mim com o menor dano possível para o meu ser físico e mental.

Parece então que a Irene perguntou à personalidade chamada «Lingford» se o meu falar a dormir (sempre em línguas estrangeiras)

fazia parte do programa de condicionamento, ao que ele respondeu que sim. “Contudo”, continuou, “... nenhum dos membros do grupo ao qual pertenço falou através dele durante as suas horas de sono, mas fizemos com que outros trabalhassem através do seu cérebro e do seu corpo como unidades experimentais, enquanto nós nos mantínhamos por perto fazendo observações cuidadosas sobre os efeitos que eles causavam na constituição geral física e mental do seu marido.”

Quando a Irene perguntou por que razão tinham deixado apenas pessoas que falavam línguas estrangeiras usar-me, Lingford disse: “Não estávamos preparados para que soubesse o que se passava, e a única forma de podermos evitar que soubesse e ainda assim continuar as experiências era usar aqueles que não tinham conhecimento da língua inglesa, e como nem a senhora nem o Mark compreendem nenhuma das línguas estrangeiras, isso tornava a situação, embora desconcertante para si, verdadeiramente ideal para nós!” Após esta declaração, Lingford disse boa-noite e partiu, e eu acordei.

Durante quase três anos a partir daí, realizámos sessões privadas uma vez por semana com **o** Sr. Layne e, ocasionalmente, alguns dos nossos amigos mais próximos eram convidados. No fim do primeiro ano, quase todos os membros do grupo nos “Planos Interiores” que Lingford tinha mencionado na sessão de abertura tinham vindo e se tinham apresentado, dando breves relatos sobre quem e o que tinham sido na Terra, mas o mais importante de tudo, deram-nos alguma informação detalhada relativamente à natureza do trabalho que esperavam fazer através de mim durante os anos seguintes.

Eles tinham não só escolhido a Irene para ser a minha esposa, mas para ser a sua guia pessoal e assistente no trabalho. (E gostaria de dizer aqui que ela tem sido muito mais do que isso, tanto para os seres maravilhosos que aprendemos a chamar de nossos "Professores" como para mi próprio ao longo dos quinze anos em que este trabalho tem estado em curso.) Também nos instruíram no sentido de que o trabalho seria quase inteiramente de natureza educativa e de que não devíamos esperar muito deles no que diz respeito a assuntos pessoais.

Não tendo um gravador de fita nos primeiros anos do trabalho, uma grande amiga nossa chamada Sr.ª Harriet Foster, que era uma

estenógrafo perita, assistia às sessões e registava textualmente as conversas transmitidas pelos Professores em taquigrafia. Mais tarde, **o** Sr. Layne publicou estas num pequeno folheto chamado Round Robin e, depois, num momento posterior, foram impressas em folhetos separados e chamadas de Os Relatórios das Sessões de Mark Probert. Estes escritos chegaram a centenas e milhares de pessoas nos Estados Unidos e em muitas outras partes do mundo.

A fim de dar continuidade ao trabalho, os professores sugeriram que tinha chegado o momento de abrir as reuniões a todos aqueles que desejassem assistir. Observando o crescente interesse no tipo de trabalho que se esforçavam por fazer, os membros do Círculo Interior (o novo nome que os Professores escolheram para o seu grupo) também sugeriram que começássemos a levar o trabalho às pessoas sob a forma de viagens de conferências. Foi nesta altura que decidiram ditar-me um livro de forma clariaudiente. Intitularam o livro de A Mala Mágica. Este título é explicado noutro local estas páginas pelo Professor Lao-Tse.

Foram precisos cinco anos para que o Círculo Interior me ditasse o conteúdo de A Mala Mágica, mas em tempo real de escrita tenho a certeza de que foi muito menos do que isso, pois o ditado era dado periodicamente.

Depois, uma noite em 1947, o ano em que começaram a ditar-me o livro, cinco dos meus Professores apareceram subitamente na sala de estar do meu apartamento. O facto de os estar a ver de forma clarividente em nada diminuiu o meu sentimento de medo e, se eles não tivessem de alguma forma tomado o controlador de mim mentalmente, eu teria fugido pela minha porta da frente e talvez sem a abrir! De qualquer modo, acalmaram-me assegurando-me de que eram alguns dos membros do Círculo Interior e que, por isso, não tinha motivos para os temer. Disseram depois que o seu único propósito ao mostrarem-se a mim era fazer com que eu pintasse retratos deles.

Fiz esboços a lápis dos cinco e eles partiram, dizendo que regressariam conforme o tempo o permitisse para fazer com que eu terminasse os retratos a óleo. Alguns destes retratos foram

fotografados e incorporados em A Mala Mágica, juntamente com alguns outros que eu pintei numa data posterior.

A fim de publicar e disseminar os ensinamentos do Círculo Interior, formámos uma organização chamada Kethra E'Da Foundation. Kethra E'Da significa "Professores da Luz". A organização foi fundada a 6 de julho de 1956 e é uma fundação educativa sem fins lucrativos.

## NOTA CONCERNENTE À MEDIUNIDADE DE MARK PROBERT

As sessões referidas na nota autobiográfica precedente por Mark Probert foram iniciadas em setembro de 1945, em San Diego, e estão ainda a ser realizadas à data desta escrita (julho de 1962), mas, como seria de esperar com o auxílio do tempo e da experiência, cresceram em estatura moral e têm agora alcançado uma atenção quase mundial.

Uma nota concernente ao desenvolvimento desta mediunidade poderá ser de interesse. Ao início, como **o** Mark mencionou no capítulo Falando de Mim, ele falava frequentemente durante vários minutos durante o seu sono e sempre em línguas estrangeiras e esta xenoglossia, ou "dom das línguas", estendeu-se ao trabalho das sessões, de modo que foi difícil durante algum tempo obter comunicações em inglês. Os "Controladores" explicaram desde então que isto tinha sido permitido por eles como um meio de condicionar o

organismo para que, após a sua observação de como o corpo reagia ao uso do mesmo por entidades que não fossem as dos membros do Círculo Interior, eles o pudessem usar inteligentemente quando o momento apropriado chegasse.

Durante algum tempo após a primeira sessão experimental, era costume de alguns dos Controladores começarem a falar na língua que lhes era mais familiar durante alguns minutos antes de começarem a falar em inglês, mas ultimamente todos eles, com a exceção daquele que se autodenomina Yada di Shi'ite, preferem usar a língua inglesa o melhor que conseguem, em vez de recorrerem às suas línguas nativas.

Os principais controladores não têm demonstrado ser de forma alguma sugestionáveis, e não há nada que indique que não são exatamente o que parecem ser: personalidades humanas normais e plenamente integradas. Eles acolhem discussões livres e deliberarão longamente se tal parecer servir um propósito útil.

As sessões têm contado, de tempos a tempos, com a presença de psicólogos, hipnotizadores, médicos, físicos e outros investigadores nas ciências, e os controladores têm-se mostrado abundantemente capazes de se defenderem nas discussões com eles. Quase todas essas conversas têm estado fora do âmbito da educação, do vocabulário e dos interesses normais do médium.

Finalmente, deve notar-se que os controladores rejeitam especificamente qualquer pretensão de omnisciência — "Não obterão nada a não ser opiniões, em todos os planos." — e são muito cautelosos e reservados a fazer previsões, dizendo, na prática: "Temos mais meios de informação do que os senhores e podemos ver um pouco mais além e mais claramente, mas estamos sempre sujeitos ao erro por decisões imprevistas no vosso plano, bem como por outras limitações naturais."

Todas as sessões são conduzidas em plena luz do dia ou com boa luz artificial, sem formalidades ou qualquer tipo de cerimónia religiosa. Algumas delas realizam-se em casas particulares. Onde o número de pessoas presentes é limitado, há naturalmente uma troca mais livre de ideias sobre assuntos ocultos e científicos do que é

possível onde as pessoas se reúnem às centenas, como em grandes salões públicos.

Nestas sessões, o investigador do sensacional sem dúvida ficaria desiludido com a falta daquilo que poderá considerar como o estranho e o anormal. As pessoas simplesmente sentam-se e conversam calmamente e **o** Mark, na maior parte das vezes, pode estar a falar e a rir com o grupo quando um dos controladores toma o controlador dele e o coloca em transe, ou adormece a sua mente consciente, e começa a falar através dos seus lábios.

Às vezes, a entidade controladora pode começar por usar um tema que alguém no grupo esteve a discutir, ou pode começar com um assunto seu. Pode falar durante uma hora a uma hora e meia e depois perguntar se há alguém no grupo que gostaria de fazer perguntas relativamente às coisas sobre as quais ele esteve a falar; se não, qualquer pessoa fica livre para fazer perguntas sobre qualquer assunto desejado. Estas sessões duram geralmente duas horas e meia, mas em certas sessões privadas onde assuntos científicos foram discutidos, elas duraram até cinco horas, com **o** Mark em transe a maior parte desse tempo.

Nos primeiros dias do trabalho, de cinco a nove controladores manifestavam-se numa sessão, mas não demorou muito até que decidissem que não havia nada a ganhar com tantos deles a usar o corpo de **o** Mark ao mesmo tempo e que, a continuar, isso poderia revelar-se prejudicial para a sua própria personalidade. Por isso, reduziram o número para dois e nunca mais de três numa sessão. Como regra, ao fim da sessão, **o** Mark sente-se descansado e refeito, e o trabalho parece ter beneficiado grandemente a sua saúde geral.

O que tenho estado a dizer refere-se às sessões. Mas deve ser claramente compreendido que o manuscrito deste livro não foi recebido dessa forma, com o médium em transe. Este manuscrito foi ditado a **o** Mark através do seu dom de clariaudiência. Se ou quando um "comunicador" (não um controlador neste caso) quer dizer algo, começa a falar, e **o** Mark “ouve” as palavras de forma muito semelhante a como ouve qualquer um dos sons físicos normais, só que, em casos deste género, o sistema auditivo parece estar

sintonizado com oitavas de som que estão além do alcance normal do ouvido humano.

Estes comunicadores não respeitam locais no que diz respeito ao ditado do material para este livro; começaram os seus ditados em comboios ou autocarros, em restaurantes ou em qualquer outro lugar onde por acaso encontrassem o Mark. Contudo, se ele não estivesse preparado para receber os seus ditados, simplesmente pedia-lhes que regressassem quando estivesse numa melhor posição para o fazer (penso que deve notar-se aqui que estes "invisíveis" nunca se impuseram ao Mark em momento algum e têm sido inteiramente cooperativos com qualquer pessoa que mostre algum interesse real neles e nos seus esforços com o homem aqui na Terra). Com o tempo, **o** Mark decidiu trazer consigo um lápis e um caderno de folhas soltas e, permitindo-o as condições, de bom grado anotava o que os comunicadores tinham a dizer onde quer que se encontrasse. Estes ditados podiam durar desde uns minutos a uma hora ou pouco mais e depois, sem razão aparente, os comunicadores podiam ficar silenciosos durante semanas ou meses a fio e regressar subitamente para retomar o discurso exatamente onde o tinham deixado.

Aparentemente, um ou outro destes amigos invisíveis está com **o** Mark constantemente, e fazem referências às suas palavras e ações conforme as observaram. Na verdade, parecem conhecer inúmeros detalhes das vidas de todos nós que estamos estreitamente associados à sua mediunidade. Uma queixa casual minha sobre viver “num universo de aquário” causou-lhes algum divertimento. “Exatamente...”, disseram eles, “mas por que haveria alguém de querer esconder o que quer que fosse? Todos nós parámos e dissemos exatamente o mesmo tipo de coisas.”

Uma palavra sobre a organização do material neste livro — se é que se pode dizer que está “organizado”. No geral, apresentámos as comunicações na sequência em que foram dadas. Isso significa que cada comunicador fala sobre o seu próprio tema, e se este tem algo a ver com o assunto precedente ou não é de pouca preocupação para ele. Tentar organizar este material num tratamento sistemático de diferentes assuntos seria muito difícil e falharia, além disso, em dar uma imagem fiel de todo o processo notável. E esperamos que o leitor

perceba também que conversas de improviso, quando passadas para o papel, frequentemente carecem de virtudes literárias. A linguagem nem sempre é podada, refinada e clarificada no bom estilo dos manuais escolares.

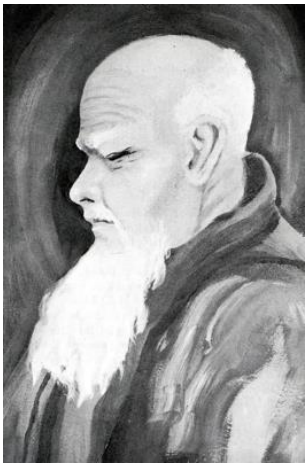
Esta maneira informal e conversacional é, naturalmente, mais manifesta nas centenas de páginas dos Relatórios das Sessões e nos registos antigos de reuniões realizadas nas quais as conversas de quase todo o grupo principal de controladores, bem como de inúmeros outros seres, foram transcritas; está também presente no ditado clariaudiente deste manuscrito de A Mala Mágica, como o crítico da forma literária facilmente descobrirá.

Fechamos esta nota com uma breve citação da Enciclopédia de Ciência Psíquica de Nandor Fodor, no seu artigo sobre mediunidade:

«O acordo é agora quase geral de que a mediunidade não é patológica. Não é um desenvolvimento de certos estados anormais como a histeria. A confusão surge do facto de os fenómenos supernormais usarem os mesmos canais de manifestação que os fenómenos anormais. Estes últimos são degenerativos, os primeiros são de desenvolvimento e mostram a promessa de poderes até agora desconhecidos. Flournoy diz: “Está longe de estar demonstrado que a mediunidade seja patológica; é anormal no sentido de ser rara, mas a raridade não é morbilidade. A visão dominante entre os sábios é a de que se trata de uma faculdade superior, saudável e vantajosa, não de uma paródia patológica ou de uma caricatura mórbida.”. O Dr. Guiseppe Venzano diz que a mediunidade exclui absolutamente a ideia de morbilidade. A questão da inteligência do médium nada tem a ver com os poderes psíquicos. Mas pode influenciar o poder dos

comunicadores para transmitirem ideias claras... A mediunidade é um dom delicado e o seu desenvolvimento voluntário requer grande cuidado e compreensão...».

Meade Layne San Diego, Califórnia



## O CONTROLADOR LAO-TSE

## EXPLICA O TÍTULO DESTE LIVRO

A Mala Mágica — O que queremos dizer com isto? O que é a "mala"? A mala é a consciência — e nesta mala está tudo. Ora, uma mala parece ter dois lados, um interior e um exterior, mas na verdade não tem. Pois se houvesse um exterior e um interior reais, a mala não poderia ser virada do avesso, porque não haveria inter-relação entre eles, o que significa que seriam duas coisas separadas. Quando entramos no mundo físico-químico, estamos a virar a mala do avesso; e quando regressamos a outros estados de consciência à parte do físico, estamos a virá-la de volta. Contudo, a crença do entrar e sair da consciência não passa de maya, ilusão, pois em verdade nós somos a mala e tudo o que está nela!

## PRÓLOGO

### por Martin Lattimore Lingford

Quando ditei o Prólogo para A Mala Mágica em 1950, sentindo quase a certeza de que haveria outro conflito global, expressei os meus sentimentos em conformidade. Contudo, o Tempo, o grande provador de todas as coisas, mostrou que errei no meu julgamento; mas talvez me possa consolar afirmando o óbvio: que embora as nações do

mundo tenham falhado até agora nos seus esforços para criar uma guerra armada, dificilmente se pode negar que terão de falar até à morte para a evitar. E como se costuma dizer que as palavras podem ser mais mortíferas do que as balas, parece que o homem não tem escolha sobre morrer, mas apenas na forma como vai morrer. A palavra "morte", como muitos de vós já sabem, não significa apenas a dissolução do corpo — significa também estar cortado da verdade, e esta é uma condição muito pior para o ser humano do que a morte física.

Ora, há uma verdade que diz: "O homem nasce com a semente da sua própria destruição dentro de si e, até que se torne conscientemente ciente do lado mais vasto de si mesmo, continuará a semear e a colher os frutos dessa semente.". A natureza básica desta semente chama-se medo do desconhecido.

No que diz respeito ao mundo físico, a primeira manifestação do medo do desconhecido é sentida na psique à nascença e chama-se trauma do parto. O facto é que o medo, ou algo muito estreitamente relacionado com ele, é estabelecido na psique de todas as coisas vivas quando qualquer uma dessas coisas está prestes a fazer um movimento de um ponto com o qual está familiarizada para outro com o qual não está. Se aceitarmos tudo isto como sendo verdade, então devemos supor que o medo é uma das propriedades naturais da psique, da amiba ao homem.

O homem, por outro lado, pode ser tão iluminado relativamente à natureza do seu próprio ser que o medo, juntamente com os outros elementos que pertencem à psique-eu emocional inferior, é eliminado. Este processo de eliminação chama-se autodesenvolvimento consciente. Prefacio a palavra "autodesenvolvimento" com a palavra "consciente" porque este desenvolvimento é uma atividade da mais alta ordem e só pode ser eficaz quando praticado com atenção consciente, não apenas sobre o que se está a fazer, mas sobre a razão e o propósito de assim o fazer.

O autodesenvolvimento é um esforço para obter o controlador consciente sobre o eu emocional inferior. Mas por que haveria alguém de querer obter o controlador sobre o eu emocional inferior? A

resposta a isto é que a pessoa viveu com ele durante um determinado período e subitamente descobriu que ele é um asno, um asno paranoide esquizofrénico, o verdadeiro duende das trevas que cria tempestades furiosas nas mentes dos homens que os conduzem à autodestruição.

Na maior parte das vezes, quando a pessoa se depara subitamente com a perceção do asno dentro de si, isso de tal modo a horroriza que se sente impelida a livrar-se dele à pressa. Este sentido urgente da necessidade de pressa move-a — e suspeito que, ao fim de algum tempo, de forma bastante enfadonha — para inúmeras modas e fetiches, tais como dietas severas, abstenção de sexo e de carne e, sem dúvida, a prática de certas formas de respiração de ioga. Ora, embora todas estas coisas tenham o seu próprio mérito e sejam muito úteis no seu tempo e lugar, pouco farão para acalmar o asno dentro de nós onde o possamos colocar sob o nosso controlador consciente.

Os professores no passado, pelo menos alguns deles, instruíram os seus estudantes da Vida de que, se esperavam estar livres dos tormentos da vida física, seria necessário que matassem o eu do ego. Receio, contudo, que matar o ego transforme a pessoa num estoico. Um estoico é uma pessoa que é totalmente indiferente tanto à dor como ao prazer e carece igualmente das qualidades chamadas amor e compaixão e é, portanto, um zombie ou uma pessoa morta-viva.

O amor e a compaixão são coisas que fazem a diferença entre a besta ou o humano em nós. Embora haja, como tentei deixar claro, uma grande necessidade de o indivíduo obter o controlador consciente dessa parte do ego chamada eu emocional inferior, fi-lo apenas porque sei que na realização desta tarefa muito difícil seremos melhores humanos. Por “melhores” quero dizer mais despertos.

As estatísticas da psiquiatria mostram que, embora maiores massas de pessoas, especialmente aquelas na metade ocidental do mundo, estejam a sofrer menos de doenças físicas, os males mentais estão a crescer a um ritmo alarmante. É, escusado será dizer, desnecessário estudar as tabelas impiedosas das estatísticas para se certificar da verdade relativamente ao estado mental da raça humana, pois a informação é trazida diretamente para as nossas casas através

dos jornais sensacionalistas, da rádio e da televisão. Mas é praticamente inútil que a pessoa seja consciencializada de que está mentalmente doente se continua sem saber o que está a causar a sua doença.

Ora, ao procurarmos as causas para os muitos males que assolam a raça humana, tanto individualmente como em massa, devemos aceitar o facto de que a natureza intrínseca do homem é mental e, como tal, é uma total estranha à condição chamada mundo físico-químico. Embora esta teoria possa parecer estranha àqueles de nós a quem foi ensinado que o mundo físico-químico é uma criação do Eu Mental, veremos que não há nada de estranho nela quando percebermos que foi, no início, uma criação completamente inconsciente. Depois, lentamente, através do processo daquilo que se chama «evolução», tornou-se uma criação consciente ao formar um organismo sensorial através do qual funcionar. No momento em que o Eu Mental se tornou ciente do seu sonho chamado «criação», perdeu a consciência de que era o Sonhador e assim mergulhou num mundo de sofrimento.

O eu consciente é o eu emocional sensorial e é, portanto, o asno que está constantemente a zurrar aos céus que está a ser subjugado, mas não pode fazer outra coisa senão isto até que alguma Luz de O Criador, o Eu Inconsciente, se infiltre para o informar: "Tu não passas de um sonho, e desaparecerás à medida que acordares em Mim!".

Na Bíblia cristã, o homem Jesus é por vezes retratado a montar um burro, ou asno. Este é um símbolo de o Eu Superior ter o controlador consciente sobre o eu inferior; o asno representa o Jesus, o eu do ego, sobre o qual a Consciência Crística tem o controlador.

Novamente, encontramos o homem chamado Jesus a ser assassinado numa cruz, e é acreditado pelo asno em nós que ele está a sofrer este horror para nos salvar daquilo que fomos ensinados a considerar como os nossos "pecados", por isso o asno chora com um olho em fingida tristeza pelo que pensa estar a acontecer e regozija-se com o outro em satisfação masoquista pela dor que outrem está a sofrer em seu lugar. Contudo, a crucificação é um símbolo de o eu

emocional inferior acordar do seu sonho material, a cruz, para o seu verdadeiro Eu, o Cristo.

Ora, por mais verdadeiro que o que precede seja, não vai demonstrar grande valor para o indivíduo caso ele aceite estes conceitos meramente como dados intelectuais, nem os pode usar como matéria para a sua mente raciocinante, pela razão de que a sua mente raciocinante é simplesmente uma parte do eu material que foi condicionada pelo seu meio material e, portanto, não tem forma de raciocinar com nada que exista fora dessa área de compreensão.

Há formas de o homem estender a mão para além deste sonho material, e a maioria de nós está a fazê-lo uma grande parte do tempo; mas o problema é que se trata largamente de uma forma inconsciente de atividade e, por isso, não estamos cientes disso.

O eu inferior está num estado constante de desejar, esperar e pedir por uma coisa ou outra. Esta é uma das "formas" de estender a mão para além do sonho material, mas não é uma forma muito boa, primeiro, porque não estamos, por norma, cientes do que estamos a fazer e, segundo, porque o eu inferior está tão carregado de vergonha e culpa que basta fazer um desejo por algo para que prontamente estabeleça um bloqueio contra o facto de o ter, por sentimentos de indignidade.

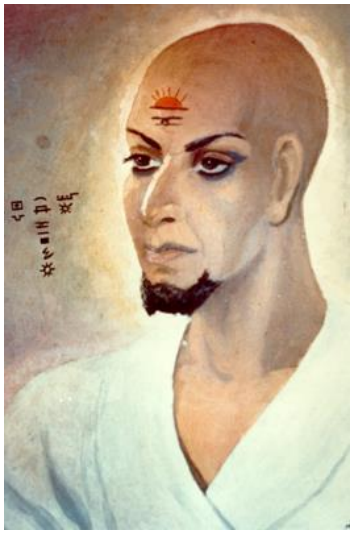
O Inconsciente, não tendo forma de argumentar contra as sugestões que lhe são fornecidas pelo eu consciente ou inferior, simplesmente devolve em espécie o que lhe foi dado. Isto significa que, se os nossos desejos forem de natureza positiva e não contaminados com medos e incertezas, eles serão cumpridos, talvez não tão prontamente como a pessoa possa ter esperado, nem da maneira exata, mas manifestar-se-ão. Disto podem estar certos!

Há muitas outras formas de alcançar o lado mais expansivo de nós próprios do que as mencionadas acima. Algumas destas formas chamam-se clarividência, clariaudiência, projeção psíquica e uma condição à qual chamamos "expansão mental". Esta última, embora estreitamente relacionada com a projeção psíquica, sinto ser mais segura de praticar, especialmente para o principiante; a segurança da mesma reside no facto de nenhum corpo secundário ser criado como

veículo no qual se mover. O problema com o esforço da mente para criar corpos é que esta também cria automaticamente a necessidade de proteção dos mesmos. Isto, naturalmente, traduz-se numa quantidade tremenda de distração para a mente que criou o corpo, limitando assim as suas atividades de procurar conhecer o seu Eu.

Ora, por muito que eu gostaria de entrar nestes assuntos com maior extensão, não seria prático fazê-lo aqui, pois, à parte das limitações do espaço que me foi dado, vários dos outros membros do Círculo Interior abordam estes assuntos de uma forma ou de outra e de uma maneira que espero que seja tanto satisfatória como educativa para si, o leitor.

Martin Lattimore Lingford



**E YADA DI SHI'ITE**

Esta personalidade nasceu na cidade de Kaoti (Cidade dos Templos) numa civilização chamada Yuga (Corpo Vasto), ou Yu. Esta civilização consistia em 180 milhões de pessoas e existiu há meio milhão de anos. Estava localizada nas montanhas dos Himalaias. Ele foi retirado à sua mãe quando era bebé e criado nos templos, para se tornar um Kata (Sacerdote) e mais tarde Sumo Sacerdote ou Yada. A palavra significa realmente "Vida Espiritual". Ele foi, portanto, um dos chefes de uma ordem mística chamada Shi'Ite.

A civilização Yu tinha sido fundada por um homem chamado Na Sep Ni Ha, que significa o sétimo filho de uma família chamada "Ha".

E Yada foi morto num violento sismo que destruiu completamente a civilização juntamente com oitenta milhões dos seus habitantes. E Yada tinha cerca de trinta e quatro anos quando morreu e a civilização Yu mil e vinte e quatro quando terminou.

## DO ARQUÉTIPO À PLURALIDADE por E Yada di Shi'ite

Quando o Homem atingiu pela primeira vez o estado final do seu crescimento físico, era um ser belo e perfeito de alta inteligência. Muito maior era o seu estado de sabedoria e intelecto do que é hoje, e excessivamente mais perfeito o seu corpo; ele construiu para si próprio grandes e maravilhosas civilizações que eram moldadas segundo a poderosa civilização de onde veio — a Etérica.

Tomem nota da imponência de quase todas as civilizações antigas — as esculturas infinitas e intrincadas, as pinturas e os desenhos gerais em quase todas as coisas que possuíam. Os senhores chamam a estas esculturas, pinturas e desenhos "religiosos" e sentem que a maior parte deles são desenhos ou as manifestações de uma tendência de mente supersticiosa, mas isto está longe da verdade. A maior parte destas esculturas e pinturas e desenhos são conversas simbólicas e são, portanto, lembranças da raça humana de quando a língua original era inteiramente simbólica. Nenhumas palavras eram proferidas — todas as conversas eram realizadas por comunicação mental, onde uma imagem mental de uma coisa ou coisas era projetada. A linguagem dos símbolos é o máximo em perfeição, pois não há mal-entendidos no que está a ser dito e, portanto, não há necessidade de fazer explicações sobre as coisas.

Muitas destas primeiras civilizações compreendiam e usavam a eletricidade, tinham pleno conhecimento do poder atómico e do uso de ondas sonoras de alta frequência, e conheciam a arte da levitação, bem como a lei da mutação na matéria. O endurecimento do cobre, por exemplo, foi inicialmente conseguido através do conhecimento desta arte perdida da mutação. Certos tipos de ácidos corrosivos e choques de eletricidade de alta potência provocavam mudanças quase instantâneas nos metais. Na verdade, eles conheciam todas as vossas

abordagens científicas modernas da vida e muitas de que os senhores ainda não têm conhecimento.

As drogas, como as conhecem na vossa era atual, eram conhecidas, mas não aplicadas ao corpo físico como agentes curativos, pois eram consideradas um veneno mortal que acabaria por trazer uma condição pior do que o mal de que se sofria. Se o mal fosse considerado sério, o paciente era colocado sob um estado hipnótico somnolístico e aí era-lhe dito para ajustar a condição do seu corpo ao seu estado normal. Por vezes, este tratamento hipnótico continuava durante dias, mas a maior parte das vezes algumas horas do mesmo eram tudo o que era necessário. Quanto maior a malignidade da doença, mais profundo era o transe, até que o Eu fosse alcançado e obrigado a dizer o porquê de tal. Quando o Eu explicava a causa da sua irritação, era-lhe então assegurado que o mal-entendido "exterior" seria corrigido e ele poderia passar a reparar a rutura entre si e a sua máquina física.

O corpo de desejo trabalha de forma automática e sem razão ou lógica. Pensa apenas em termos de sim ou não, sem considerações intermédias, sendo altamente agradado por um estímulo ou grandemente deprimido por este. Numa pessoa bem controlada, o corpo de desejo remete todo o estímulo "exterior" para o E-Ka-Ya, o Alto Espírito ou Eu, e se o E-Ka-Ya, ou Eu, julga que este está em conformidade com o ambiente em que se encontra e em harmonia com a natureza, torna-se mais ciente do seu eu físico e, deste modo, cuida melhor dele. Mas se o corpo de desejo envia de volta um estímulo que não é "natural" para o Eu, este rejeita-o; e se o corpo de desejo continua a enviar de volta um estímulo outrora rejeitado pelo Eu, a fim de escapar àquilo que sabe não ser bom, o Eu começará a retirar-se da sua máquina física, fechando o seu sentido de consciência em relação a ela. Isto, lenta ou rapidamente — conforme o caso —, deixa o corpo aberto para que a E-Na-Da, a força da morte, assuma o controlador cada vez mais, até que disrompa o corpo físico a tal ponto que o Eu já não possa operar através dele, nem mesmo daquela forma a que chamam “subconsciente”, e assim parte, e o corpo logo começa a decompor-se.

Ora, algumas escolas dos "ensinamentos interiores" negligenciaram dizer às pessoas que a morte do corpo não significa que o Eu escape, deixando o corpo de desejo morrer com o físico. O Eu nunca se pode livrar do corpo de desejo, mas deve treiná-lo para reagir apenas ao tipo de estímulo que será bom para o crescimento ascendente de si mesmo. E o melhor lugar para esse treino é enquanto se está ainda no corpo físico, pois o corpo físico age como um isolador contra os choques de estímulo que contactam o Eu. Quando este isolamento é retirado antes de a pessoa ter aprendido a governar os seus desejos, ver-se-á a encenar automaticamente tudo o que foi impressionado no corpo de desejo, ao atingir o plano astral. Esta é uma das excelentes razões pelas quais os professores realmente honestos da "Sabedoria Antiga" avisavam os seus seguidores para viverem num estado de desapego em todos os seus atos, para que o corpo de desejo não ficasse demasiado impressionado.

Alguns dos antigos egípcios e hindus sabiam bem que o corpo de desejo era levado diretamente para o astral, mas também acreditavam que o corpo de desejo duraria apenas enquanto o corpo físico não se reduzisse a pó; e como muitos dos imensamente ricos e poderosos chefes dessas antigas civilizações se entregavam grandemente a satisfações do corpo e acreditavam que podiam continuar a desfrutar de tais satisfações também no plano astral sob certas condições, as suas mentes engenhosas dedicaram-se a fabricar uma droga com a qual pudessem embalsamar o corpo físico e mantê-lo intacto por muitos milhares de anos. É por isso, também, que todos os túmulos dos grandes reis e faraós eram selados e uma maldição era lançada sobre aqueles que os abrissem.

Embora esta fosse a atitude dos egípcios e de muitas outras raças antigas de pessoas, os hindus mantinham a crença oposta. Aprenderam a destruir o corpo físico o mais rapidamente possível após o Eu se separar dele, temendo que, se não o fizessem, se tornariam presos à terra e teriam de sofrer exatamente como tinham sofrido no corpo físico com os males da carne. Assim, os hindus cremavam os seus mortos acreditando que isso causaria o fim também do corpo de desejo no astral. Depois, acreditavam que a Mónada, ou Centelha de Vida, não tendo mais ligações em si, gravitaria automaticamente com

rapidez para um paraíso nirvânico, ou se tornaria Una com o Absoluto.

Felizmente, ensinaram a arte do desapego. Digo “felizmente” porque nem destruir nem preservar o corpo físico faz grande efeito no corpo de desejo. Não, a única esperança para o homem é treinar o corpo de desejo enquanto está ainda no mundo físico. Se não o fizer, achará extremamente mais difícil fazê-lo em qualquer um dos planos astrais. E se desejam regressos rápidos e contínuos ao corpo da Terra, basta não treinarem o corpo de desejo!

A primeira das civilizações do homem na Terra caiu no pó pela mesma razão que todas as outras que se seguiram — e o mesmo acontecerá à vossa no presente. Essa razão é o esquecimento do Grande Espírito e o perder-se na selva desorientadora do desejo, da autossatisfação. Acreditem-me, amigos, as nações do vosso mundo estão mesmo agora a cambalear à beira do desastre — do tipo que varreu a Atlântida e Mu para debaixo do mar e expulsou cem milhões de pessoas da grande civilização himalaia de Yu, após matar mais de oitenta milhões num grande terramoto e na tempestade de neve mais aterradora que alguma vez atingiu aquela parte do mundo. Ainda hoje, na secção daquelas montanhas onde esta bela civilização outrora existiu, grandes vaivéns de neve furem quase constantemente.

Por que razão tanto os indianos como os chineses consideram as montanhas dos Himalaias como sagradas? Apenas porque sabem que ali é o seu lar, ainda que para a maioria das pessoas de ambas as nações as verdadeiras verdades relativas a Yu se tenham perdido há muito no mito e na antiguidade.

Muitas civilizações vastas e maravilhosas surgiram e desapareceram desde os dias de Yu. Muitas destas depararam com fins repentinos e extremamente violentos. Na verdade, todo o globo foi sacudido e revolvido de uma ponta à outra, limpando o homem da Terra em cinco ocasiões distintas, e destruindo a maior parte da vida vegetal e animal também. Mas, embora a forma possa ser mudada, a matéria a partir da qual a forma é feita não pode ser aniquilada enquanto houver a força da vida em existência. Acredito, contudo, ser um facto observável na vossa era científica atual que, embora uma

espécie inteira possa parecer ter sido destruída, regressará novamente num corpo novo e mais superior para fazer guerra contra o que quer que tenha causado a destruição ao seu corpo original. Isto é o que se designa por "conformar-se ao ambiente".

## CRIAÇÃO

### por E Yada di Shi'ite

O espaço que agora veem e parecem sentir estar fora de vós próprios era outrora um vazio negro que se estendia por tudo, uma eternidade sem fim. Não havia vento nem elementos de qualquer tipo. Tudo estava num repouso absoluto, de um tipo que nenhum humano consegue sequer levemente compreender. E, no entanto, dentro desse vazio incompreensível havia um vasto mundo de vida e atividade incessante que superava em muito em beleza e grandeza tudo o que as pessoas da Terra alguma vez conheceram. Deixem-me fazer uma pausa aqui e agora para vos dizer que os senhores, povo da Terra, conhecerão este mundo novamente no grande e distante futuro do tempo; todos vós regressareis a casa.

Este mundo de que falo é a Verdadeira Consciência do Homem. Não necessitava de luz externa, pois era uma luz para si mesmo. O mesmo se aplica ao som e a todas as coisas de que têm conhecimento agora no vosso mundo físico. Se não fosse assim, de onde pensam então que tudo o que agora têm e amam poderia ter vindo? Nós não fazemos esta pergunta — nós afirmamo-la. Tudo era Consciência, mas nada sofria com a ilusão de uma consciência exterior.

Para vos dar uma comparação: pensem no vosso mundo dos sonhos noturnos. Este era e é o Mundo Etérico; ou, se são da crença cristã ortodoxa, podem dizer que era a Mente de Deus em que estávamos a existir. As palavras, contudo, são completamente inúteis para o descrever. Quando usamos o termo "sonho", fazemo-lo em prol do principiante ou neófito. Isto dá-lhe uma compreensão mais clara do que se usássemos "meditação consciente", que está muito mais próxima do verdadeiro estado e, embora seja apenas parcialmente alcançada pelo Iniciado, a sua verdadeira natureza é totalmente conhecida e conscientemente percebida pelo Mestre ou Adepto. Este é o estado de consciência a que os outros membros do Círculo Interior

se referiram como “movimento não-direcional”, ou movimento livre no espaço; este é o estado onde a mente perde a sua consciência de ser a observadora de uma coisa e se torna a coisa que estava a observar.

Na minha opinião, contudo, tal condição é uma ilusão. No entanto, é a ilusão divina de que sofrem apenas os deuses. A mente não pode perder a sua própria identidade completamente; caso contrário, cairia no esquecimento completo e absoluto. Perde, neste caso, a sua perceção sensorial da sua posição apenas como observadora; caso contrário, não seria capaz de trazer de volta qualquer recordação consciente da sensação experimentada de se ter tornado aquilo que tinha observado e com o qual se tinha fundido.

Falando assim, assumir que a mente não está sempre ativamente consciente de ser ela própria é, na minha opinião, pura loucura. O homem na Terra chegou a essa conclusão errónea simplesmente por estar fechado no mundo químico. Tinha, na sua maior parte, perdido a sua capacidade de ver e compreender além do seu estado de consciência tridimensional. Esta é a ilusão primordial do homem. Ele entrou no corpo físico; tomou para si a forma e, consequentemente, caiu na crença hipnótica de que a forma ou corpo é ele. O pecado, ou mal, da vida em qualquer plano não está no ato do espírito ao fazer a forma e a substância e ao entrar nelas, mas no desejo voluntário do espírito de se afundar tão profundamente na forma que perde toda a consciência de Si mesmo.

Ora, foi isto que os Senhores Soberanos descobriram que os Altos Arcanjos do Baixo Etérico estavam a trabalhar secretamente para fazer e, por isso, enviaram um mensageiro ao Baixo Etérico, proibindo os Altos Arcanjos de irem mais longe com a sua experiência de baixar a taxa vibratória do seu mundo, avisando-os de que tal ato lançaria automaticamente todos os que entrassem no Baixo Etérico numa dimensão de pensamento inteiramente nova que acabaria por lhes causar uma miséria indizível. Cegá-los-ia por éons de tempo em relação à sua verdadeira natureza. Apagaria todo o conhecimento da sua verdadeira identidade. Por outras palavras, expulsá-los-ia daquilo que a vossa Bíblia chama de o seu “Jardim do Éden”, e eles ficariam completamente perdidos nas selvas de um mundo furioso de desejo sobre o qual não teriam controlador.

“Não comam desta Árvore do Conhecimento...”, avisaram os Senhores Soberanos do Alto Mundo Etérico, “... pois no dia em que o fizerem, morrerão.”.

Os Altos Arcanjos argumentaram que sabiam bem os riscos que corriam, mas que tinham acordado certos métodos e ideado formas de regressar ao seu mundo se as coisas não corressem bem. “Além de tudo isso, somos Criadores por direito próprio, e o nosso direito é criar as coisas à nossa própria maneira e feição.”

“Porém esta coisa que fazem trará miséria aos milhões infindáveis que não só entram agora no vosso plano, mas a todos aqueles que ainda hão de vir para o Etérico Inferior. E isso não é tudo, pois embora possam pensar que conseguem descobrir ou fazer um caminho de volta, avisamo-los solenemente de que aqueles que regressarem ficarão apenas por um tempo muito curto, e mesmo desse tempo não terão memória ou conhecimento, mas terão de continuar para outro lugar — alguns por séculos incontáveis — e quando regressarem novamente ao Baixo Etérico, isso significará o seu regresso quase imediato à nova vibração baixa que estão a planear criar.”

Por mais bondoso que este aviso tenha sido dado, os Senhores Soberanos do Alto Etérico sabiam que cairia em ouvidos moucos e que os Altos Arcanjos se rebelariam contra todo o poder e autoridade, e que não havia nada a fazer senão ceder-lhes. Os Senhores Soberanos sabiam também que os Altos Arcanjos ainda não tinham descoberto o método de mudar o movimento interior para movimento exterior, mas que eventualmente o fariam. Não havia dúvida na mente dos Senhores Soberanos — por isso, após considerável reflexão sobre o assunto, decidiram não só não oferecer mais resistência aos planos do Altos Arcanjos, mas assumir a tarefa de criar o novo mundo vibratório para eles.

Esta decisão por parte dos Senhores Soberanos pode parecer a alguns tanto inconsistente como gratuitamente cruel à luz do seu aviso contra tal ato. A lógica da sua decisão ver-se-á, contudo, quando se souber que eles raciocinaram desta forma: o maior impulso da mente, seja do Senhor, do anjo ou do homem, é o criativo. E colocar um

bloqueio diante deste impulso não serve para o matar nem para o deter de forma alguma. Na verdade, todos os bloqueios a esta força apenas a fortalecem. E, também, se os Altos Arcanjos não tivessem sentido algo a faltar em si mesmos, nunca teriam sido capazes de sequer pensar numa coisa como uma vibração mais baixa do que aquela em que se encontravam.

Todo o desejo deve, mais cedo ou mais tarde, ser enfrentado; uma vez criado no pensamento, deve ser projetado e revestido com material sensorial, para que o criador do objeto possa fazer uso daquilo que criou. Quanto maior o desejo, mais substancial a projeção. Também, quanto mais baixo for o plano em que o criador habita, mais difícil se torna projetar e revestir o desejo do pensamento em substância sensorial, mas quando realizado torna-se muito mais concreto não apenas para ele, mas para todos os outros que ficam sob a influência das suas ondas de pensamento, até que após algum tempo é deixado de lado ou aquilo a que chamam esquecido pelo seu criador, e parece assumir características próprias, transmitindo a impressão de que é algo em si e por si mesmo.

Existe uma lei geralmente defendida de que um plano de consciência não deve interferir ativamente nas ações desejadas de outro plano de consciência, quer este seja mais alto ou mais baixo. O ensino e o conselho sobre toda e qualquer matéria podem ser dados; e aqui, também, entra outra lei: a de que uma vez que um verdadeiro desejo criativo é colocado em movimento por alguém num plano inferior, alguém no plano acima do seu deve ajudá-lo e instigá-lo o melhor que puder para trazer aquilo que é desejado à manifestação. Isto deve ser feito, mesmo que aquele no estado mais elevado de consciência saiba (através de experiências passadas próprias) que a coisa desejada pode causar ao seu originador uma grande quantidade de sofrimento. O homem só consegue aprender pela experiência. Ele tem de a ter para crescer.

Assim foi que os Senhores Soberanos estavam apenas a cumprir uma lei que eles próprios tinham originado quando decidiram ajudar os Altos Arcanjos a criar o novo mundo que estes tanto desejavam.

Deixem-nos agora nomear as forças ou ingredientes que foram usados para moldar o modelo ou padrão no vazio negro do Mundo Exterior pelos Senhores Soberanos do Alto Etérico. Primeiro e acima de tudo — a necessidade. Necessidade de quê? De mais conhecimento para o homem, um maior despertar da consciência. Isto não pode ser conseguido exceto pela excitação do Impulso da Vida.

Segundo, o desejo — desejo da natureza mais furiosa e intensa. As coisas desejadas: o calor, o frio, o som, a luz.

O grande segredo que os Senhores Soberanos guardavam — e sabiam que os Altos Arcanjos ainda não tinham a mínima pista sobre isso — era o Grande Vazio. Os Senhores Soberanos sabiam da existência deste vasto campo de nada negro pelo que considerariam como éons de tempo infindáveis. Qual era a sua verdadeira natureza, ou para que poderia ser usado, eles não sabiam. Tinha sido descoberto pelo mesmo método que os estudantes avançados de metafísica e de filosofia de ioga usam para descobrir o Mundo Interior do homem — a meditação.

Os Altos Arcanjos usavam uma forma de meditação, mas era mais uma concentração profunda do que uma verdadeira meditação, e era usada principalmente para os transportar de um plano para outro. Também conheciam as forças chamadas calor e frio, e como usá-las em todos os muitos planos interiores, mas nada sabiam sobre o tipo de meditação conhecido pelos Senhores Soberanos, nem sobre como projetar e direcionar estas forças fora dos planos interiores.

A criação do novo plano de pensamento era de natureza grave e séria. Quão grave e séria apenas os Senhores Soberanos sabiam. Por um lado, não estavam de todo seguros do resultado, ou se conseguiriam ou não manter sob total controlador a substância e as forças que seriam usadas para construir o novo mundo de Pensamento uma vez que fossem libertadas.

Assim, um grande grupo de Senhores Soberanos, contando-se às dezenas de milhar, desceu ao Baixo Etérico e reuniu conselho com uma vasta multidão de Altos Arcanjos, também na casa dos dezenas de milhares. os Senhores Soberanos explicaram a situação por completo aos Altos Arcanjos e revelaram o seu conhecimento secreto

do Vazio Negro. Ao mesmo tempo, abstiveram-se de lhes dizer como, através da verdadeira arte da meditação, tinham descoberto tal estado ou condição como o Vazio Negro. Claro que os Arcanjos, tal como o homem físico hoje, queriam saber como existia algo fora deles próprios. Hoje a pergunta é semelhante; os senhores perguntam: "Se há um fim para o que eu chamo espaço, o que está fora do espaço?".

Façam uma pausa aqui por um momento e reflitam sobre estas duas perguntas — as dos Anjos, feitas há milhões de anos infindáveis, e a vossa própria no presente — e depois recordem tudo o que foi dito nestas páginas até este ponto. Não vos é agora bastante claro que nem o espaço, nem o tempo, nem nada mais tem qualquer existência verdadeira em ou por si mesmo, mas todos são meramente produções e construções de matéria mental. O Vazio Negro não era mais uma condição ou coisa em si mesmo do que era qualquer outro estado de consciência e os Senhores Soberanos estavam bem cientes disso. Sabiam também que, por mais negro e vazio que o Vazio fosse, não era uma condição inútil ou um erro ou um "capricho" da Vida. O seu grande conhecimento dizia-lhes que uma condição pode permanecer sem valor aparente durante milhares de milhões de anos e depois subitamente assumir o seu lugar; e esse lugar pode transcender em beleza e valor tudo o resto que parecia tão brilhante antes.

A condição chamada Vazio Negro não era para ser explicada, disseram os Senhores Soberanos, era para ser experienciada. "Mas o tempo ainda não chegou para os senhores; e se insistem nesta nova criação, como sabemos que insistem, o tempo chegará, e em breve, em que nele entrarão e o experienciarão. Mas quando esse tempo chegar, não será como é agora; pois no vosso estado atual não o compreenderiam, e isso traria, portanto, o caos e a loucura ao vosso mundo. Tenham fé em nós e nós construiremos a vossa criação desejada."

Com isto, a reunião foi encerrada, e os Senhores Soberanos retiraram-se novamente para o seu elevado estado mental para iniciarem a criação daquilo que agora conhecem como o mundo físico-químico.

Depois de passarem muito tempo (não como conhecem o tempo) em profunda oração, prepararam-se então para um grande ritual, metade do qual realizaram em segredo, e na última metade apelaram a toda a vasta população para que emprestasse a sua força e energia. Mantras foram ditos em perfeita harmonia e uníssono, proferidos por milhões e milhões de vozes, começando num sussurro baixo e subindo até um crescendo devastador, e desvanecendo de volta a um sussurro. As grandes palavras sagradas destes mantras não vo-las podemos dar, pela simples razão de que não as conhecemos, mas foi-nos dito que algumas das vossas maiores Ordens secretas estão e têm estado na posse delas há milhares de anos.

Podemos dizer-vos também que certos destes mantras são as "Chaves de Ouro" que o homem finalmente adquire após ter completado as suas rondas de experiências físicas, tanto no mundo químico como nos muitos planos do astral. Estas Chaves sozinhas abrirão mais uma vez a porta para o Alto Etérico. Também é ensinado que certos indivíduos podem, se assim o desejarem, atingir tal estado de perceção da verdade que este negará grande parte do seu karma, reduzindo assim a necessidade que o Ego possa encontrar em si mesmo de regressar ao mundo químico. Este conhecimento deve ser adquirido enquanto se está ainda no mundo físico.

Quando o grande ritual foi levado ao seu encerramento, a vasta hoste angelical do Alto Etérico, que ainda não tinha atingido o estado de consciência de Senhor Soberano, foi dispensada e foi-lhe pedido que seguisse com a sua vida em constante oração pelo sucesso dos esforços do próximo projeto dos Senhores Soberanos. Depois, os Senhores Soberanos formaram um círculo gigante, dezenas de milhares assumindo uma postura sentada, ombro com ombro. No centro dessa vasta roda, um dos mais avançados de entre eles foi escolhido para se sentar. A sua posição era a representação do Todo Eterno.

Quando tudo estava pronto, o comando veio do Centro da Roda para que começassem a entoar os Grandes Mantras Sagrados, e ninguém deveria parar até sentir que se afastava da sua perceção sensorial do Alto Etérico. À primeira palavra proferida do canto, deveriam começar a meditar — não sobre o Vazio Negro, mas sobre

as duas energias de força chamadas calor e frio. Deveriam imaginar estas duas forças a correr alternadamente de si mesmos em torrentes tremendas; os Mantras trariam por si mesmos a consciência ciente do Vazio Negro.

A lei do grande ritual determinava que o Senhor Soberano que representava o Todo Eterno não emitisse nenhum som, mas entrasse em profunda meditação e penetrasse no Vazio Negro à frente de todos os outros na Roda e, ao alcançá-lo, devia, enquanto mantinha a sua consciência do eu, enviar de volta partes da sua consciência naquilo a que chamam a forma do "cordão de prata". A sua consciência teve de moldar dezenas de milhares destes cordões de modo a fazer uma ligação completa ou rede ininterrupta com cada uma das pequenas centelhas de consciência que iam constituir a Roda no Etérico, para que ele soubesse pelo impulso que corria ao longo do cordão quando cada um e todos estes pequenos centros de consciência ciente se tinham juntado a ele no Vazio Negro. Quando todos tivessem feito a transição, a Roda Sagrada estaria completamente formada em ambos os planos — o Superior para extrair energias do inferior. Desta maneira, podiam ambos projetar e guiar inteligentemente as energias chamadas calor e frio.

Como dissemos antes, esta era uma experiência inteiramente nova e os Senhores Soberanos observavam com o que se pode designar por respiração suspensa enquanto lutavam para manter as forças sob um estrito controlador. Subitamente, as duas energias precipitaram-se com tremenda velocidade e força uma contra a outra. Pelo mais ínfimo átimo de tempo, nada aconteceu. No relâmpago seguinte, o brilho foi de uma magnitude e intensidade aterrorizadoras, iluminando o Vazio Negro por milhares de milhões de milhas — sendo a luz de um belo verde opalescente.

Depois, a luz retrocedeu em direção ao seu centro de origem e outro átimo de tempo passou na escuridão enquanto os Senhores Soberanos observavam com crescente interesse o violento turbilhão das energias de calor e de frio. Depois, todo o Vazio Negro pareceu estremecer e balançar em ondas convulsivas daquilo a que chamam ruído, à medida que estes dois elementos batalhavam um contra o

outro pela supremacia do Vazio Negro, apenas para verem a brilhante luz verde conduzi-los cada vez para mais longe um do outro.

Ao mesmo tempo, as terríveis ondas vibratórias de som criaram um campo magnético em constante expansão que impeliu as ondas de calor e de frio a juntarem-se a velocidades tremendas; e o encontro e consequente explosão destas duas energias, o oxigénio e o hidrogénio, que atuavam como condutores para os clarões de luz a que chamam eletricidade. Ao combinarem as suas forças, formaram uma vasta nuvem de névoa. A primeira forma de eletricidade foi do tipo estático ou de fricção, criada pelo tremendo movimento vibratório das ondas de calor e de frio quando tentavam combinar-se. As ondas de clarões de eletricidade, viajando nas ondas sonoras e sendo atraídas pelos átomos de oxigénio-hidrogénio, envolviam-nos e absorviam-nos ao penetrarem na sua camada eletrónica externa e ao explodirem o núcleo.

(Na verdade, um átomo de matéria nunca atinge outro átomo, mas, ao aproximarem-se um do outro, o mais pesado dos dois desorganiza violentamente o campo magnético entre os eletrões e o núcleo, e o núcleo do corpo mais leve explode muito antes de o núcleo do corpo mais pesado o poder tocar. Também a nova onda de energia formada pelo reagrupamento instantâneo do átomo explodido pode fundir-se com o átomo que causou a sua explosão, ou um pode atrair para si um ou mais eletrões da órbita do outro; mas, em qualquer dos casos, uma nova matéria ou onda de energia é produzida.)

A partir do vasto campo de energia caótica, a vibração do som tinha atingido um tal auge de movimento que, se o sistema planetário existisse então como existe agora, poderia ter despedaçado tudo de volta a novas. Contudo, sob as condições então existentes, tornou-se um destruidor de átomos de força e proporção devastadoras, libertando muitas energias novas — a mais importante das quais foi o que agora chamam energia radiante. Com golpes esmagadores de ondas sonoras intermitentes, monstruosos tubos de vácuo, ou bolsas, formavam-se entre os golpes, sugando para as suas profundezas negras vastas nuvens de energia. Depois, ondas sonoras de alta velocidade avançavam atrás delas, esmagando as camadas eletrónicas e explodindo o caroço ou núcleo.

(Ao destruir o átomo, os eletrões são sacudidos para fora das suas órbitas e saem disparados pelo espaço; mas a sua liberdade é de curta duração — na verdade, quase insignificante, devido às muitas forças de atração em seu redor. A remoção da camada do átomo deixa-o aberto para que a força do som atue contra ele até elevar a velocidade vibratória muito além daquela que lhe é natural. Esta velocidade anormal cria um calor friccional do tipo mais intenso, fazendo com que o núcleo se desintegre num fulgor das suas próprias forças vitais — a energia radiante.)

Quando os ondas sonoras retrocediam para fora das bocas destes gigantes tubos de vácuo, partículas de radiação usavam as ondas de movimento como veículo, escapando assim dos tubos. Sendo os tubos formados numa espiral, ou em forma de perfuração — ou, melhor ainda, como a formação em espiral de uma nuvem de ciclone —, as ondas sonoras avançavam em ondas espirais, criando um vórtice semelhante a uma espiral na escuridão caótica.

Esses campos de movimento rotativos criados pelas ondas sonoras, embora fortes o suficiente para atraírem a si partículas de energia radiante, não conseguiram, no início, atrair e reter outras partículas. Em vez disso, estas passavam através das linhas espirais como se elas não existissem; mas, à medida que as tensões eram preenchidas, tornavam-se vastos campos de energia flamejante, o seu peso começava a fazer-se sentir sobre outros corpos ao seu redor, e todos os corpos mais leves dentro do seu tremendo campo de atração eram engolidos em haustos pulsantes e, com golpes esmagadores, a essência da sua energia era-lhes extraída e as suas camadas eram expelidas para o espaço.

Toda a substância, sendo nascida da Grande Mente Cósmica, ou "Roda", tem as afinidades ou aversões naturais a essa Mente. Isto é verdade também para as mentes aparentemente individuais do homem. O meu propósito ao apontar esta ideia particular é dar-vos uma compreensão mais clara relativamente à ação chamada seletividade natural, e afinidade, que ocorre no vosso mundo químico. Isto é a Coisa em si, ou o que o nosso mútuo amigo e ajudante, Meade Layne, chama de «ding an sich». É um modo de consciência do seu Criador. Embora esta lei não possa ser mudada na sua totalidade, está — como

tudo o resto — sujeita à mudança por modificação. Se não fosse pelo amortecedor chamado «modificação», todas as coisas estariam sujeitas a mudanças repentinas e drásticas e a vossa vida na Terra seria uma coisa muito diferente do que é. Portanto, vejam, se sentem que não têm mais nada pelo que agradecer a Deus, podem agradecer-Lhe todos os dias da vossa vida pela lei da modificação.

Porque seriam necessários muitos volumes grandes para explicar em detalhe a atividade global que se desenrolou na construção do Universo, e porque nestes escritos esperamos tratar de mais do que um assunto, teremos de renunciar a quaisquer prazeres que possam existir na busca de tecnicidades infindáveis.

Continuaremos o trabalho fazendo a simples afirmação de que todos os planetas, ou o que agora conhecem como corpos celestes, de qualquer tipo, foram formados ou surgiram pela lei da seletividade e repulsa que um produto químico tem por outro; e grande parte da atividade de todo o Cosmos tinha a ver com o tamanho e o peso de um corpo em relação a outro, e o seu movimento direcional, e taxa vibratória, e a sua distância em relação a outros corpos.

Uma grande parte dos gémeos de luz (ou estrelas) são milhões de anos mais velhos (conforme registam o tempo) do que a Terra e a Lua e corpos semelhantes, mas nenhum dos planetas nasceu a partir dos gémeos de luz por alguma erupção cataclísmica de nascimento, causada por planetas gigantes que se precipitassem contra um dos gémeos de luz que eram muitas vezes maiores do que o gémeo de luz da Terra (o Sol), extraindo os planetas a sua substância da matéria rejeitada pelos gémeos de luz através da força de repulsa, sendo a substância capturada em vórtices criados por um tom ou vibração sonora inteiramente diferente.

À medida que estes corpos planetários cresciam, tornavam-se caldeirões de calor intenso, atuando o calor tremendo como um agente esterilizador para impedir que os corpos em crescimento fossem invadidos pelos milhares de milhões sobre milhares de milhões de germes de vida etéricos que fervilhavam no espaço interestelar. À medida que estes planetas começavam a arrefecer, nuvens de gás sulfúrico com muitos milhares de milhas de profundidade formavam-

se em seu redor, bloqueando os raios de calor intenso do sol, que eram muito mais penetrantes devido à completa falta do invólucro áurico a que agora chamam “éter” em redor deles.

Esse invólucro áurico não se pôde formar até que a Terra e outros corpos planetários se tivessem tornado mais compactos e solidificados. Quando um corpo é colocado em movimento livre naquilo a que chamam espaço, criará uma força de pressão ao seu redor igual à sua própria massa agregada, e quando dois ou mais corpos desse tipo são colocados em tal movimento, afetar-se-ão mutuamente de acordo com o seu peso de massa e campo de proximidade. Contudo, no que diz respeito aos corpos celestes, há outras forças de variedade infindável a considerar: o seu conteúdo químico, o seu tamanho e velocidade de rotação, os seus campos de repulsa e de atração. Mas existem livros infindáveis sobre astronomia de boa autoridade. Apenas tocaremos no assunto de tempos a tempos à medida que estes escritos prosseguirem.

Mas mais uma coisa antes de fecharmos este capítulo particular: os vossos cometas contam-se aos centenas de milhares e são os geradores e semeadores de pólen cósmico, desagregando e criando e espalhando energia nova e viril por todo o vasto vazio. Apesar do seu tamanho tremendo, a maior parte deles é de estrutura relativamente leve. Se fossem de matéria pesada e solidificada, como a Terra ou outros planetas, a sua grande velocidade criaria uma tal fricção a ser exercida sobre eles que os queimaria ou os faria explodir antes de terem viajado mil milhas desde o seu ponto de originem.

O trabalho destes "grupelhos de abelhas cósmicas" é vasto em âmbito, pois não só pegam nos detritos planetários e os convertem de volta em energia utilizável, como também se precipitam tão perto dos gémeos de luz que por vezes passam mesmo através da coroa e roubam grandes quantidades de energia térmica para abastecer outros corpos cuja posição é demasiado remota de qualquer um dos gémeos de luz para obterem aquecimento direto.

Enquanto os cometas roubam vastas quantidades de energia aos gémeos de luz, os gémeos de luz estão constantemente a ser abastecidos com nova matéria mais ou menos solidificada. Vastas

nuvens desta matéria, contando-se aos milhões de milhas, surgem a correr de um vazio que é muito maior em milhas do que a distância da vossa Terra à vossa estrela mais distante. Esta matéria é convertida em energia radiante pelos gémeos de luz. As manchas ou campos escuros vistos no vosso sol são os tubos gigantes através dos quais os eletrões do átomo destruído são expelidos pela força dos núcleos em explosão. São então expelidos para o espaço pela pressão contínua da força da luz. É nestes vastos campos de matéria que os cometas se formam, processando-se a construção dos mesmos por linhas giratórias de magnetismo.

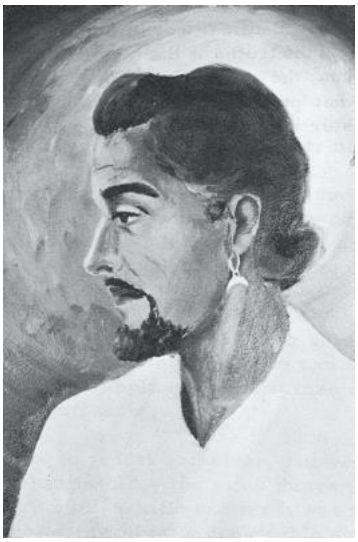
Quanto maior e mais densa se torna a massa, maior a pressão das ondas de luz e de som exercida sobre ela, e se não houver outros corpos dentro de um raio suficiente para lhe oferecerem uma força resistente igual, libertar-se-á do seu local de nascimento e partirá a rugir para encontrar a sua órbita entre corpos que sejam fortes o suficiente para criarem um campo de atração mais ou menos constante para ela.

Independentemente do que a vossa matemática atual tente mostrar, nenhuma força é uma constante. Por exemplo, certas condições existentes podem sofrer uma mudança repentina e fazer com que um campo de atração se torne um campo de repulsa. Embora a luz seja provavelmente a mais confiável, no que toca à sua velocidade, a sua ação pode ser modificada por refração ou bloqueio completo, e embora tais mudanças não afetem a luz ou a sua velocidade, seria o mesmo que se afetassem, pois ou anulam ou causam mudanças tão radicais nos corpos sobre os quais está a atuar que esta deixa de ser uma constante. Por outras palavras, uma coisa em si nunca é uma constante, mas encontra a sua constância no seu trabalho. Isto também é verdade para o homem. Enquanto o homem age, ele vive; e em qualquer minuto em que falhe em agir, está morto. Por outras palavras, a força da sua ação que ele possa ter estado a despender em qualquer coisa específica foi cortada. Contudo, nem o homem nem as coisas conseguem atingir o estado de completa inatividade em qualquer plano de consciência, por mais avançado que seja o estado. O chamado ciclo de repouso não é menos um ciclo de atividade.

Os ensinamentos de que o homem ou os mundos entram num estado de repouso, ou de ausência de movimento, ou de nada, e depois de volta para aquilo a que designam por uma algosidade, embora inofensivos para aqueles que desejam escutá-los, não constituem inteiramente uma doutrina verdadeira. Os não treinados ficam assombrados perante a imensidão do espaço, não sabendo que a imensidão do espaço é a imensidão da Mente Universal, e a imensidão da Mente Universal é a imensidão do Eu.

Os vossos cientistas desejam saber se a sua crença de que o vosso universo está em expansão é verdadeira; podemos assegurar-vos que sim, pela simples razão de que a consciência do homem está em expansão.

Não gostamos de nos repetir, mas frequentemente consideramos necessário dizer as mesmas coisas, embora de maneiras diferentes. Um pouco antes foi afirmado que os senhores têm apenas duas fontes de conhecimento realmente confiáveis no vosso mundo físico — a saber, a ciência e a filosofia. Se qualquer uma destas luzes falhar ou se tornar obscura, a vossa civilização desmoronar-se-á no pó, como todas as outras grandes civilizações fizeram antes de vós. Por mais exatos e delicados que os vossos instrumentos científicos possam ser, desejamos que saibam que as mentes que os conceberam e fabricaram são muito superiores em todos os aspetos a esses instrumentos. Portanto, podemos afirmar com segurança que o instrumento mais preciso que o homem possa conceber não fará mais do que registar certos aspetos de qualquer fenómeno específico que possa estar a ocorrer no momento particular no vosso mundo físico-químico; mas quanto à aceitabilidade das verdades do fenómeno aparentemente existente, a mente sozinha pode e deve decidir isso. Tudo o que os instrumentos físicos alguma vez podem fazer é registar o movimento, nunca a verdade do movimento.



**MAHARAJAH NATCHA TRAMALAKI**

A história respeitante a este homem é a de que era filho de mãe inglesa e pai indiano. Nasceu em 1848 em Daca, Província de Bengala. A sua família era extremamente rica e possuía uma grande propriedade nos arredores de Bombaim. O seu pai desejava que ele se tornasse um homem da medicina e enviou-o para a faculdade de medicina em Oxford. Mas ele era por natureza um poeta e filósofo e, por isso, após receber o seu diploma final em medicina para agradar ao seu pai, desapareceu subitamente. A história diz que passou cerca de dez anos a viajar pelas regiões mais remotas do mundo e a estudar o maior número possível de crenças religiosas e filosóficas do homem a que deitasse a mão. Em 1915, regressou finalmente à sua casa em Bombaim, onde morreu, confessando não ter encontrado nenhuma resposta para a vida que lhe pudesse dar paz de espírito; que todas as perguntas simplesmente colocavam mais perguntas e que todas as respostas eram simplesmente opiniões pessoais que nada diziam. Diz agora que a única resposta para a vida como um todo é nada questionar — apenas SER, enfrentando todas as situações com o desapego que se consiga reunir.

**CRIAÇÃO** (continuação)

**por Maharajah Natcha Tramalaki**

Quando uma secção vasta do Vazio Negro tinha sido preenchida com toda a espécie e tipos de corpos celestes, foi enviada palavra aos

Arcanjos do Etérico Inferior de que o seu novo plano de consciência estava pronto para ser experienciado.

Uma hoste vasta e poderosa de Arcanjos foi então iniciada numa Ordem mui sagrada, que haveria de ser um grupo profundamente secreto autodenominando-se Yah-Sue, que significa "Crentes na Santa Ilusão". Por muito avançados que fossem estes Seres Angelicais em perceção mental, não tinham a sabedoria e o conhecimento do estado de consciência de Senhor Soberano e, portanto, não conseguiam compreender o método de meditação que os levaria para o Vazio Negro.

Assim, um grande rito foi realizado, e explicações foram feitas relativamente aos novos mundos e às condições prováveis a serem neles encontradas, e às mudanças possíveis que poderiam ser feitas à medida que o tempo passasse; e também como escapar destes corpos, de volta ao seu estado original, quando e se as condições existentes não se revelassem favoráveis.

Com estas instruções dadas, os Senhores Soberanos fizeram com que um grande sono caísse sobre a Hoste Angelical, dizendo-lhes: "Faça-se a luz! Acordem, oh meus irmãos, do vosso profundo mundo de Consciência Interior! Que a luz da Perceção Exterior prevaleça agora sobre vós! E que esta luz seja dividida da Consciência Interior!"

Quando os Altos Arcanjos entraram no novo estado mental chamado Vazio Negro, não ficaram de todo chocados ou confusos com a visão gloriosa que os confrontava, pois estavam sob o controlador guia das mentes dos Senhores Soberanos — os quais, éons de tempo mais tarde na história do homem, foram referidos por certas escolas ocultas como o Espírito de Grupo que governava a atividade do homem no plano da Terra até que ele, o homem, tivesse adquirido experiência terrena suficiente para lhe ser dada a sua liberdade para trabalhar por sua própria iniciativa. Do Espírito de Grupo falaremos com maior extensão em páginas posteriores.

Ordens foram dadas às grandes Hostes Angelicais para irem investigar os grandes corpos fogosos que pareciam rugir através da escuridão retinta do Vazio, a velocidades aterrorizadoras. Uma das primeiras coisas a prender a atenção dos Altos Arcanjos foi o facto

estranho de o movimento ter assumido novas propriedades. Não só a substância destes corpos flamejantes parecia ser algo em si mesma, e inteiramente à parte deles, mas pareciam mover-se de forma bastante independente dos outros corpos ao seu redor; e quando os Arcanjos entravam nestes corpos flamejantes, descobriam que a sua consciência não se misturava com a substância, mas permanecia bastante separada dela, e continuava a mover-se ao seu redor.

Os Altos Arcanjos passaram o que seria o equivalente a muitos milhões de anos a investigar estes corpos à medida que estes passavam pelos seus estados infindáveis de mudança. Todas as condições de mudança eram devidamente registadas, e relatórios eram enviados de volta para os Senhores Soberanos, de onde — no decurso do tempo — têm sido entregues de volta ao homem à medida que ele próprio avançava e crescia em cérebro e mente.

À medida que alguns destes corpos gasosos flamejantes se tornavam mais ou menos solidificados, os Altos Arcanjos notavam que as substâncias de que eram compostos se moviam cada vez menos violentamente. Parecia-lhes que o movimento estava a congelar e achavam cada vez mais difícil lidar com a substância. Ao início, acreditavam que esta condição peculiar se devia ao facto de a substância ser de uma matéria ainda mais leve do que os seus próprios corpos.

Por fim, compreenderam que era exatamente o oposto; os seus próprios corpos estavam em falta; após o que os Altos Arcanjos retiraram a sua consciência dos seus novos mundos e reuniram conselho entre si, com os Senhores Soberanos a intervirem ocasionalmente, quanto ao que seria melhor fazer para superar esta nova condição, pois era considerado inútil ir mais longe com a sua investigação destes corpos, a menos que algum meio fosse concebido para fazer contacto direto com ela. Essa era, então, a sua necessidade desesperada — o contacto direto.

Ora, paremos aqui por um momento e esforcemo-nos por explicar o que poderia parecer a alguém não treinado em metafísica uma coisa estranha: o nosso uso do termo “corpos” em relação aos Altos Arcanjos. Em todos os estados de perceção de um indivíduo, o

impulso conhecido como consciência tem sempre um corpo no qual viajar; e quanto a isso, também todas as coisas devem ter um corpo no qual ou sobre o qual viajar, mas — e isto é muito importante saber — nem a consciência de um indivíduo nem uma chamada «coisa» necessita de saber ou estar de todo ciente do seu corpo, ou de possuir um corpo.

Uma forma, ou feição, ou corpo é meramente um campo de perceção consciente expandida; e estes campos de perceção são os mais adequados para o trabalho ou experiências que possam jazer à frente da consciência que o construiu ou os construiu. A mente constrói e destrói de acordo com a sua necessidade particular do momento, e não está sempre aquilo a que chamam conscientemente ciente da sua ação.

Tratamos de trazer este pensamento para o vosso mundo físico para maior clareza: o vosso coração bate, e todos os vossos órgãos internos trabalham noite e dia sem solicitação consciente. Todo o vosso corpo está a passar por mudanças constantes e rápidas, sem a vossa assistência consciente. Isto é o que se conhece como atividade subconsciente, mas — acreditem-me — "subconsciente" é um termo erróneo, pois a consciência conhece cada um dos seus movimentos minuciosos; simplesmente não transmite o seu conhecimento ao veículo particular sobre o qual está a operar na altura. A força nunca diz "vou mover um corpo", mas move o corpo e deixa esse corpo usar a sua energia (da força) para as suas necessidades particulares, e um corpo que tenha sido alvo de tal ação pode encontrar implicações infindáveis a partir da maneira só pela qual a força o moveu. O propósito de vos dizer tudo isto é não vos deixar a caminhar ao acaso na escuridão no que diz respeito à Consciência e a um corpo e às suas relações mútuas.

Os Senhores Soberanos falaram à assembleia de Altos Arcanjos e disseram: "Oh, nossos Irmãos da Nova Luz, a dificuldade com que estão agora confrontados não reside no vosso novo mundo, mas em vós próprios, e doravante, se hão de avançar e crescer no vosso novo mundo, descobrirão que esta é uma verdade que bem vale a pena perseguir. Até agora, embora tenham estado na posse daquilo que são conhecidos como formas ou corpos, não têm estado cientes deles

como sendo algo à parte ou separado de vós próprios; mas agora, e devido à necessidade da ocasião, ordenamos-lhes que estejam cientes desses corpos.". Com isto, os Senhores Soberanos proferiram um mantra sagrado em tons profundos e ressonantes que fizeram com que os Arcanjos se sentissem como se uma grande e bela e vibrante luz tivesse passado sobre eles.

"E agora, antes de partirem novamente para os vossos novos mundos, dizemos-lhes o seguinte: os corpos de que estão agora conscientes são bons apenas para as vossas necessidades presentes; as substâncias de que os novos mundos são feitos estão sujeitas a mudanças rápidas e infindáveis. Estas mudanças não se conformarão a vós, por isso, se esperam viver em harmonia com este novo mundo, devem conformar-se a ele e a todas as suas mudanças; caso contrário, perecerão dele."

Os primeiros corpos físicos que os Arcanjos usaram ou com que vieram para o plano da Terra eram enormes, variando entre quarenta a cinquenta pés de altura e de uma força poderosa, e nada sabiam do medo. Mas a Terra estava estéril ainda de qualquer tipo de vegetação e estava constantemente a ser abanada e fendida por choques terrestres devastadores e ventos pavorosos de calor e frio intensos; agora que os seus corpos eram da mesma taxa vibratória que a da Terra, necessitavam de substância da mesma vibração para os sustentar, e isto não podia ser encontrado em lado nenhum; e em consequência de tudo isto, cedo pereceram ou abandonaram os seus corpos físicos. Mas, em vez de entrarem de volta no Baixo Etérico e recuperarem o seu estado como Arcanjos, entraram num estado de consciência a que chamaremos Baixo Astral.

Estes primeiros experimentadores do vosso mundo tinham tido as suas experiências na Terra e tinham falhado em conformar-se com as condições então existentes da Terra. Sendo o Astral a única porta aberta de liberdade para eles face às condições intoleráveis dos elementos da Terra. Aqui podiam manter-se por perto, por assim dizer, e estar perfeitamente cientes de tudo o que se passava na Terra, mas não podiam entrar fisicamente na sua atividade, por algum tempo.

Depois, durante mais milhões de anos, a Terra foi deluviana e inundada de uma ponta à outra com chuvas escaldantes; chuvas vermelhas em algumas partes da Terra, e chuvas negras, do tipo que os senhores parecem considerar fenomenal hoje em dia. O porquê delas os vossos cientistas da atualidade quase responderam quando disseram que se devia a partículas de poeira. Mas o levantamento da poeira não era de tempos recentes, mas sim de longos anos antes de os dilúvios virem; houve ciclos que ascenderam aos milhares de anos de secura absoluta que fenderam e pulverizaram a superfície rochosa da Terra, e ventos fustigantes de centenas de milhas por hora varreram a Terra, transportando biliões de toneladas de poeira de rocha a milhares de milhas para fora, no espaço.

Após o grande dilúvio, seguiu-se um período quase igual de sol contínuo, no qual o Sol puxou quase toda a água da superfície da Terra. Sendo a atmosfera da Terra muito mais rarefeita nessa altura, a sua matéria de superfície ofereceu menos resistência à ação de puxar do Sol e, em consequência, biliões de toneladas de partículas de água foram puxadas a milhares de milhas para fora, além da atmosfera da Terra, onde correram para e foram retidas por uma vasta faixa fria, onde rapidamente formaram um globo de gelo em redor da Terra.

À primeira vista, supor-se-ia que tal condição cortaria os raios do Sol e faria a terra congelar; mas o oposto foi o caso. Amorteceu, sim, a radiação de calor do Sol, mas para que viesse pela primeira vez à Terra e, se a ação feroz dos raios do Sol na superfície da Terra tivesse continuado, a vegetação que vinha não teria conseguido sobreviver à sua primeira experiência na Terra melhor do que os Arcanjos ou o Homem.

A grande barreira de gelo também impediu que os ventos selvagens que rugiam vindos do espaço interestelar chegassem à terra. A atmosfera da Terra tornou-se um tanto quente e a humidade era pesada e densa. Os grandes ventos que tinham varrido vastas quantidades de partículas de terra para o ar para serem tratadas pelos raios ultravioleta dadores de vida do Sol, tinham há muito regressado à Terra, trazidos por partículas de água; e embora o Sol tivesse retirado a maior parte da água da superfície da Terra para formar a barreira de gelo no céu, tinha deixado grandes lagos dela, de modo

que, quando a barreira de gelo bloqueou os grandes ventos da Terra, estes lagos ou água tornaram-se praticamente imóveis. Depois, grandes enxames daquilo a que o vosso amigo, O Ajudante, se referiu como germes de vida etéricos — mas a que chamarei por um nome que os senhores possam compreender melhor como glóbulos víticos — fixaram-se na superfície quase imóvel destes lagos.

Estes minutos pontos de luz são forças de vida inteligentes enviadas pelos Senhores Soberanos a partir do Alto Etérico, e o seu trabalho era criar ou duplicar a beleza cénica do Baixo Etérico, para que, quando o homem ou os Altos Arcanjos fizessem a sua segunda tentativa de colonizar a Terra, se sentissem mais em casa.

Gosto por vezes de me referir a estas pequenas criaturas como ovos etéricos, pois, à medida que vinham repousar na superfície das águas, dedicavam-se a trabalhar nos produtos químicos então existentes ou na matéria morta na água e formavam o que os senhores chamam uma nata na superfície, formando assim uma estrutura física suficientemente forte para o passo seguinte — o qual foi realizado pela lenta evaporação da água. À medida que as águas eram absorvidas pelo ar húmido, grandes quantidades desta nata de superfície foram deixadas em terra seca, onde começou a tornar-se ácida e a fermentar muito rapidamente.

Todas as mudanças na matéria são provocadas pela força da Mente Cósmica, atuando sobre o que os senhores chamam forças brutas ou mortas chamadas «produtos químicos»; ou, por outras palavras, uma força positiva a trabalhar num campo negativo, reorganizando os campos eletrónicos da matéria bruta de modo a formar uma variedade de composições químicas. O propósito de criar uma vasta variedade de composições químicas era formar um campo positivo-negativo que consistia numa variedade infindável de movimentos ou diferentes taxas de vibração. Algumas destas taxas de vibração diferiam umas das outras por frações infinitesimais, e outras eram de velocidades tão grandes que corriam para fora do campo do que os senhores chamam sólidos e entravam no campo a que chamam líquidos e gases. Claro que grandes porções das vibrações chamadas líquidos e gases tinham abrandado éons antes e formado sólidos. Isto

é, as suas taxas de vibração tinham abrandado até ao ponto que seria o mais adequado para os seus futuros habitantes.

Depois, outra mudança foi feita nos campos positivo-negativos da matéria. Os glóbulos víticos ou minúsculos pontos de energia transportam todos a sua própria taxa particular de movimento vibratório para o seu próprio seio, a fim de entrarem nela e a dotarem com a sua energia de vida. O início deste ato de impregnar a matéria com energia de vida não é difícil para estes pequenos seres. Na verdade, o ato é bastante mecânico, pois são automaticamente atraídos para os produtos químicos mais adequados ao seu propósito pelo campo magnético de atração desse produto químico.

A afinidade que um tipo de produto químico tem por uma força de vida particular é provocada pela taxa de movimento do campo eletrónico dos átomos naturais desse produto químico particular. Se for de uma taxa mais elevada do que o campo magnético da força de vida que se aproxima dele, rejeitá-lo-á ou repeli-lo-á automaticamente; mas se for uma mera fração mais baixa, a força de vida precipitar-se-á para dentro dele a uma velocidade terrível. Esta mistura das forças espirituais com o átomo químico causa uma grande excitação, estimulando o átomo químico e expandindo o seu campo magnético, fazendo com que ele puxe para si todos os outros átomos químicos em harmonia com ele e com as características de feição e forma imbuídas na força de vida particular, e rejeitando tudo o que o não é. Continua esta atividade, até formar uma semente ou ovo físico.

Em termos místicos, podemos referir-nos à semente ou ovo como pensamento ou ideia subjetiva, aguardando o momento apropriado para se tornar uma manifestação objetiva chamada do invisível para o visível, pelos raios comandantes do Sol, que é a luz da Sabedoria no vosso mundo químico para toda a vegetação, e em certa medida para o homem também.

Enquanto a ideia da manifestação viver em harmonia com as outras ideias ao seu redor, e se conformar com a força que a trouxe para o mundo físico, prosperará e crescerá forte; mas no momento em que cessar de o fazer, perecerá nesse mesmo momento, ou perderá o seu veículo físico e regressará ao mundo do subjetivo. Isto, contudo,

não significa que perderá a sua força de vida. A força de vida nunca se pode perder, mesmo que a Terra passe e toda a matéria física ao longo da extensão e largura do espaço vá com ela, pois nada disso pertence por direito à Força de Vida como um algo eterno, mas é meramente uma fase dela, uma das formas incontáveis da sua Autoexpressão.

Muitas escolas do oculto mostram a sua falta de até bom senso comum quando declaram abertamente que conhecem o verdadeiro número de anos que perfaz uma ronda ou ciclo do nascimento e morte tanto do homem como do mundo de matéria em que ele vive, ou onde a verdadeira essência do homem originou. Mesmo o maior Adepto ou Avatar na Terra não pode conceder esta informação, pois uma vez que o homem atinge esse grande estado avançado de mente, não permitiria em circunstância alguma que este conhecimento passasse os seus lábios de modo a cair num canal que o levasse de volta aos ouvidos dos não treinados.

Tudo o que os senhores alguma vez lerem ou ouvirem a respeito do homem e do chamado lado místico da vida, embora seja muito belo e extremamente útil para vos colocar no vosso Caminho secreto, não constitui de modo algum as leis secretas da vida. Acreditem-me, meus amigos, estas leis não podem e nunca serão divulgadas. Porquê? A resposta é simples: os senhores mesmos, como indivíduos, devem procurá-las. São vossas; pertencem exclusivamente a vós.

Não deixem que esta notícia vos desanime, pois asseguro-vos que o tempo não existe; mas no decurso daquilo que não existe, conhecerão toda a grande e gloriosa Verdade!

## AS LÍNGUAS E O HOMEM

### Maharajah Natcha Tramalaki

O título acima para este capítulo fica muito aquém do seu uso pretendido. O assunto a ser discutido não é uma coisa em si, mas é composto por muitas partes, nenhuma das quais pode manter-se por si só como um núcleo. Aqui, também, descobrimos que nas línguas, como em tudo o resto no mundo físico-químico do homem, não há parte última. A razão para esta condição um tanto inquietante torna-se clara para a pessoa se a sua mente não tiver cristalizado demasiado

firmemente no mundo da matéria, ou na sua suposta compreensão da chamada «matéria».

Os senhores falam de causa e efeito como se fossem entidades, mas, novamente, estes termos abstratos são compostos por uma multidão de partes, nenhuma das quais pode subsistir sozinha.

Quanto à causa de uma coisa — não sinto (pelo menos não no meu estado atual) que o homem venha alguma vez a saber o que isso é. Quanto a essa matéria, estamos tão verdadeiramente sem saber como compreender adequadamente o que se chama «efeito». Portanto, tudo o que o homem vê é o movimento; e a sua observação mesmo disto está dependente do seu estado de consciência ciente — o qual é em si um modo de movimento.

Depois, planos de consciência infindáveis estão de tal modo intermisturados que, quando a pessoa se torna verdadeiramente capaz de os ver como uma única unidade, torna-se incapaz de ver onde um termina e o outro começa. Limita-se a observar a unidade; e quando é capaz de ver apenas um mundo de cada vez, fica completamente incapaz de compreender um início ou um fim, mas assume ambos, por aquilo a que designa "raciocinar" como continuidade.

Mas agora suponho que se estejam a perguntar o que tem tudo o que precede a ver com o tema principal — as línguas. Em si, nada; mas como uma partícula que pertence ao Todo, tudo. Se o que eu disse é verdade, vejamos como funciona.

Antes de o mundo físico surgir, o homem, como vos foi dito noutras páginas, vivia no que se chama Consciência Interior, e nesse estado de ser não só não tinha uso para uma língua, como o seu método de conversar não era pelo lábio, como é no plano físico, mas por aquilo a que hoje chamam telepatia. A telepatia, então, é a língua natural do homem.

A palavra falada é uma forma de telepatia. O pensamento é enviado para as cordas vocais, e as cordas vocais retransmitem o pensamento por ondas sonoras. Estas ondas sonoras são intercetadas por um indivíduo que atua como recetor. O recetor deve então ser capaz de interpretar as variadas ondas sonoras a fim de saber o que é dito. Se não conseguir fazer isto, as palavras que assim lhe são

enviadas são como uma língua estrangeira para ele. Claro que qualquer som que uma pessoa não tenha ouvido antes pode ser considerado como uma língua estrangeira para ela.

O homem tem estado dentro e fora deste globo físico há já bem mais de cento e cinquenta milhões de anos e, no entanto, não considerou oportuno criar uma língua universal para si próprio. Fará isso no devido curso e, quando esta tiver atingido o seu pleno pico de realização, muitas das suas compreensões atuais que encontra consigo mesmo como unidades separadas desaparecerão e deixá-lo-ão muito mais livre e muito mais avançado no seu caminho de cumprimento.

Faremos uma pausa aqui por um momento agora para considerar o que expressei no início — que nenhum assunto isolado pode ser falado como uma coisa em si, mas apenas como uma partícula que pertence a uma m ríade de outras partículas que vão constituir o Universal, o Todo. Assim, ao falar de Língua e Homem, trouxemos para primeiro plano, até este ponto, muitas unidades — tais como a consciência; a consciência ciente; as ondas sonoras; as cordas vocais; o indivíduo como recetor bem como transmissor; a capacidade de interpretar ondas sonoras; o estado harmonioso de ser do homem através da libertação da barreira da língua, e assim por diante.

O homem tem, de uma forma ou de outra, vivido em todas as partes da Terra, dependendo a duração da sua existência da sua capacidade de se conformar com o ambiente circundante. Após várias experiências na Terra, o homem perdeu a sua capacidade de conversar pelo seu método de telepatia da consciência interior e, ao fazê-lo, os homens tornaram-se estranhos uns para com os outros no plano da Terra.

Dizer meramente que a palavra falada se desenvolveu a partir do som simples, de formas para intricadas e complicadas, é falhar na compreensão de todo o quadro relativamente a como o Homem teve de mudar o seu método de fala juntamente com o seu corpo a fim de se conformar com o mundo físico. Como tudo o resto ao seu redor usava o que se conhece como som como uma forma de expressão, ele compreendeu que também teria de o fazer.

Ao formar sons vocais que tinham significado por trás deles, os primeiros destes sons foram provocados por fortes impulsos tais como a dor ou a raiva ou o arroto e o espirro. Mais tarde, as palavras foram formadas pelo caráter do som, e muitas mudanças foram introduzidas nesses primeiros sons vocais pelos indivíduos que os usavam. Como o homem surgiu em muitas partes da Terra quase simultaneamente, as palavras usadas foram naturalmente formadas de uma maneira diferente. Mesmo que estas palavras significassem a mesma coisa, a qualidade do tom, ou inflexões, fazia com que soassem estranhas aos ouvidos daqueles em diferentes partes do mundo.

Tomemos por exemplo o som produzido por um espirro. Este som tem tantas variações quantas as pessoas e também tem um caráter próprio de acordo com o que o causou e a sua intensidade. No entanto, desenvolver-se-á um certo padrão de som que certos grupos de pessoas aceitarão para denotar o ato de espirrar. Pode ser algo como isto: “Atchim!”. Este som pode ser aceite por um grupo para significar o ato de espirrar, mas talvez por maior simplicidade a primeira vogal do som possa ser a escolha, enquanto outro grupo, ouvindo o som pela primeira vez, possa talvez ouvi-lo desta maneira: “Chee-yow-ee!”. Contudo, a sua complicação ou facilidade não residia na palavra em si, mas em como foi ouvida pela primeira vez, ensinada pela primeira vez, e na parte do mundo em que originou.

Muitas palavras que o homem usa ainda hoje foram retiradas de sons de animais, aves e insetos; também de sons criados pelo vento, pela chuva e pelo trovão. Tudo isto evoluiu então com o homem e com o crescimento do seu eu mental e físico. Também deve ser lembrado que a estrutura física do homem passou por muitas mudanças e isto também foi um grande fator na evolução da palavra falada; grande parte da sua fala foi regulada pelas suas crenças religiosas. Palavras que uma raça de pessoas pronunciava em voz alta, outro grupo considerava sacrilégio proferir, usando em vez disso certos movimentos do corpo e das mãos para as exprimir. Um exemplo notável desta brevidade da palavra falada numa raça de pessoas ver-se-á nos polinésios ou havaianos. Na verdade, onde quer que uma raça de pessoas seja curta na palavra falada e longa naquilo a

que se chama «língua gestual», a causa principal descobrir-se-á ser de natureza religiosa.

Quase todas as ilhas nas vastas extensões do Pacífico são os topos das montanhas do outrora grande continente Mu ou Lemúria. Nos dias deste continente, todas as principais cidades estavam construídas nas terras baixas ou grandes pradarias e estavam rodeadas por todos os lados por montanhas muitas vezes mais altas do que quaisquer outras que os senhores tenham agora acima do nível da água, e o clima era muito tropical.

Mu encontrava-se num estado de civilização altamente avançado antes de grandes e devastadores choques de terramoto, seguidos pelas tempestades de chuva mais aterrorizadoras a atingirem a terra desde quase o início do quinto regresso do homem à vida terrena. Com isto, quero dizer a sua quinta tentativa de colonizar a Terra en masse. Claro que houve muitos grandes impérios antes da Atlântida e de Mu, mas nenhuns que se assemelhassem remotamente a estes dois continentes, pois eles cobriam quase todas as porções então habitáveis da Terra.

Foi escrito, e é verdade, que o fim cataclísmico tanto de Mu como da Atlântida ocorreu através da grande ganância de poucos sobre as massas. O horror e o sofrimento subsequentes que se espalharam sobre a Terra foram de uma natureza tão desesperada que, finalmente, as dezenas de milhares de escravos começaram a perceber a absoluta futilidade de viver mais tempo no corpo físico sob o domínio tirânico dos seus senhores. Então começaram a realizar reuniões secretas em grandes e pequenos grupos, nas quais invocavam a ira dos deuses da terra, do fogo e da água — não sobre os seus senhores apenas, mas sobre si próprios. Realizavam estes ritos de «magia negra» mesmo enquanto labutando durante horas infindáveis acorrentados e enquanto os feitores aplicavam o chicote cruel nos seus corpos nus.

Este pedir por liberdade através da morte por parte dos escravos espalhou-se de boca em boca ao longo da extensão e largura de Mu, até se tornar uma obsessão dominante para eles.

Não creio ser necessário alargar-me para os informados sobre este assunto a respeito dos efeitos do derramamento de energia emocional no éter por uma pessoa, mas alguém assim informado

consegue compreender melhor o que ocorre quando milhões de pessoas enviam as suas vibrações reprimidas desta maneira.

Não há nada de sobrenatural no funcionamento desta lei, pois é como tudo o resto: segue um padrão natural. Curiosamente, as únicas pessoas na vossa Terra hoje que parecem não perceber que não há atividade que possa ser relegada para o campo do sobrenatural são os chamados povos civilizados.

Os senhores perguntam sobre o supernormal? Este é um termo que pode ser usado apenas num sentido relativo ou numa comparação com outros estados de consciência, ou estados de chamadas manifestações físicas. Também deve ser classificado como uma "palavra de tempo" e uma "palavra de ambiente". E outra coisa a considerar é o facto de que, embora um indivíduo possa superar em muito os outros do seu tempo, é raro que a sua aparente demonstração de génio vá além de um ou dois assuntos específicos, enquanto para outros ele pode ser até estúpido.

O ego individual que constrói um corpo físico-químico não tem outra escolha senão usar esse corpo o melhor que consiga. Alguns que estão suficientemente adiantados no Caminho conseguem, mesmo com um corpo muito mal formado, fazer maravilhas, e há outros que fazem um fracasso aparentemente miserável da sua vida física que possuem estruturas físicas perfeitas. Isto acontece porque os primeiros sabem, através de outras vidas na Terra, que a Mente é o Mestre, e conseguem portanto sobrepor-se a todas as condições exteriores que parecem opostas ao seu crescimento; enquanto os segundos, não tendo trazido para a sua nova experiência física o conhecimento dos seus verdadeiros poderes, culpam toda a atividade exterior pelos seus fracassos e caem no hábito de responder automaticamente a todos os estímulos exteriores sem parar uma única vez para considerar que, por cada resposta que dão em resposta a esta "consciência exterior", estão eles próprios a criar novas cadeias de movimento às quais terão de reagir. Com o tempo, este tipo de ação cobra um preço pesado ao sistema nervoso do corpo físico, quebrando-o e deixando o corpo indefeso contra inúmeros tipos de distúrbios.

Embora poucos o percebam, o homem passa perto de 80% da sua existência física em atividade subconsciente e, ao fazê-lo, provoca o tipo de vida que tem naquilo a que chama o seu mundo consciente, sendo o mundo físico-químico meramente um estrato do subconsciente.

## MORTE E REENCARNAÇÃO

### por Maharajah Natcha Tramalaki

Onde a teoria e os ensinamentos daquilo a que se chama «reencarnação» originaram parece ser uma questão em debate entre os estudantes desta lei. Alguns pensam que vieram da Ásia, alguns da Índia, e outros ainda acreditam que vieram da Pérsia durante a vida e ensinamentos de Zoroastro, 307 a.C. Há alguma crença, também, de que o antigo Egito foi a sua fonte. Esta última crença parece ter surgido do facto de que, no tempo dos Faraós egípcios, certos ritos místicos eram realizados numa das câmaras inferiores da Esfinge em Gizé. Durante estes ritos, o professor mais avançado da Loja secreta recebia a última e mais alta iniciação que lhe podia ser conferida.

Dar-vos-ei apenas um breve esboço desta iniciação para que possam compreender como e por que razão alguns sentem ser ela a fonte e causa dos ensinamentos da reencarnação, ou incorporação.

Aquele que vai receber esta iniciação é colocado sobre uma cruz, sendo a cruz a forma simbólica daquilo que reconhecem hoje como o algarismo romano “X” ou um sinal numérico que representa o supremo, ou o infinito, ou o fim de uma dimensão conhecida. Para o iniciado, significa também a renúncia ao mundo da matéria e a entrada naquilo a que se chama a quarta dimensão do tempo (não o tempo como compreendido pelo movimento da matéria tridimensional).

Depois de o iniciado ter sido atado à cruz com correias de couro ou de fibra, permite-se cair num estado cataléptico profundo ou num estado de transe profundo. Enquanto ele está assim ocupado, os outros

membros da Loja formam um semicírculo e cantam em palavras e tons místicos. Estes mantras constituem um apelo aos deuses dos mundos etéricos para que tornem claro o caminho para o iniciado até às estrelas e outros corpos cósmicos onde ele tenciona agora projetar o seu ka ou corpo psíquico.

Este tipo de projeção está carregado de muitos perigos e há sempre a probabilidade de o ka, ou psique, perder a consciência do seu corpo físico. Uma forma de dissociação pode abater-se sobre ele, semelhante àquilo a que chamam amnésia, e as energias do seu corpo físico podem esgotar-se antes de ele conseguir regressar a este, caso em que morre. Isto significa que ele falhou e deve esperar para regressar num novo corpo como um bebé. Mas caso seja bem-sucedido, traz consigo de volta uma grande quantidade de conhecimento preciso relativo à natureza e condição dos corpos especificados no espaço que foi enviado para investigar. O limite de tempo é de três dias. As suas descobertas são então comparadas com as dos muitos outros iniciados que foram antes dele e, se a comparação for favorável, considera-se provado que ele esteve realmente onde foi enviado. Neste caso, o seu regresso ao corpo físico representa reencarnar, ou o regressar ao mundo da carne.

Portanto, agora, meus queridos amigos, podem ver pelo menos uma forma pela qual se tornou possível que os ensinamentos da reencarnação chegassem ao estudante como tendo origem no antigo Egito. Contudo, desejo lembrar a todos os estudantes deste assunto que o supracitado tipo de iniciação não pertencia de modo algum unicamente aos antigos egípcios. Todas as raças do homem têm tido Ordens secretas desde tempos imemoriais e realizavam rituais semelhantes. Os Incas do Peru, os Astecas, os Maias, todos realizavam cerimónias e rituais onde a projeção psíquica era praticada.

Mas a projeção não é uma separação completa da vida em relação ao corpo físico. Na verdade, não se trata de modo algum de uma separação, mas meramente de um sentido acentuado de expansão da consciência ciente. A morte é uma retirada completa de todas as forças e energias vitais conscientes do corpo químico. O ego que outrora ocupava esse corpo não pode regressar a ele, pelo que deve permanecer no mundo astral até conseguir construir um novo corpo

físico. A natureza do indivíduo, a extensão de tempo experienciada no corpo de que ele ou ela acabou de se desenvencilhar, quais eram os desejos da pessoa, a extensão da sua educação no que respeita às leis interiores da vida, todos estes fatores e muitos mais concorrem para governar o período de permanência no astral.

Alguns permanecem fora por apenas um período de nove meses, outros por entre cinquenta a vários milhares de anos. Aqueles que permanecem fora meramente o período de nove meses são, por norma, aqueles que morreram à nascença ou pouco tempo depois. Aqueles que permanecem fora por grandes períodos de tempo são os que estão muito avançados em sabedoria. Estes por vezes permanecem no baixo astral para atuarem como ajudantes e professores, mas, apesar do seu desejo de assim se sacrificarem de forma altruísta, não lhes é permitido fazer isto a menos que se dirijam a estados mais elevados para períodos cíclicos de descanso.

Amigos, não é necessário que acreditem no renascimento, pois o renascimento é como tudo o resto: se a lei do mesmo existe, os senhores seguirão o seu padrão à letra, independentemente do que possam sentir a esse respeito. E visto que cada um e todos nós acabaremos por vir a conhecer a verdade de todas as coisas por experiências pessoais, não será insensato tentar impor as nossas opiniões a outrem?

Agora voltemo-nos por um momento para os porquês e as razões da reencarnação. Olhem em redor para o mundo em que estão a viver. Estudem não apenas os vossos semelhantes, mas observem de perto todas as formas de vida. O que veem? Veem pouco mais do que um constante e sempre crescente turbilhão, sofrimento, dor, ganância, luxúria, ódio. Ora, por mais brutais que estas palavras soem e que as ações das mesmas sejam, elas podem contudo ser resumidas sob um único cabeçalho que consiste numa palavra. Essa palavra é “esforço”.

Essa palavra “luta” significa ação de um tipo intenso. À partida, aqueles de vós que estão apenas a começar a entrar naquilo a que se chama a luz, consideram esta imagem do mundo tudo menos agradável. Mas tentem lembrar-se de que os senhores também foram outrora um "dorminhoco"; não viam claramente. Estando na floresta,

não conseguiam ver as árvores. Agora, contudo, saíram para uma clareira e estão a olhar para trás, e tornou-se doloroso para vós descobrir que tantas das árvores estão definhadas por várias doenças, e rebentadas e retorcidas pelo fogo, pelo vento e pela chuva.

Com esta nova perspetiva da floresta, o novato pode ver-se sobrecarregado por duas emoções conflituantes. Sendo a primeira um sentido do desespero de tudo isto, o que lhe dá um sentimento aterrorizador de frustração; e, a seguir, um desejo fanático de mergulhar de volta na floresta distorcida com machados, serras e dinamite, para cortar e rebentar com cada uma e todas as árvores que ele sinta serem más e feias. Não sendo um silvicultor e, portanto, não estando qualificado para determinar o que realmente constitui uma boa árvore, no seu zelo cego ele torna-se uma ameaça maior para la floresta do que todos os ventos mais fortes, os fogos mais quentes e as maiores pragas que uma floresta alguma vez sofreu no decurso da sua vida e crescimento.

Sugerimos a todos vós que são subitamente acometidos por este desejo de se nomearem peritos "silvicultores", ou salvadores do mundo, que antes de permitirem que o vosso zelo fique fora de controlo, façam um estudo intensivo e extenso das árvores ou dos homens. Procurem conhecê-los individual e coletivamente; como e por que razão surgiram num determinado ambiente; a natureza da sua ação; e, o mais importante de tudo, descobrir por vós próprios se algo tem ou não apenas uma oportunidade de sobrevivência após a forma ter sido destruída, mas também se de alguma maneira existiu antes numa dimensão diferente, noutro tempo.

Amigos, é não só o direito, mas o dever de cada indivíduo apurar as verdades destas coisas por si mesmo e à sua própria maneira. Ninguém tem o mais pequeno direito de o impedir de assim fazer. A vós que encontram um "sim" para estas coisas, por favor lembrem-se de que àqueles que extraem uma conclusão negativa sobre o mesmo assunto deve ser dada toda a consideração que os senhores possam esperar receber ao exporem a vossa.

Nós, a humanidade, somos buscadores da luz que nos guiará para fora da selva negra do materialismo. Temos estado a caminhar às

apalpadelas nesta escuridão impenetrável por éons de tempo, com apenas uns raros, de tempos a tempos, a encontrarem de facto a verdadeira Luz, enquanto a vasta maioria daqueles que afirmam ter visto a Luz devem ser comparados a homens que, estando perdidos no calor ardente do deserto, acreditam ver água quando tudo o que de facto veem não passa de uma miragem.

O termo "reencarnação" para a maioria dos estudantes e professores significa igualmente o regresso ao corpo de carne e, portanto, tem que ver com o mundo tridimensional apenas, mas a partir da nossa compreensão desta lei, a sua ação abrange todos os planos e significa realmente o regressar a um plano de consciência no qual a pessoa esteve a funcionar num tempo anterior; e um "plano de consciência" significa meramente um estado de perceção do indivíduo. Se compreendemos esta teoria da reencarnação, penso que também compreenderemos como a pessoa pode reencarnar sem nunca abandonar o corpo de carne ou o mundo material.

Na vossa Bíblia cristã, para citar em parte o vosso Mestre, o Cristo disse: "Não podeis entrar no Reino dos Céus a menos que nasçais de novo.". Ora, o «Reino dos Céus» significa simplesmente a sabedoria interior das leis ocultas da vida, e "nascer" significa entrar em. Portanto, é o entrar na compreensão das leis da vida.

Para citar novamente na mesma linha, diz-se: "É tão difícil para um homem rico entrar no Reino dos Céus como é para um camelo passar pelo fundo de uma agulha.". Amigos, isto não significa que pelo facto de uma pessoa ter adquirido uma fortuna em bens materiais está impedida de também adquirir a compreensão interior, mas significa, sim, que se no vosso esforço para acumular posses mundanas o fazem com a exclusão de tudo o resto, barram-se a vós próprios de toda a aprendizagem do conhecimento espiritual.

Para falar novamente da riqueza, uma vez que a pessoa aprendeu a dominar-se a si própria, é um problema relativamente simples dominar tudo o resto. Saberão então que a Mente controla todas as coisas, e basta pedirem e receberão. Estranhamente, contudo, quando a pessoa atinge este estágio no controlo avançado de si mesma e do seu mundo material, o tipo de trabalho pelo qual deve passar para o

adquirir condiciona o seu sentido de valores ao ponto de ver com bastante clareza a insensatez de acumular riqueza material. Conhecendo a lei da oferta e da procura, nunca pede mais do que o necessário.

Regressando ao corpo principal do nosso tema, considero aconselhável declarar aqui e agora aquilo que todos nós do Círculo Interior declarámos no passado, e que é que o Homem não é corpo mas mente, e todas as formas e feições não passam de matéria mental manifestando-se a partir da lei da necessidade, e que este tipo de ação prossegue em todos os planos, sem fim.

É pensado por algumas escolas que o vosso mundo físico-químico é o único mundo de ilusão e engano, mas nós dizemos-vos que todos os mundos e todos os planos têm as suas ilusões e capacidade de engano; e é bem que assim seja, pois sem isso não haveria espaço para o adiantamento. Na verdade, aquilo a que chamamos “vida” e “consciência” seria impossível. Pegamos nas nossas ilusões e moldamo-las nas nossas "realidades" necessárias e, à medida que a crença nas nossas necessidades muda, vemos novamente a falta de concretude daquilo que considerávamos uma realidade necessária. Por outras palavras, durante o tempo exato em que uma coisa se demonstra útil para nós, ela é uma realidade com uma natureza suficientemente concreta para que não passássemos de tolos se argumentássemos com ela. Isto é tão verdade para a teoria da reencarnação como o é para tudo o resto.

Por favor, notem que na última declaração usei a palavra “teoria” em vez da palavra “lei” que usei anteriormente ao dizer que não faz diferença se acreditamos ou não numa coisa. Se é uma lei, seguiremos o seu padrão à letra. Gostaria de suavizar um pouco essa declaração dizendo isto: uma teoria é uma ideia preconcebida sobre uma coisa; é uma espécie de prancha de salto a partir da qual mergulhamos na esperança de encontrar uma realidade utilizável. Uma lei é aquilo com que nos encontramos conscientemente a trabalhar. Embora muitos de nós possam parecer estar a trabalhar sob a lei, não o estamos se não estivermos cientes das nossas ações. É este sentido de consciência da nossa ação que faz a diferença entre lei e teoria, ou ilusão e realidade.

Amigos, se havemos de ser de facto livres no nosso caminho de aprendizagem, devemos esforçar-nos por reconhecer para nós próprios esta verdade, e mantê-la no topo das nossas mentes em todos os momentos: o facto de que ninguém é infalível; desde o mais ignorante ao mais profundo dos eruditos em assuntos académicos; desde o leigo ao maior mestre em estudos ocultos. Portanto, não se sintam com medo nem envergonhados por cometer erros. A sinceridade deve ser sempre a nota tónica. Digam o que sentem, e sintam o que dizem!

Simplesmente pelo facto de um professor ou fundador de uma crença afirmar que uma coisa é verdadeira, não é razão para que andem por aí a afirmá-la, a menos que tenham de facto experienciado, ou apurado intuitivamente que tal é o caso, pelos vossos próprios esforços.

Existe uma certa escola de pensamento fundada nos ensinamentos de uma mulher russa de notável talento e capacidade na arte de adquirir e escrever sobre o conhecimento oculto. Claro que ela não trabalhou sozinha, pois como todos os que a conheceram pessoalmente atestarão, a maior parte do seu trabalho ser-lhe-ia dada de uma maneira ou de outra pelos seus professores, a maioria dos quais habita em muitos níveis de consciência além do físico em que os senhores vivem.

Com todo o devido respeito não apenas a esta bendita professora e às almas avançadas que a ajudaram, mas a todos os seus sinceros alunos e seguidores gerais, considero ainda assim necessário; como quase todos os meus honrados colegas do Círculo Interior fizeram no passado; reafirmar que não existem coisas como “carcaças astrais” ou cadáveres dos mortos a flutuar nos planos astrais, como se supunha que esta professora tivesse ensinado.

É mais do que um pouco difícil para nós compreender como alguém tão altamente evoluído mentalmente como estava esta professora pôde expor tal pensamento e, no entanto, apesar das dificuldades que possamos enfrentar para compreender a crença de outrem, não negamos a essa pessoa o direito de assim acreditar e de assim ensinar. Não obstante, nós do Círculo Interior dizemos-lhes que, em todos os nossos estudos sobre este assunto particular, nunca

encontrámos uma forma em qualquer um dos níveis astrais que pudesse ser devidamente designada por cadáver astral ou antigo corpo de uma alma viva.

Além disso, tanto quanto nos foi possível apurar, não há "segunda morte"; pelo menos, não do tipo em que um corpo é despojado como se faz no plano da Terra. Do nosso conhecimento, há apenas uma forma de morte que ocorre nos níveis astrais, e pode bem ser considerada a verdadeira morte, pois o seu tipo de ação parece obliterar completamente essa coisa quase mística chamada personalidade. Esta morte ocorre gradualmente à medida que a necessidade do indivíduo se torna cada vez maior sob a pressão do desejo. Este morrer no nível astral chama-se reencarnar no plano físico, ou regressar ao mundo da matéria tridimensional. Mas mesmo nesta morte, não há o abandonar de um corpo sem vida ou carcaça para andar à deriva sem rumo nos planos astrais, com o qual entidades conscientes de qualquer dos lados do véu entrem em contacto.

Poderia dizer-vos que as leis da Natureza não permitiriam que tal coisa existisse, mas tal declaração geral sobre a Natureza e as suas leis seria enganadora. Pois a verdade é que nenhum de nós, quer esteja dentro ou fora do corpo, vê alguma vez a totalidade da vida de uma só vez, mas cada um de nós é conhecedor de fragmentos da sua ação e, como estes fragmentos são eles próprios compostos por partes ainda mais fragmentárias de uma quantidade X, não podemos logicamente pedir-vos que se sentem a raciocinar connosco; pois a arte de raciocinar é também apenas uma parte fragmentária da ação da mente e do cérebro, e a sua ação está inteiramente dependente da natureza do indivíduo. Portanto, tudo o que podemos possivelmente fazer uns com os outros é exprimir os nossos pensamentos de uma maneira tão concisa quanto consigamos, e deixar quem quer que seja com quem estejamos a conversar extrair as suas próprias conclusões a partir deles.

E assim dizemos-vos, de forma tão clara e simples como sabemos fazer, que o que tem sido erroneamente tomado por cadáveres no nível astral são as formas-pensamento dos mortos e dos vivos, conforme essas palavras são vulgarmente compreendidas. Estas formas-pensamento emanam não apenas dos chamados estados despertos de

perceção das mentes humanas em ambos os lados do véu, mas são fabricadas e projetadas a partir dos muitos níveis de consciência do indivíduo. E, como o homem é um crente inerente no bem-e-no-mal, os resultados do seu contacto com o seu semelhante, quer em pessoa quer por meio das suas formas-pensamento, serão bons ou maus. O grau de vida e inteligência de uma forma-pensamento depende puramente da vida e inteligência do seu criador, e da qualidade e quantidade de desejo que ele ou ela usou ao fazê-la.

As formas-pensamento são frequentemente contactadas e conversadas em salas de sessões, como muitos investigadores psíquicos imparciais têm atestado. A história espiritualista está bem salpicada de casos altamente autenticados de personagens de ficção; os "filhos do cérebro" de autores e escritores de todos os tipos; surgindo em salas de sessões. (Como exemplo disto, a personagem "Cássio" do Júlio César de Shakespeare foi relatada por um membro do Círculo Interior como estando presente numa das sessões de Mark Probert.)

Este tipo de fenómeno tem sido muito incómodo — para usar de brandura — para o investigador comum, somando grandemente à sua perspetiva já confusa sobre a sobrevivência, e frequentemente fazendo com que as ações da personalidade humana se tornem para ele um enigma tão desesperado que ele desiste em desgosto e frustração. Este resultado um tanto infeliz nunca ocorre com a mente verdadeiramente científica, pois tais mentes não permitem que as suas próprias personalidades entrem nos seus esforços, mas mantêm-se num estado constante de desapego. Quanto maior o mistério aparente, mais expandida se torna a sua abordagem desapegada face a ele.

Agora, voltemos à nossa discussão sobre o que se chama formas-pensamento de personagens de ficção. Uma forma-pensamento é exatamente o que o termo implica; isto é, uma forma construída pelo pensar, pela imaginação; e nós motivamo-la para a ação pensando em como se deve mover de acordo com a sua natureza estrutural. Quanto mais tempo e mais profundamente centrarmos as nossas forças criativas numa ideia, com mais vida e substância a imbuímos; e se permitirmos que ela escape do nosso campo muito personificado de criação consciente, pelo processo a que chamamos "esquecer", ela

começará a mover-se para longe de nós em direção a outros campos de consciência, atraída para lá pela força de atração do desejo existente nos campos criativos de outrem, quer esse outro esteja num estado de sonho ou num estado desperto no plano físico ou num dos mesmos estados no astral.

Contudo, move-se não apenas pelas linhas de atração magnética do desejo de outrem, mas, devido à sua estrutura particular e grau de força vital nela incutido pelo seu criador, procura por sua própria iniciativa, seguindo as linhas de menor resistência, encontrar o canal mais natural para se retirar do mundo do pensamento e entrar no mundo da realidade tridimensional. E, tão seguramente como a escuridão se segue à luz e a luz se segue à escuridão, todas as formas-pensamento construídas a partir do desejo farão e devem fazer isto.

Por que devem fazê-lo? Simplesmente porque tudo o que é, ou alguma vez será, originou no mundo do pensamento, ao qual podemos, por uma questão de conveniência, chamar o lado interior da "mala mágica", mas a fim de realizar o trabalho para o qual foi criada, deve ser trazida para o exterior. Ora, quando uso o termo "exterior", estarei necessariamente a referir-me à aparente exterioridade do vosso mundo físico-químico? Não, pois há sempre um mundo de aparente exterioridade com o qual o Homem tem de lidar. Os senhores têm-no no vosso mundo dos sonhos bem como no chamado mundo da morte.

Consideremos agora as chamadas personagens de ficção. Poderá haver realmente uma coisa como uma personagem puramente de ficção? Nós não pensamos assim, pois no momento exato em que um autor cria mentalmente uma personagem, não importa qual a natureza da sua forma, estará a fazer com que essa personagem realize alguns dos atos de um ser humano que vive, ou outrora viveu, no mundo físico-químico, e nesse instante ela cessa de ser uma personagem inteiramente de ficção.

Uma vez imbuída desse único traço semelhante ao humano, torna-se uma entidade viva/respirante, que pode não só surgir numa sala de sessões como um ser desencarnado, mas pode de tal modo impressionar-se sobre um ser vivo ao ponto de apagar quase inteiramente a sua personalidade e assumir o seu corpo. Isto seria

classificado como “obsessão por uma entidade de ficção” e tais casos são mais difíceis de quebrar do que aqueles de obcecados por um ser desencarnado; residindo a dificuldade disso no facto de que o indivíduo fica de tal modo encantado pelos traços da personagem de ficção, devido ao seu tédio com os seus próprios, que voluntária e de bom grado permite que a sua própria personalidade seja ofuscada pela de "faz-de-conta". Como regra, a obsessão por uma personalidade outrora viva é cometida não apenas sem o consentimento voluntário daquele que é alvo da obsessão, mas frequentemente sem nenhuma intenção consciente de o fazer por parte do ser desencarnado.

Tudo isto, amigos, pode parecer irrelevante para a reencarnação, mas não o é de modo algum, como os senhores verão por vós próprios no momento em que vos perguntar: o que é que reencarna? O que é exatamente a personalidade, o ego ou o eu? E enquanto se estão a fazer estas perguntas a vós próprios, tentem lembrar-se de que todas as palavras acima usadas para designar aquilo que acreditamos que se incorpora de novo são meramente etiquetas, rótulos colocados em “coisas” ou formas de ação que são tão completamente abstratas em e por si mesmas que seria literalmente impossível para qualquer um de nós em qualquer dos lados “da mala” lidar com elas.

Portanto, embora seja por pura necessidade que etiquetas e rótulos devem ser usados, não se permitam ser atraídos para a crença de que estas etiquetas e rótulos são as coisas em si mesmas. Pois posso prometer-vos que, caso o façam agora, no decurso natural do vosso crescimento ver-se-ão contra uma parede de pedra sobre a qual não conseguem subir nem fazer um desvio, e a vossa única hipótese de a passar de todo será regressando ao ponto do vosso erro e tornando-se cientes dele como tal.

A única avenida que conduz à liberdade completa reside na vossa capacidade de lançar fora a tradição ortodoxa e os seus medos e incertezas infindáveis, e lançarem-se audaciosamente na corrente da vida apenas com os remos das vossas próprias convicções para vos manterem em segurança no centro profundo e largo da corrente. Basta saberem que “Eu e o Pai somos um” para terem um Piloto que vos conduzirá em segurança para fora de cada tempestade, e através de rochas e baixios como se eles não estivessem lá. Mas devem lembrar-

se de que este Piloto não virá a vós até estarem prontos para O receber.

Lancemos agora um olhar àquilo a que se chama «morte» e vejamos, pelo menos até certo grau, a sua natureza e o que ocorre com o que é referido como a Alma, o Espírito, a Psique ou — como os egípcios por vezes lhe chamavam — o Ka. Estes são apenas alguns dos muitos centenas de nomes ou rótulos colocados na centelha de vida ou Força que opera o corpo físico-químico. O que é esta Força? Isso não vo-lo podemos dizer, pois Ela é inominável, e tentar nomeá-La não a torna de modo algum aquilo que é nomeado, nem explica minimamente a sua natureza e existência. O vosso cristão é provavelmente o único que se considera capaz de explicar a natureza do Inominável e tudo o que está para Lhe acontecer.

Seja como for, tudo o que vos podemos dizer a Seu respeito são algumas das Suas ações em certos estágios; e mesmo nisto devemos aconselhar-vos a não o aceitar ao ponto de se tornarem indolentes nos vossos próprios esforços para descobrir se dizemos ou não a verdade, pois ao fazê-lo destruiriam até esse grau o verdadeiro propósito destes escritos; embora a destruição do propósito destes escritos não constituísse um mal de modo algum tão grande como seria a negação dos vossos próprios esforços pessoais.

Para regressar à discussão daquilo a que, por uma questão de conveniência, chamaremos “o corpo psíquico”, na altura da morte ou separação do seu veículo físico sob o que se pode designar por condições normais, a sua retirada ocorre ou a partir do plexo solar ou do topo da cabeça. Não pretendo insinuar que esses dois pontos são os únicos através dos quais o eu psíquico pode deixar o seu eu material. Bastante frequentemente, na verdade, o corpo psíquico, começando a partir da cabeça, eleva-se para fora da sua carcaça física todo de uma vez, como se faz na projeção. Pode estar extremamente ciente da sua transição, ou pode estar a dormir, caso em que as ações por que passa estão a ser impelidas ou por outro ser desencarnado a atuar como ajudante, ou pelos impulsos da sua própria mente a trabalhar a partir de outro nível.

Afigura-se-me, após anos de estudo, que a maioria dos dorminhocos pós-morte são aqueles que tiveram certas formas de doença mental grave por períodos prolongados ou sofreram uma grande quantidade de dor física. Mas, seja qual for a razão, estas almas são bem guardadas e cuidadas por ajudantes astrais de modo a não poderem ser prejudicadas por certos tipos de forças degeneradas.

Muitas pessoas de idade muito avançada têm uma forte tendência para permanecerem a dormir por um período bastante longo após a transição. Especialmente é isto verdade para aquelas que tinham perdido o interesse nas coisas nos últimos anos da sua vida terrena. Contudo, se estiverem em boas condições mentais, não lhes é permitido dormir durante demasiado tempo.

As crianças que atingiram a idade de dois anos ou mais estão acordadas no plano astral quase imediatamente, mas se passam para o outro lado antes desse período de vinte e quatro meses, continuarão a dormir. O estado de consciência em que se encontram é bastante diferente da consciência de sono dos idosos, contudo. É o sono do desejo, no qual aquela pessoa caiu a fim de vir para a Terra, e do qual não acorda totalmente por um período completo de vinte e quatro meses de vida na Terra. Mas por exceções muito raras tais almas não são despertadas, pois dentro do período de tempo dos nove aos vinte e quatro meses seguintes, estas almas encontrarão outra oportunidade para tentar novamente regressar à vida física.

Há tantos tipos de condições de sono e de transe nos planos astrais como os há na Terra, e é por causa disto e de formas-pensamento que a teoria das carcaças astrais tem sido ensinada. Quando um indivíduo não suficientemente experiente nos planos astrais entra em harmonia mental com um destes dorminhocos, não é de todo estranho que o confunda com um cadáver, pois ele consegue falar de pouca coisa mais do que das suas experiências de vida terrena, uma e outra vez, tal como um indivíduo que tivesse tido um dia longo física e mentalmente desgastante falaria e encenaria tudo de novo no seu sono à noite.

As formas-pensamento estão constantemente à deriva no astral, sendo puxadas de um lado para o outro pelas correntes de pensamento

que emanam das mentes na Terra e nos níveis astrais. Muitas delas passam por estados infindáveis de modificação e algumas são até destruídas devido à sua inutilidade ao longo de grandes períodos de tempo. Por "destruídas" quero dizer simplesmente que a substância a partir da qual são formadas se dissipa no estado sem forma, como a água quando é transformada em vapor.

O corpo astral de um ser humano, contudo, nunca passa pela morte e pela dissipação, mas quando o desejo de se incorporar de novo na Terra se torna suficientemente forte, faz com que essa pessoa caia num estado de sono profundo que é em muito da ordem do estado hipnótico de letargia. À medida que um ser astral se afunda cada vez mais neste estado de concentração direcionada a um único ponto, a força do seu desejo, a energia assim despendida, cria uma forma de calor que afasta as moléculas a partir das quais o seu corpo astral é feito.

Mas como as moléculas nas regiões exteriores do seu corpo descem de temperatura muito rapidamente, começam a precipitar-se de volta juntas devido à sua afinidade natural umas pelas outras. O contínuo ímpeto para o exterior das moléculas centrais, contudo, força as exteriores (que estão agora a tentar recuperar a sua posição original) a saírem do seu curso. A sua ação cria então um vórtice em espiral que corre sempre para o interior, até que todo o corpo astral se torne apenas um ponto brilhante de luz. Este ponto de luz é o que se conhece como a Semente da Alma.

Amigos, embora vá tentar dar-vos mais alguma conversa descritiva sobre isto a que se chama a Semente da Alma, considero necessário avisar-vos, uma e outra vez, de que na nossa busca de conhecimento relativo à vida estamos a lidar com o que muitos de nós em ambos os lados do véu fomos ensinados a acreditar serem coisas concretas, a saber, palavras. E mais desconcertante ainda é o facto de que quase todo o pensamento é feito por imaginação, ou criação de imagens. Sabendo isto, nenhum professor no seu perfeito juízo daria sequer ao seu aluno a ideia de que está a expor a natureza da vida e das "coisas" como factos indiscutíveis. Por exemplo, onde termina a conversa sobre a ação do átomo e começa a natureza do átomo em si mesmo? Na nossa humilde opinião, o ding an sich ou "coisa em si

mesma" não pode ser discutido de forma alguma, e só pode ser conhecido através da Autorrealização. Tudo o que pode ser falado, ou de qualquer outra forma "conhecido", não passa de formas de ação ou movimento que ocorrem dentro do Eu, mas devido à natureza da sua extensão física chamada um corpo, cai na ilusão de que a ação ou movimento é uma ocorrência exterior.

Talvez, se eu exprimir este pensamento em termos ligeiramente diferentes, os senhores o possam ver sob uma luz um pouco melhor e, deste modo, compreendê-lo mais plenamente. Devido ao ambiente, o cérebro — através do sistema nervoso — foi treinado, sob a lei da repetição, a receber e a correlacionar em infinitos graus e matizes todas as formas de ação em termos que vos sejam mais bem compreendidos.

Nós, os membros do Círculo Interior, recebemos algumas críticas no passado no que respeita à nossa terminologia; os nossos críticos declaravam que nenhuma pessoa altamente instruída usaria palavras tão simples. A nossa única resposta a esta queixa é que estes escritos não foram pretendidos apenas para a pessoa erudita, e usar palavras grandes e complicadas, quando palavras pequenas e simples serão mais compreensíveis para o leitor médio, apenas derrotaria os nossos fins desejados. E, além de tudo isto, está o facto de que a vida é a própria simplicidade quando a passamos a conhecer. Com isto retirado do meu peito fantasmagórico, podemos proceder com a discussão em mãos.

A entidade humana, uma vez tendo através do desejo e do poder de concentração voltado toda a energia mental que ia constituir o seu corpo astral para dentro de si própria, já não pode ser de forma alguma contactada nem por ninguém do vosso lado nem do nosso. Ela está ocupada apenas com o incorporar de novo, e não estará consciente de mais nada até ter cumprido a sua missão.

Ora, uma Semente da Alma só pode ser descrita como uma centelha de luz com polos positivo e negativo de atração e repulsa, e é através destas linhas de força que ela procura e eventualmente encontra o corpo masculino adequado para a procriar no plano da Terra. Ao escolher o seu progenitor, este ponto de luz que vibra

rapidamente não está aquilo a que se chama conscientemente ciente da sua ação.

Trabalhando apenas pela lei do impulso interior ou compulsão, a repulsa do seu polo negativo mantém-na afastada daquilo que ainda não está pronto para desempenhar um papel na sua futura existência física, e o polo positivo puxa-a automaticamente para tudo o que está pronto para desempenhar esse papel pela lei da afinidade ou seletividade natural. E assim a Semente da Alma escolhe o seu progenitor masculino pela sua sensibilidade tanto para com as vibrações mentais como físicas daquele que estão em conformidade com as suas próprias.

Ao encontrar um indivíduo assim, ela dispara em direção a ele, e é inspirada por ele e entra na corrente sanguínea. Viajando através da corrente sanguínea, entra nos órgãos genitais e ataca a semente física de forma muito semelhante a como o germe de vida físico mais tarde ataca o "ovo" na fêmea ao impregnar as suas partes atómicas.

O ato de a vibração de vida impregnar a semente física desta maneira galvaniza instantaneamente as partículas atómicas da semente física a vibrarem ao dobro da sua velocidade química normal. Este aumento no movimento das partículas químicas é criado pelo calor que é, ele próprio, criado pela força da energia que é despendida quando as forças positiva e negativa começam a trabalhar juntas. A esta ação pode chamar-se o acasalamento dos átomos.

No instante em que uma semente física que acasalou com a semente astral penetrou o óvulo, ou ovo feminino, começa a construir linhas de tensão que podem ser encaradas como o esqueleto etérico. Estas linhas de tensão são fluxos de cargas eletrónicas positivas com um campo magnético de atração para o qual as moléculas químicas voam em enxames cada vez maiores e com temperaturas de calor cada vez mais crescentes, até o corpo físico-químico estar completo, altura em que atingiu a norma de 98 graus Fahrenheit.

Ao longo de um período de vida de anos não especificados, o macho está constantemente a inspirar estas forças de vida ou "sementes da alma". O número do tipo não depende da sua idade, mas sim da natureza das mudanças químicas que ocorrem no seu corpo e

do seu estado de mente. A idade em si nada tem a ver com a potência sexual da pessoa. O fracasso nos poderes sexuais, como todos os outros fracassos no Homem, começa na psique, provocado pelas atitudes da mente perante o que se chama estímulos exteriores. O estímulo infrator pode ter ocorrido no momento da conceção, impressionando-se por linhas de força moleculares sobre o que se pode chamar a célula-mãe ou primeiro bloco de construção do corpo físico; ou, claro, em qualquer altura posterior. Há inúmeras modificações a serem trabalhadas pelo ego que reencarna nos seus esforços para criar a sua máquina física, ali impostas pelos desejos silenciosos e falados dos pais e pelas mudanças químicas que vários desejos provocam no corpo da mãe.

O trabalho que o ego está a fazer é inteiramente automático, da mesma maneira que a semente de uma planta cria a sua forma, sendo a ação provocada meramente por aquilo a que se pode chamar o impulso interior de toda a vida para criar segundo a sua própria feição. Contudo, a semente da alma daquilo a que se chama um ser humano tem uma qualidade de "Eu-sou-Eu" latente dentro de si e, porque está a fazer o seu trabalho num corpo já construído que está ele próprio imbuído dessa mesma qualidade, está extremamente aberta a sugestões, especialmente àquelas feitas pelos desejos da mãe. Aqui reside o campo da herança, não apenas nas fraquezas físicas gerais ou força do corpo, mas nos traços de personalidade também.

O novo corpo, em todas as suas ramificações, será governado pelo número e qualidade das hormonas que for capaz de fabricar a partir dos produtos químicos do corpo da mãe. Estas hormonas são compostos químicos extremamente complexos produzidos pelas glândulas endócrinas e têm uma grande importância na determinação da natureza sexual de um indivíduo. Depois, há substâncias igualmente complexas conhecidas como genes. O trabalho destes pequenos corpos é registar as características físicas de um ou de ambos os pais num grau ou noutro, e depois transmitir as suas impressões à célula-mãe do "novo" corpo. Por vezes, contudo, devido à grande sensibilidade destes corpos, eles podem ser levados a registar algumas das características físicas de qualquer um dos antepassados de uma família; ou, para ir mais longe, podem registar de uma forma

esbatida ou confusa e, ao fazê-lo, causar a cegueira, ou um corpo deficiente e, frequentemente, o que se chama deformidades ou caprichos.

Tais registos esbatidos ou confusos podem dever-se a qualquer uma de uma série de coisas; tais como o susto ou a ansiedade prolongada da grávida, ou podem dever-se a alguma da criação de imagens mentais da própria entidade que está a entrar, trazida de uma vida passada.

Ora, embora uma criança possa vir ao vosso mundo com muitos dos traços e características dos seus pais, e possa mostrar uma forte tendência para os exibir, o ambiente ou as condições nesse ambiente podem não permitir-lhe que o faça. E, também, a natureza da sua estrutura física pode ser inteiramente contra o fazer as coisas que os seus pais possam ter feito. Embora tenhamos por vezes dito no passado que todas as coisas são um produto do seu ambiente, tal declaração não é inteiramente verdadeira no que ao Homem diz respeito, pois há muitas coisas à parte do ambiente de um indivíduo que podem provocar mudanças drásticas nesse indivíduo. E, também, há certas ideias e desejos que são trazidos de outras vidas que podem muito bem fazer com que ele procure ou crie condições inteiramente diferentes para viver do que aquelas em que nasceu.

Isto também é verdade em grande grau no que respeita à herança de certos traços dos pais. Embora o ego que encarna não pudesse evitar ficar ligado a certos traços dos pais enquanto construía o seu veículo físico, assim que ele é capaz de raciocinar, estes traços podem tornar-se bastante repugnantes para ele, e os seus principais esforços durante o seu período de vida podem ser gastos a tentar escapar-lhes.

Ora, amigos, o que estou eu a tentar dizer? Simplesmente isto: um indivíduo é o seu próprio ambiente. Os traços, maneirismos ou características gerais que ele parece ter herdado e continua a exibir são realmente seus, pela lei do amor e do apego que ele teve por eles. Todas as coisas, e especialmente o Homem, estão constantemente a procurar tornar-se individualizadas e, embora a pessoa possa parecer ter tido certos impostos que lhe foram impostos por aquilo a que se

chama «herança», ela pode, se assim o desejar, descartar a grande maioria deles à medida que o tempo passa.

A questão das feições faciais e da construção geral do corpo, contudo, é uma coisa bastante diferente e muito pouco pode ser feito para as mudar. E, no entanto, a pessoa pode velá-las a um tal grau pelas suas ações que apenas aqueles com quem teve uma associação próxima veriam além destas ações a aparência exterior do indivíduo.

Como foi dito antes, ao entrar no mundo físico, o Homem cai sob um profundo feitiço hipnótico, uma condição que não pode evitar devido ao facto de o corpo físico ser um grande órgão de sentimento espetado num plano tridimensional, enquanto o proprietário deste órgão permanece num estado quadridimensional. Ouvir, ver, provar e cheirar não passam de variações da mecânica do sentimento. O único propósito real em ter mais do que um canal de receção ou órgão sensorial é dar ao Eu um campo mais amplo de recetividade do que está a ocorrer no mundo tridimensional, evitando assim muitos dos perigos com que se depararia menos um ou mais destes "sensores". Claro que se sabe que a perda de qualquer um dos sentidos pode ser superada de uma série de maneiras, e por alguns até um grau notável. Não obstante, a clareza da receção nunca é a mesma que antes e, portanto, todos os restantes sofrem graus de perda em conformidade.

Voltemos por um momento à parte principal deste capítulo: a reencarnação. Parece que muitos defensores desta lei laboram sob a crença de que, quando um indivíduo passa pela mudança chamada «morte», ele faz uma pausa por uma duração de tempo no baixo plano astral e depois morre novamente, deixando outro cadáver com que os outros tenham de lidar enquanto ele desliza para um estado pacífico de bem-aventurança chamado «Nirvana».

À parte o facto de nenhum tempo estipulado ser mencionado que uma pessoa recém-falecida possa passar no baixo astral, nem poder este elemento de tempo ser considerado como uma norma para todos, há muitas outras coisas a serem levadas em consideração, e nenhuma delas tem nada que ver com opiniões emocionais relativas à atividade daquilo a que se chama «Natureza». Alguns professores, bem como estudantes de leis ocultas, com todo o seu aparente conhecimento, e

talvez por causa dele, são tão estreitos e ortodoxos nas suas visões como qualquer fanático religioso analfabeto.

Porque o seu guru ou sacerdote faz uma afirmação, eles também andam por aí a afirmar a mesma coisa e a acreditar que ela é a última palavra em verdade. E, pior ainda, estas pessoas sentem que é um sacrilégio fazerem a sua própria busca privada. Resplandecem de orgulho com a sua própria ignorância. Por exemplo, muitos católicos não assistirão a uma reunião onde a comunicação com os chamados «mortos» tenha lugar, pois os seus sacerdotes informaram-nos de que eles estão, quando muito, a conversar com espíritos malignos ou ajudantes de "Satanás". Uma afirmação destas para o ignorante atua naturalmente como um chicotada de medo, que afasta a pessoa da oportunidade de conversar com os seus entes queridos que se retiraram do mundo físico.

Muitos seguidores de ensinamentos ocultos não são muito melhores a este respeito, pois alguns dos autoproclamados gurus dizem-lhes que eles não estão realmente a conversar com os seus mortos, mas com as sombras de cadáveres dos mortos que não passam de corpos de "memórias registadas" que nada lhes conseguem dizer que valha a pena ouvir, e que o verdadeiro eu do falecido partiu para descansar num belo estado de quietude onde sonhará e afastará toda a memória da vida na Terra. Qualquer pessoa que tente fazer contacto com ele, de acordo com estes ensinamentos, é insensata e egoísta nos seus desejos de reter essa pessoa do seu "descanso bem merecido".

O que exatamente estes professores de tal teoria querem dizer com "descanso bem merecido" é difícil de compreender. Contudo, eles admitem que em ocasiões muito raras e por razões especiais um ser desencarnado é permitido tornar-se ciente de um ente querido que ele ou ela deixou no plano da Terra. Mas um ato tão gracioso por parte do desencarnado, e de quem quer que seja que alegadamente "permite" a sua vinda, é principalmente com o propósito de aliviar a suposta angústia que a pessoa da Terra está a sofrer devido à separação que a "morte" operou entre elas. À parte deste pequeno ato sentimental, que não tem mais significado do que o dar um pau de doces a uma criança que chora, nenhuma outra comunicação, dizem eles, pode ou deve ser feita com os mortos. E eles querem que todos

aqueles que se envolvem em tal prática compreendam que estão a negociar em necromancia, o que é uma abominação para a vida, e devem portanto ser classificados como “bruxas” e não se deve permitir que vivam!

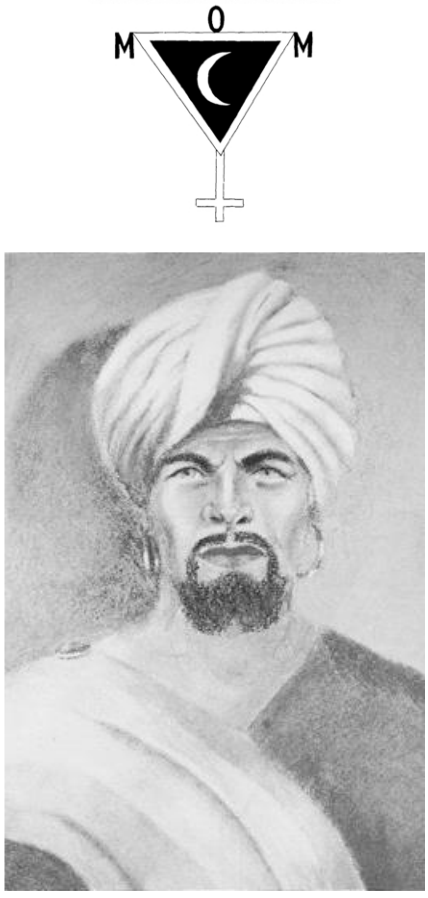
Amigos, não tenho desejo de mudar as vossas crenças, nem o poderia fazer por muito que desejasse, pois apenas os senhores podem fazer tais mudanças. Portanto, se consideram estes ensinamentos confortantes para viver, por todos os meios agarrem-se a eles! São vossos, pelo direito do vosso grau de compreensão. Àqueles de vós que avançaram um pouco mais além ao longo do Caminho, digo isto: aquilo a que se chama «morte» não passa de uma interpretação grosseira da palavra “mudança”. A palavra “morte” implica a cessação de toda a atividade. Aceitar uma lei de inatividade seria acreditar que a ação ou movimento pode erguer-se a partir da inatividade ou do nada, e seguir tal teoria apenas vos forçaria a assumir um início e um fim definidos para a vida e consciência de qualquer tipo.

Todas as tentativas de tal raciocínio conduzem a pessoa apenas à parede em branco do desespero e da desilusão, por isso evitemos, nós que estamos destemida e honestamente a procurar a sabedoria interior, tais pensamentos como afastaríamos a peste. E isto aplica-se a ensinamentos como aqueles que dizem respeito a “sombras” e “cadáveres astrais” e “demónios” e “bruxas” e ao Deus pessoal e à expiação vicária por um Salvador pessoal.

Verdade, há forças que podem operar um mal para vós, mas apenas necessitam de se abster de centrar os vossos pensamentos na direção delas para as evitarem. E verdade, há uma espécie de Salvador e Deus pessoal, mas estes não estão separados de vós. Na verdade, são os senhores. A palavra “Cristo” é um título e é outorgado a cada um e a todos os indivíduos na Terra; mas apenas após muitas experiências de vida cada um ganha esse título glorioso, ao trabalhar diligentemente por ele, não simplesmente por ser bondoso e seguir as leis feitas no vosso próprio ambiente, o que, embora muito louvável, não tem qualquer influência sobre o atingir o estado de Cristo.

Lembrem-se, não deixem que nada vos impeça de vos esforçardes constantemente nesta direção. Digo-vos da maneira mais sincera que

sei, não há outra forma de atingirem a vossa liberdade final das correntes de aço que vos prendem ao inferno da vida material, e recuperarem o vosso paraíso perdido que reside no vasto e belo Mundo Etérico.




**ALI BEN CASI**

Ali Ben Casi é um membro das inteligências do Círculo Interior, um grupo de personalidades astrais que Mark Probert professava canalizar. Ben Casi foi creditado como o autor do ensaio seguinte, sem mais nenhuma descrição do seu passado.

**O SONO, A PROJEÇÃO E A MORTE**

**por Ali Ben Casi**

A ciência física, na sua maior parte, não sabe quase nada sobre estes três estados de consciência. O sono é considerado uma forma normal de ação pela qual a grande maioria de todas as formas que contêm consciência deve passar, mas quando a projeção da consciência é referida em quaisquer grupos que não sejam metafísicos, ela é, por norma, recebida ou com um silêncio de pedra ou com algo

que fica pouco aquém do desprezo. E a palavra “morte” é proferida ou em sussurros reverentes ou com uma atitude cínica de «Ah, todos temos de morrer um dia!».

Claro que tais formas negativas de olhar para qualquer forma de ação na vida devem ser consideradas apenas como avenidas de escapismo. Negar a existência de uma coisa ao recusar olhar para ela de forma alguma muda o facto de que essa coisa ou condição está lá e, visto que pertence ao padrão da vida, deve ser encarada de frente em algum momento. Ser o possuidor do mecanismo chamado cérebro não é nenhum sinal seguro de que nos tenhamos elevado acima do estado animal e sejamos agora classificados como “pensadores” que possuem a capacidade de fazer aquilo a que se chama «raciocinar».

Todas as coisas devem primeiro viver para poderem morrer e morrer para poderem viver. Devemos estar acordados para dormir e adormecidos para acordar. Todas as coisas estão num estado constante de sono e vigília, e de vida e morte, e em graus variados; e, no entanto, nada está alguma vez inteiramente morto ou vivo, adormecido ou acordado.

Alguns que obviamente não são observadores atentos disseram sobre o sono que este é semelhante ao estado de morte. Isto não é de modo algum verdade e apenas prova que ainda não passamos de observadores superficiais quando assim falamos. A forma de atividade pela qual o corpo físico passa é decididamente diferente no ato do sono em relação à do ato da morte.

Pensa-se, do ponto de vista físico, que o desejo de dormir é provocado por certos produtos químicos do corpo que, atuando como opiáceos, atacam certas células cerebrais e nervosas, tornando a pessoa assim inconsciente; que a partir do momento do nosso despertar a atividade do cérebro e do corpo começa a fabricar estes produtos químicos em pequenas ou grandes quantidades, de acordo com a natureza da atividade. A consciência do corpo, por si só, parece provocar o desejo de dormir.

A razão para isto é simplesmente que todas as células por todo o corpo, se constantemente abastecidas com a quantidade adequada de combustível, permanecerão num estado de atividade consciente e

inteligente, mas é apenas uma questão de tempo antes de a combustão; isso significa a produção da forma mais baixa de energia, chamada «calor»; ter preenchido a corrente sanguínea com uma cinza de natureza extremamente ácida. Este ácido abranda o movimento das células do sangue e, se uma quantidade excessiva for derramada na corrente sanguínea, criará uma tal falta de movimento das células que a estagnação transformará o sangue em lodo. Se esta condição se tornar aguda, causará a separação da consciência em relação ao corpo, chamada «morte».

O segredo daquilo a que se pode chamar "consciência material" reside em formas particulares de movimento vibratório da estrutura celular do corpo. Cada parte do corpo; tal como o sangue, os ossos, os tecidos; tem o seu próprio ritmo que é exclusivamente seu; e, no entanto, são, até certo ponto, ajudados uns pelos outros, mantendo assim toda a máquina em atividade harmoniosa.

Ora, em todas estas três formas de atividade; o sono, a projeção e a morte; há uma retirada da consciência em relação ao corpo, mas em cada caso a natureza da retirada é decididamente diferente. Naquilo a que se chama o estado de sono normal, existe uma espécie de dualidade do sentido de perceção. Uma divisão tem lugar no instante em que um indivíduo cai no estado de sono. Uma parte do sentido de perceção mantém a sua atenção nas funções físicas gerais do corpo, enquanto a outra procura colher conhecimento interior naquilo a que se chama o mundo dos sonhos. Faz isto pegando nas tensões que foram impressionadas no sistema nervoso através das horas de vigília do indivíduo, e moldando-as em vários símbolos, e depois "lendo-as".

A sua "leitura" é feita, primeiro moldando-se num duplo do dorminhoco, e depois encenando todas as coisas que estão a ter lugar no sonho. Assim, "vivendo" a parte do sonhador, é capaz de registar uma experiência da mesma maneira que o faria o sonhador no seu estado de vigília através do sistema nervoso do corpo físico. Se o "eu do sonho" fica suficientemente impressionado com o que experienciou no seu mundo dos sonhos, forma fortes linhas de tensão ao longo do sistema nervoso do corpo físico do dorminhoco, de modo que, quando a pessoa acorda para a sua perceção material, se lembrará claramente do que se passou no mundo dos sonhos.

O lembrar-se do que se passou num sonho, contudo, não significa de modo algum que o eu físico tenha sido capaz de decifrar o significado simbólico interior do sonho. A capacidade de interpretar sonhos corretamente perdeu-se há tanto tempo nos salões poeirentos do tempo que, se alguém mostra quaisquer sinais disso hoje, é considerado como um capricho e, se o seu talento é requisitado, é sobretudo como uma questão de curiosidade. Os Antigos; conforme até a vossa Bíblia cristã vos dirá; tinham sempre os seus intérpretes de sonhos. Eram uma parte necessária de cada casa real. Muitos destes intérpretes de sonhos eram profundos eruditos da vida e conheciam bem a natureza física e psicológica das pessoas com quem lidavam.

Nos vossos tempos modernos os senhores têm, sim, intérpretes de sonhos, mas eles gelar-vos-iam até à morte com um olhar altivo se lhes dessem tal título, e informar-vos-iam; com o cifrão a pingar de cada palavra; que são “psiquiatras” ou “psicólogos”. E se pensam que esses não são títulos caros, basta olharem para a vossa conta após visitarem um deles!

Aqueles que nos conhecem e ao trabalho que temos estado a esforçar-nos arduamente por fazer ao longo dos últimos cinco anos, estarão cientes do facto de que, embora por vezes possamos parecer sarcásticos e excessivamente críticos em relação aos vossos atuais homens e mulheres pseudo-eruditos e aos seus métodos, não estamos de modo algum esquecidos das mentes verdadeiramente grandes que passaram vidas inteiras em esforços sinceros para desvendar o mistério da natureza física e mental do Homem. Por homens como Jung, Adler, Freud e outros do mesmo calibre, não temos senão o mais profundo respeito. Que todos discordassem nas suas opiniões uns dos outros até certo ponto é de esperar. Na verdade, diríamos que é na "terra de ninguém" que jaz entre as fronteiras da sua discordância que a verdade daquilo que tentavam exprimir pode ser encontrada. E mais, se todos eles tivessem concordado à letra uns com os outros, o fenómeno teria necessitado da contratação do Honrado Sr. Wiesmann e do seu “Id” para examinar os seus “Ids” individuais separados para determinar por que razão e como todos estes “Ids” trabalhavam em tão precisa harmonia.

Agora regressemos por um momento à consideração os estados de sono e de sonho, e lancemos outro olhar a algumas das inúmeras formas de atividade que ali se desenrolam. Por uma razão ou por outra, conhecida apenas do "eu do sonho", este pode subitamente sentir-se chamado a abandonar o seu mundo muito personificado e abstrato e a entrar no mundo concreto tridimensional. Quando isto ocorre, chama-se «projeção».

Se tivermos em mente que não existe existência fora ou à parte da Mente — que o tempo, o espaço e as coisas não passam de formas de atividade da mente —, estaremos mais bem preparados para compreender que a palavra "projeção", tal como a palavra "atividade", transmite a ideia a que se chama «movimento». Mas o movimento, como tudo o resto, não pode de forma alguma ser compreendido sem um dos sentidos do corpo, quer esse corpo seja de matéria físico-química quer seja o corpo de um ser desencarnado em qualquer um dos "planos" de consciência, sem exceção.

Ao mesmo tempo, embora qualquer um ou todos os nossos sentidos nos possam dizer que uma certa forma de ação está a ter lugar, essa forma particular de ação assim registada nos sentidos pode ser não existente. Na verdade, uma série de tipos variados de movimento que são não registáveis para os sentidos físicos pode estar a desenrolar-se; e um indivíduo, de acordo com as suas necessidades físicas e mentais, pega nestas séries de linhas de movimento variadas e não registáveis e molda-as em coisas tanto observáveis como, para ele, compreensíveis.

Isto, então, é a razão pela qual se diz que tudo é maya ou ilusão. Por exemplo, o homem nunca vê as linhas de força chamadas «luz», nem na verdade vê a luz de todo; mas o que ele vê, sim, é uma parte do trabalho que a luz está a fazer, tal como o reflexo. Ele não está, então, a ver ou de qualquer forma a sentir as ações da luz, mas sim as reações.

O Sol, diz-se, é a fonte da nossa luz da Terra; mas pode bem ser apenas um enorme refletor cósmico composto por muitos biliões de linhas de matéria energizada. "Mas energizada por quê?", poderão os senhores perguntar. A única resposta que nós do Círculo Interior

temos para isso é: “Por aquilo a que se conhece como a Força de Vida.”.

Mas o que é a Força de Vida? Em si mesma a sua natureza é elétrica e positiva, mas quando acasala com a matéria química inferior para fazer o que se chama «forma», está a acasalar com um elemento negativo e é transformada em energia térmica. A forma então é mantida unida pelo movimento extremamente rápido das moléculas de calor produzindo linhas de força chamadas um campo magnético.

A intensidade do campo magnético em redor de qualquer corpo depende tanto do tamanho como do ponto de solidificação desse corpo. Quanto maior o estado de chamada «solidez», menos expansivo ou intensivo em poder o campo eletrónico; e isto parece dever-se à perda de energia térmica a partir do caroço ou núcleo do átomo. Faz com que os corpos eletrónicos caiam em direção ao centro ou núcleo.

Ora, caso os corpos eletrónicos continuassem a sua queda e mergulhassem no seu sol central, isso causaria o que equivaleria a uma explosão tremenda ao afastar os muitos corpos que concorrem para constituir o núcleo. Este despedaçar do corpo central cria e liberta quantidades tremendas de energia térmica radiante, e a tentativa das partículas explodidas para se reagruparem forma novas substâncias.

Parece que, no nosso esforço para vos dar uma imagem um pouco mais clara respeitante à Mente e a algumas das suas formas de atividade, tais como os sonhos e as projeções, nos afastámos do caminho metafísico e entrámos no caminho daquilo a que se chama, de forma bastante vaga, física material. Dificilmente se pode esperar que possamos alguma vez falar de uma destas abordagens da vida sem trazer a outra, pois na verdade elas são a própria matéria a partir da qual “a mala mágica” é feita. A metafísica é o lado interior; a física material o exterior. Como quer que isto seja, deixem-nos agora regressar à atividade chamada «projeção».

Quais são exatamente as mecânicas da projeção? A palavra em si significa simplesmente “enviar para a frente uma coisa a partir de ou para fora de outra coisa”, e assim “projeção” neste caso particular significa enviar para a frente um corpo a partir de outro corpo. O que é

enviado chama-se o corpo psíquico; aquele do qual este brota chama-se o corpo físico-químico.

Ora, pareceria e talvez pareça a muitos que fizeram um estudo deste assunto que temos aqui dois corpos total e distintamente diferentes a serem considerados; mas a partir das minhas observações pessoais e estudos gerais, sinto que a ideia de dois corpos — um a mover-se "para fora" do outro —, embora não seja inteiramente errónea, é contudo ilusão (maya) ou uma ilusão que é provocada devido às nossas conceções de espaço-tempo e movimento, para já não falar da nossa crença quase hipnótica na concretude da matéria.

Ora, a palavra "psique" é um substantivo que significa a "Alma" ou "Mente", pelo que o termo "corpo psíquico" significa um "corpo-mente". Supõe-se que este corpo-mente seja algo diferente do corpo material, mas não é. Pois o corpo material é também um corpo mental tendo sido formado pelas tensões mentais do ego que nele havia de habitar.

Quando digo que o Ego habita no seu veículo físico, essa expressão pode conduzir-vos de volta à ideia da existência de dois corpos separados, um a viver no outro; mas tentemos não deixar que a terminologia nos desvie no nosso pensamento. Não há senão o único corpo e a esse chamamos o corpo mental. Quaisquer outros e todos os que possam parecer surgir a partir deste não passam do modus operandi do Único, para criar um sentido de perceção expandido ou contraído, de acordo com as necessidades daquele Ego particular que está a procurar maior compreensão.

Uma palavra agora para os muitos de vós que experienciaram o que se chama projeção psíquica conscientemente pretendida. Os senhores, sem dúvida, dirão: "Mas eu sei pela minha própria experiência pessoal que há dois corpos, porque senti o meu eu interior ou psíquico elevar-se para fora do meu corpo físico, e depois olhei para trás para esse corpo físico e vi-o deitado muito imóvel como se estivesse a dormir ou morto.". Estou perfeitamente ciente de tais condições existentes, e não duvido de modo algum do que possam dizer.

Sei também da existência daquilo a que se chama o «cordão aka», por vezes referido como o «cordão de prata». Esse cordão é extremamente flexível e oco. A sua oquidade permite um fluxo de energia a partir do corpo físico para o corpo astral, psíquico ou mental, conforme lhe queiram chamar. Alguns podem pensar que este cordão ou tubo estica à medida que o corpo psíquico se afasta da sua contraparte física, mas não estica. É libertado a partir do plexo solar ou parte central do corpo físico conforme é necessário, para dar um maior sentido de liberdade de ação ao corpo psíquico.

O cordão aka corre a partir do plexo solar; o qual é por vezes chamado o grande cérebro e é a fonte central do sistema nervoso do corpo físico; e está ligado ou à base do crânio ou à base da espinha do corpo psíquico. Não faz demasiada diferença a qual das extremidades da espinha está unido, pois o propósito é dar ao corpo psíquico um elo de ligação com o sistema nervoso físico do seu eu material, para que a sua atenção não se desvie do mundo físico em que está a operar e se perca dele. O romper deste cordão durante o ato de projetar significaria, naturalmente, a morte para o corpo físico e apresentaria extremas dificuldades para o eu psíquico nos seus esforços para efetuar qualquer contacto posterior de tipo contínuo com o mundo físico.

Embora todas as declarações acima tenham sido provadas verdadeiras por muitos que experienciaram o que se chama projeção psíquica conscientemente pretendida, muitas das condições encontradas na projeção consciente estão inteiramente ausentes quer numa projeção de sonho; a que prefiro chamar “externalização do eu do sonho”; quer em muitos tipos daquilo a que se chama projeção subconsciente. Por exemplo, não há nenhum cordão de ligação a correr entre o eu do sonho externalizado e a sua contraparte física que jaz a dormir. No entanto, este eu do sonho externalizado pode deambular à solta, indo para onde quer que os seus pensamentos lhe comandem que vá e, para todos os efeitos, parecendo e agindo exatamente como o seu eu físico que jaz talvez a milhares de milhas de distância num estado comatoso. Se o corpo “adormecido” fosse examinado nessa altura, descobrir-se-ia que estava muito baixo em toda a sua atividade funcional, tal como a respiração, os batimentos

cardíacos e do pulso, a tensão arterial e a produção geral de produtos químicos a partir do sistema glandular, e muito frio na temperatura de superfície.

A razão para este estado quase cadavérico do físico é bastante óbvia, estou certo, para aqueles que fizeram um estudo da projeção, mas para benefício daqueles que nada sabem das mecânicas mas que possivelmente experienciaram esta condição; e indubitavelmente há muitos mais que o fizeram do que qualquer um de vós percebe; tentarei contar nos termos mais simples possíveis as mecânicas deste fenómeno talvez invulgar, mas não obstante natural.

Por impacto da força da mente, quase todas as energias do corpo físico são drenadas, para serem usadas para construir o que parece ser um duplo físico do dorminhoco. Ora, este ato por parte do eu do sonho raramente está ciente de que está a existir num mundo de sonhos. Também é muito sensível à sugestão e procurará sem questionar e com uma força de esforço tremenda cumprir aquilo que o eu físico não só sentiria ser impossível, mas inteiramente irracional.

Os vossos psicólogos chamariam a este eu do sonho a mente ou eu subconsciente, e eles ensinaram que o eu subconsciente é desprovido de capacidade ou poder de raciocínio e, portanto, só pode agir por sugestão. Deixando de lado por momentos a nossa objeção ao termo “subconsciente”, concordaremos com eles que o subconsciente faz pouco ou nenhum raciocínio. Duvido, contudo, que obtivéssemos mais do que um sorriso ténue e impaciente da maioria destes estudantes da mente se tentássemos atraí-los para fora do seu torpor erudito com a sugestão (tentativa, claro, porque nenhum de nós sabe precisamente o que se quer dizer com “razão” e “lógica”) de que a chamada mente consciente também não raciocina; exceto, claro, em relação ao seu meio no mundo material. E mesmo aqui a mente consciente está tão treinada para aceitar tanto que não é verdade e tão pouco que o é nas vossas civilizações cada vez mais complexas, que não é capaz de fazer mais do que um pensamento superficial, para já não falar da arte de raciocinar.

Que a chamada mente subconsciente não mostre nenhum desejo de raciocinar as coisas deve tornar óbvio que aquilo a que se chama o

Eu, ou Eu, de um indivíduo nunca aceita realmente qualquer forma de aprendizagem, a não ser aquela que obtém de si próprio e que, portanto, sabe ser verdadeira. Faz isto simplesmente porque ele, e apenas ele, sabe o que é bom para o seu próprio crescimento. Este "Eu" nada sabe sobre o bem ou o mal conforme é ensinado pelos homens físicos, puramente como uma salvaguarda para o seu ambiente físico.

Pode parecer, a julgar pelos reflexos superficiais, que estamos a ensinar um indivíduo a fazer isto ou aquilo, mas não é assim. Estamos apenas a fazer com que essa pessoa recorde aquilo que sempre soube. E novamente digo, se aquilo que estão a ensinar não é aceitável para o Eu dessa pessoa, o professor pode passar por todo o tipo de ginástica mental, ou espancar o seu aluno até à meia-morte num esforço para fazer com que ele compreenda e aceite o que lhe está a ser dito, mas será tudo em vão. Na verdade, se o eu físico, por ação superficial, executa aquilo que o "Eu" rejeita como inútil para si, podem esperar que um tipo ou outro de maleita corporal crónica tenha lugar nessa pessoa; ou até a morte súbita. Saber isto deveria ser uma das maiores razões do Homem para a crença na perfeita liberdade de ação para cada indivíduo.

É bem na verdade para o Homem que o chamado «subconsciente» seja indiferente a essa palavra de alto tom chamada «raciocínio», pois se não o fosse, nem o mundo em que agora habitam nem o universo e universos ao longo de todo o espaço poderiam ter surgido. Pois nada disso foi concebido no reino daquilo que a consciência material assume ser o raciocínio. Tivesse a grande Mente Cósmica concebido um universo pelo processo de raciocínio, este teria sido tão mecânico na sua natureza que se teria destruído a si próprio cada vez que tentasse manifestar-se em forma tridimensional. Num mundo de pura razão, não poderia existir uma forma tão maravilhosa de atividade mental como a imaginação; e é neste mundo sem barreiras da imaginação ou pensamento dedutivo que o "subconsciente" trabalha.

O subconsciente faz lembrar uma aranha agachada num buraco escuro, silenciosa e discretamente à espera de que as moscas da sugestão pousem na sua teia, a mente consciente, quando

instantaneamente saltará sobre elas, extraindo com uma picada a sua vida chamada «lógica». Depois, o processo digestivo transformá-las-á a todas numa massa fervilhante de inferência, parte da qual irá para perpetuar la teia da consciência material, e parte para o seu mundo de imaginação e sonhos.

A consciência material torna-se então a aranha e salta; com muito maior cautela; sobre uma ou duas pilhas de secreção chamadas «inferências» apanhadas na sua teia, o subconsciente. Em vez de a matar; ou a elas, conforme o caso; injeta mais uma vez a vida excitante da razão nela e substitui os seus fluidos corporais convidando-a a beber do cálice da lógica; e com isso ela torna-se uma coisa brilhante e cintilante de utilidade no mundo tridimensional do homem.

Agora, regressemos mais uma vez e retomemos onde parámos nas mecânicas da externalização do eu do sonho. Como dissemos, o eu do sonho raramente percebe que está a agir em qualquer outra coisa que não seja um mundo muito real e concreto, por isso, quando recebe uma mensagem sob a forma de um impulso nervoso a partir da parte da consciência que foi deixada a guardar o corpo físico, não pára para considerar nem a autenticidade da fonte da mensagem nem a possibilidade de executar o seu comando. Finjamos que, neste caso particular, a "mensagem" reza algo como isto: "Lembra-te de John Doe.". Os senhores e ele eram amigos próximos; há um laço que se formou entre vós quando estiveram juntos na cidade. Por que não o vai ver?

Ora, embora estejamos a fingir a mensagem acima, não é de todo provável que o eu do sonho recebesse a "mensagem" dessa maneira; mas os impulsos nervosos a partir das células de memória do cérebro do corpo físico seriam pegos pelo eu do sonho e transformados em muitas implicações e inferências sob a forma de símbolos, e algures por entre estas formas simbólicas; que podem estar a falar-lhe de um acontecimento na sua primeira infância, ou dos seus nove meses no ventre da sua mãe, ou de uma vida anterior, ou de uma experiência que ainda está por vir; erguer-se-á um símbolo que instantaneamente traz à mente "John Doe" e as suas ligações emocionais com essa pessoa.

Esse símbolo pode ser sob a forma de um pedaço de vestuário ou numa cena, ou um objeto particular na cena; mas, qualquer que seja a forma que assuma, representa John Doe, e mais ninguém. A partir daí, tudo depende da profundidade e força do apego emocional que o eu físico tinha por John Doe. A natureza do apego pode ser o ódio ou a luxúria ou o amor, não faz nenhuma diferença, pois os três são forças de atração igualmente poderosas.

Digamos que o laço emocional é muito forte e profundo e é de amor. O eu do sonho entraria instantaneamente na corrente de consciência da vida de John Doe. No momento em que entramos na corrente de consciência de outrem, estamos em direto entendimento com essa pessoa; e fazer tal contacto com outro dos nossos semelhantes é muito mais preciso e revelador em todas as suas ramificações do que qualquer encontro físico-químico poderia possivelmente ser, pois em todos os contactos desta última natureza confrontamo-nos invariavelmente uns aos outros com uma máscara de algum tipo. Por mais abertos e sinceros que tentemos ser, e por mais profundamente que amemos, há sempre uma parte de nós próprios que mantemos atrás de uma porta trancada.

Mas quando entramos no campo de consciência de outrem, estamos em entendimento com um algo que nada sabe sobre máscaras ou ocultação de segredos. Pode ser designado por uma coisa pessoal-impessoal. A sua natureza pessoal surge do facto de pertencer ao que se chama um ser individual; é especificamente a criação dessa pessoa, e a sua qualidade impessoal advém de ser um puro campo eletrónico; e estou certo de que concordarão que não há nada mais impessoal do que um campo eletrónico.

Antes de vos poder dar uma imagem clara do que aciona o mecanismo para fazer com que o eu do sonho entre no mundo concreto, devemos dar alguns passos atrás novamente até onde o eu do sonho depara com o símbolo que representa John Doe. Como disse, este símbolo pode ser de um tipo concreto; tal como um chapéu, uma luva ou qualquer outro pedaço de vestuário ou bugiganga de que o sonhador físico estivesse ciente de John Doe ter usado ou ter tido contacto físico, durante a sua relação pessoal. Mas também pode surgir na natureza de um tipo de símbolo muito abstrato, o qual pode

ou ser muito complexo ou ser a própria simplicidade. Mas nem a sua complexidade nem simplicidade impedirão o eu do sonho de ler a personalidade de John Doe nele.

A questão que agora se nos coloca, evidentemente, é: «Como é que o eu-do-sonho pega nestes símbolos abstratos ou concretos e os usa como um meio de entrar no fluxo pessoal de consciência do John Doe?». Como, realmente, entraram eles, para começar, no mundo dos sonhos do sonhador? Responder a esta última questão seria quase responder à primeira, ou vice-versa, com um procedimento inverso.

Para ser muito franco convosco, devemos confessar que o nosso esforço para descrever as coisas uns aos outros é uma tarefa quase impotente. Esta situação tão desconcertante é muito mais difícil entre vós, no plano físico-químico, do que no nosso. Para vos dar um exemplo disto, suponde que eu começava a descrever-vos a minha aparência geral. Começo por dizer que sou um macho. Ora, que tipo de imagem real pinta esta palavra «macho» no olho da vossa mente? Certamente nenhuma de natureza concreta, pois a palavra «macho» carece inteiramente de personalidade, mas, por uma grande quantidade de razões aparentes, a vossa mente assume automaticamente, neste caso, que eu sou um ser humano macho. Portanto, a vossa mente assume primeiro as minhas qualidades de «humanidade» antes de o fazer em relação à natureza do meu sexo. No entanto, nenhuma imagem real pode ainda surgir no olho da mente, pela simples razão de que existiram muitos milhares de milhões de machos humanos na Terra. Considerando isto, os termos «humano e macho» não passam de abstratos de um tipo com o qual a chamada «mente» humana não consegue lidar.

Como palavras faladas, contudo, elas excitam o sistema nervoso dos ouvidos, por irritação, de modo a produzirem uma série de impulsos eletrónicos que «viajam» até certas células do cérebro; não por correrem apenas pelo exterior dos nervos fibrosos, como pode parecer ser o caso quando os impulsos elétricos viajam num fio ao criarem um campo magnético na superfície externa do fio; mas estes impulsos nervosos excitam toda a estrutura atómica de um nervo, e os átomos assim colocados em movimento criam um campo magnético semelhante ao longo de toda a parte exterior da fibra.

O mesmo é verdade para todos os cinco sentidos do corpo físico; todos funcionando através da lei do que é chamado «pressão»; criada pelo movimento. Serão os próprios átomos realmente movidos? Não realmente, mas os seus campos eletrónicos são perturbados e, na proporção em que estes corpos satélites são perturbados, assim será a quantidade e a intensidade do calor friccional criado. A fricção criada no átomo é realizada pelo que se chama «indução» e funciona de acordo com a lei do inverso do quadrado da distância dos corpos satélites em relação ao núcleo.

Qualquer perturbação dos corpos eletrónicos a partir da sua órbita normal criará instantaneamente calor friccional ao perturbar as pressões gravitacionais que existem entre os corpos eletrónicos e o núcleo do átomo. O núcleo regista a libertação de pressão expandindo-se, e o ato de expansão, ou separação momentânea das partículas infinitesimais e complexas, faz com que ocorram graus de fricção no núcleo que escapam sob a forma de calor puro. Se todo o campo eletrónico for destruído, o núcleo desintegrar-se-á numa explosão de energia térmica pura, movendo-se a série de partículas; ou «raios», como são chamados; a várias taxas de velocidade à medida que irrompem em formação espiral cada vez mais profundamente de dentro do coração do núcleo.

Ora, como tudo o que é chamado «pensar» liberta correntes de calor dos átomos que vão constituir os nervos, estas correntes, ao atingirem o cérebro, excitam as células num tipo de movimento de expansão e contração. Esta ação de tipo respiratório por parte das células é provocada pelas correntes de calor que excitam as centenas de grânulos diminutos que flutuam num líquido ácido nas células. A carga de calor, passando através do ácido, contacta cada um dos grânulos, fazendo com que descarreguem eletrões no ácido. Uma alteração ocorre no ácido, cuja natureza é uma quebra das suas partículas constituintes.

Essa ação pode ser chamada de oxidação das células, pois destrói todas as toxinas nas células, e de tal modo estimula as células que estas enviam uma série de cargas elétricas positivas, que se registam no eu-da-mente em padrões definidos, que nunca mais são apagados. São estes padrões da mente, os quais são constituídos por tensões

eletrónicas na psique, que o eu-do-sonho usa como blocos de construção para o seu mundo, transformando-os em imagens simbólicas.

Como disse anteriormente, tanto depende da profundidade da relação emocional que existia entre o adormecido e o tal John Doe; o qual, logicamente, pode ser qualquer um dos seus parentes de sangue ou um amigo próximo; que ninguém poderia prever a reação do eu-do-sonho ao símbolo do John Doe, tal como não poderiam antever as reações do adormecido no que é chamado o seu estado de vigília. Como toda a mente é Uma Só Mente, com infinitas potencialidades de ação e variações de ação, o indivíduo acordado ou acordada, ou a dormir, tem um vasto campo no qual trabalhar.

O eu-do-sonho pode simplesmente pegar nas tensões eletrónicas que representam o John Doe tal como o adormecido o viu pela última vez, e construí-las numa forma de pensamento ou imagem visual dele, caso em que não lhe dirá mais do que aquilo sobre o que conversaram quando estavam juntos. E mesmo que o eu-do-sonho possa dizer a esta imagem muitas coisas sobre as quais o adormecido adquiriu conhecimento desde a sua separação do John Doe, a imagem responderá ou de uma forma muito evasiva; o que será porque o próprio adormecido não sabia as respostas; ou não dará resposta nenhuma; pela mesma razão.

Se, contudo, o adormecido souber as respostas às suas perguntas ou afirmações, não se dando conta de que está a sonhar, fará com que a imagem confirme os seus pontos de vista; e em qualquer parte da conversa subsequente em que o adormecido estivesse incerto sobre as suas crenças a respeito de algo, a imagem também estará incerta. Parecerá nesses pontos de incerteza que a imagem está a parar para pensar e raciocinar, e a partir desse tipo de ação, o eu-do-sonho sentirá que a imagem está a manter uma conversa inteligente com ele.

Por outro lado, o eu-do-sonho pode entrar em contacto com o eu-do-sonho do John Doe, caso em que ambos falarão inteligentemente um com o outro, transmitindo conhecimentos que tinham reunido enquanto separados. Ora, se o laço emocional entre os dois for algures perto de igual em profundidade e sinceridade, ambos se lembrarão do

encontro e da conversa. Se for unilateral em profundidade e sinceridade, aquele com o apego emocional mais profundo recordar-se-á do sonho; e pior, ou melhor ainda conforme o que possais sentir a esse respeito, ele também saberá o verdadeiro nível do apego emocional do John Doe por ele. Pois que seja lembrado que em todos exceto no estado físico de consciência, expomos a nossa verdadeira natureza uns aos outros.

Assumindo a vossa permissão, desejo fazer aqui um desvio por um momento para vos dizer que; se falhardes em memorizar qualquer outra coisa em todo este capítulo; rogo que não seja a última afirmação feita acima. Estou a colocá-la entre parênteses com a esperança de que lhe presteis especial atenção.

Para voltar ao ponto onde parámos; quando dois indivíduos têm um sonho do tipo ultimamente mencionado, ele é geralmente classificado como "sonho verdadeiro". No entanto, não há o que é chamado «projeção» a ocorrer, mas há uma forma de ação a desenrolar-se, chamada expansão consciente. Para obter uma imagem mais gráfica da ação da mente que está envolvida em tais casos, por favor recorrei ao esboço na página seguinte.

Ora, imaginai as duas pessoas de pé, a poucos pés de distância, na margem de um lago, e cada uma a deixar cair uma pedra na água. As ondas resultantes do impacto de cada pedra na água expandir-se-ão a partir dos seus centros e em breve se encontrarão e misturar-se-ão.

Visto que todo o reconhecimento funciona através ou por meio do que é chamado a lei da comparação, ou o relacionar de uma coisa com outra, caímos automaticamente na crença de que todas as coisas são separadas e distintamente diferentes umas das outras. Por outras palavras, isso impede-nos de ver toda a vida como uma unidade ativa, e vemo-la apenas em pequenos pedaços separados. A questão que pode logicamente surgir aqui é: «Se tudo é verdadeiramente Um, como é que este Um provocou o seu estado atual de aparente dualidade?».

Ao tentar responder a esta questão, não presumo acreditar que a resposta será aceitável para todos vós, nem sequer que vos será muito

clara, mas posso assumir que todos conhecemos as limitações das palavras faladas ou escritas, e farei o meu melhor com ela.

Como forma de começar, finjamos que a natureza do mundo do pensamento é eletrónica e que o padrão que os eletrões formavam era o de uma espiral inversa, ou linhas de força a correrem para fora a partir de um centro num campo em perpétua expansão, talvez visualizado assim (ver página seguinte). Esta forma de ação representaria o homem etérico a deixar o seu mundo interior, e a construir e a entrar no mundo da matéria de um tipo tridimensional. Ora, para fazer isto, foi necessário entrar num estado ainda mais profundo de consciência interior. Isto pode parecer um estranho paradoxo, mas em todas as tentativas que o Homem possa fazer para sair "fora" de um estado de consciência para outro, ele deve sempre primeiro ir para dentro; pois nada deve ser encontrado, a menos que seja primeiro descoberto "dentro". Todos os estímulos aparentemente exteriores devem primeiro registar-se dentro do indivíduo, antes que esse possa tornar-se ciente da sua realidade "exterior".

Sementes, sejam elas de origem humana ou de outra forma, devem ser plantadas dentro, antes que possam mostrar o seu aspeto “exterior”; e cada semente deve conter dentro de si o conhecimento da forma exterior que mais tarde irá tomar, e uma imagem gráfica do que tem de fazer para manifestar a sua própria forma particular.

Para entrar “fora” no mundo dos sonhos, deve-se ir mais fundo dentro da consciência. Para projetar o corpo psíquico de alguém de volta para fora, para o mundo físico, deve-se ir ainda mais fundo dentro da consciência. Para entrar no mundo astral e estar livre do mundo físico, deve-se ir para dentro e fechar o chamado «exterior».

Ora, se a minha terminologia, que tentei colocar em forma simples, pintou qualquer tipo de imagem compreensível para vós, vereis por que razão não existe realmente tal condição como um mundo “exterior” de todo, e que a aparente "exterioridade" não passa de uma ilusão. Podereis também ter adquirido uma melhor compreensão mental do que se quer dizer quando se diz: «Tudo é Um, e tu és esse Um.».

Parece que divagámos para muito longe do tema do eu-do-sonho e do John Doe, mas na realidade não nos afastámos mais do que o necessário para recolher e trazer de volta algumas partes em falta do quebra-cabeças que esperamos que tornem a imagem mais completa.

Pelo momento, suponhamos agora que o eu-do-sonho não encontra símbolos que despertem uma imagem do John Doe, nem consegue entrar em contacto com o campo de consciência do John Doe enquanto no estado de sonho. Mas o desejo de encontrar o seu amigo continua proeminente no seu estado de espírito material de vigília. Se o seu apego ao amigo não for de um tipo mórbido, ele deixará o seu desejo deslizar para fora da sua consciência corporal para o que é chamado o seu subconsciente; o qual não está realmente abaixo da mente consciente de todo, mas é um campo de ação que pode ser chamado a mente criativa.

A mente criativa está presente em toda a parte. Não há parte no espaço-tempo em que ela não exista; contudo, por si mesma, não é conhecedora do espaço ou do tempo. Este mundo é constituído por formas de pensamento provocadas pelos desejos de todas as coisas vivas em todos os planos de consciência, algumas completas e algumas incompletas, mas todas à espera do momento apropriado para se manifestarem onde quer que seja necessário. Uma forma de pensamento nascida do desejo deve, nalgum momento, ser trazida para o uso ativo, ou a energia que foi necessária para a criar explodirá sobre o seu criador e trará ferimentos graves ou a morte a este.

Poderá ser bom expressar aqui o pensamento de que a natureza do Homem não é, como algumas escolas de misticismo ensinam, tríplice, nem é meramente décupla, como outras ensinam; mas múltipla. Se havemos de aceitar o pensamento de que a matéria pode ser dividida e subdividida em partes infinitas, essa consciência é, não mais, mas igualmente complexa. Na verdade, a matéria é consciência.

Se o leitor conseguir, pelo menos até certo ponto, acompanhar a maior parte das afirmações acima, encontrar-se-á automaticamente numa melhor posição para compreender o que estou agora prestes a dizer no que diz respeito àquele a quem me referi como o “eu-do-sonho”. Este eu-do-sonho tem estado a procurar o seu amigo, o John

Doe, mas está agora a mover-se no seu mundo material de vigília e aparentemente pôs de lado ou esqueceu o seu desejo. Mas, como disse, a consciência nem esquece nem põe de lado nada, mas procura constantemente expressar-se em forma, e move-se sempre em direção às linhas que lhe dão a menor resistência.

Assim, enquanto alguém pode parecer estar muito ativamente concentrado num trabalho, uma parte da sua consciência move-se para fora dele e, assumindo uma semelhança idêntica na forma física desse alguém, aparece diante do John Doe. Isto é por vezes referido como uma bilocação de consciência. Não pode, contudo, ser classificado como o que é chamado uma projeção do corpo psíquico, pois não tem nenhum cordão de prata ou aka a ligar os dois eus. Nem há qualquer sentido de um elo de ligação de qualquer tipo pelo qual qualquer dos corpos esteja ciente do outro. E mais, a pessoa de quem esse duplo saiu não precisa de sofrer qualquer lapso de consciência, mas, na maioria das vezes, nem sequer está ciente de ter tido uma parte da sua consciência a deixá-la; mas quanto à realidade desta forma projetada, basta escutar o John Doe para constatar que ele prestará um juramento solene de que falou com a pessoa real em questão.

Existe outra diferença entre este tipo de ação mental e o que é chamado projeção psíquica, e essa é o elemento tempo-e-movimento. Na última, a psique projetada tem tanto o sentido de movimento através do espaço como a passagem do tempo; logicamente é o primeiro sentido que lhe confere o segundo; ao passo que uma bilocação de consciência ocorre fora do reino do tempo tridimensional; a qual é também a razão pela qual aquele a quem isso acontece não tem consciência disso e fica sempre chocado ou descrente quando lhe contam tal coisa.

A telepatia, a clarividência e a clariaudiência têm o seu campo de ação também fora do vosso espaço-tempo-movimento tridimensional, e mostram-se no vosso mundo apenas em dois pontos: (1) no seu ponto de origem, e (2) no seu ponto de receção; e é por causa disto que parecem tão misteriosas. Mas lembrai-vos disto: se o Homem aceita uma coisa em toda a criação como um mistério insolúvel, então todas as coisas são mistérios igualmente insolúveis.

«Eu» sou o único mistério e, na medida em que passar a conhecer-Me a Mim Próprio, conhecerei todas as outras coisas.

**KAY TING**

O Kay Ting é um membro do Círculo Interior. De acordo com os registos das sessões de Probert, o Kay Ting foi um monge tibetano que viveu no século XV, durante o período das dinastias Phagmodrupa e Rinpungpa, o tempo de vida do primeiro Dalai Lama, Gendun Drup, e a ascendência da escola Gelugpa do budismo tibetano. Faleceu em 1495.

**A ALMA GRUPO** por Kay Ting

O que é a Alma do Grupo? Qual é a sua função no esquema da vida? Estou perfeitamente ciente do facto de que estas são questões que foram tratadas com considerável extensão por uma quantidade de homens e mulheres de mentes metafísicas profundas, e não pretendemos, em nenhum destes escritos, ser capazes de vos falar em poucas páginas curtas sobre coisas que levaram à maior parte destas pessoas altamente capazes longos anos de estudo, e depois grandes

volumes de escritos, para dar a conhecer àqueles que estavam e estão a procurar a “Sabedoria Interior”.

Nós, do Círculo Interior, contudo, chegámos à compreensão, há muitos anos, de que quase todos esses assuntos foram tratados numa terminologia tão altamente técnica que são de pouco valor prático para o principiante. Esta é provavelmente uma das principais razões para a bastante chocante falta de interesse de uma grande quantidade de pessoas.

Parece-nos que, na maioria das vezes, estes escritores e professores, no seu zelo de expressarem as suas visões sobre a vida, esqueceram um dos fatores mais importantes; e esse é a arte da simplicidade. A busca da vida é um dever de todos, desde o demente até ao indivíduo mais instruído; mas, embora seja o dever de alguém, deveria também ser o seu prazer. Onde não há sentido de prazer nos nossos atos, não é provável que continuemos nesses atos.

Há uma maior exigência hoje em dia entre as pessoas da Terra, e especialmente aquelas na metade ocidental do mundo, por mais compreensão espiritual. Mas se aqueles que se sentem numa posição de a dar continuarem a colocar os seus Ph.D., D.D. e F.R.S. em exibição ao mesmo tempo, ao empacotarem os seus escritos e conferências com termos em latim, grego e sânscrito, o neófito rastejará de volta para as sombras mais frescas do seu buraco ortodoxo. Não que estas sombras lhe sejam mais compreensíveis, mas são confortáveis por direito de nascimento e ambiente inicial.

O principiante em quase todos os campos de aprendizagem, e especialmente naqueles de natureza metafísica e filosófica, é muito parecido com a proverbial marmota se lhe for permitido ver a sua sombra através do descuido, talvez involuntário, do professor ao lançar a sua luz em redor. Os resultados só podem significar um "inverno" de ignorância mais longo para o mundo em geral.

É, creio eu, bastante óbvio para o cientista material, bem como para o metafísico, que o mundo dará nos próximos cinquenta anos passos tão tremendos em todos os campos de aprendizagem, que o conhecimento que agora possuímos e sentimos ser tão avançado não será nada. Mas isto não pode ser alcançado pelos altamente instruídos,

que são os únicos que o podem fazer acontecer, a menos que desçam dos seus lugares altos e caminhem entre o "povo comum". E com este preliminar, que espero não ser demasiado longo, falemos sobre o que é chamado a Alma do Grupo.

Para fazer isto com a perspetiva de aprender alguma coisa, devemos imediatamente pôr de lado quaisquer ideias ou noções preconcebidas sobre o assunto. Sabendo da dificuldade em tentar desapegar-se do conhecimento adquirido, mesmo por um momento, sugiro que ataquemos este problema com nada mais difícil do que a mente aberta.

Pela lei do paradoxo, tudo é ao mesmo tempo verdadeiro e falso. Esta afirmação baseia-se na teoria de que o princípio subjacente ao tempo e à causação é a mudança. Que as coisas ou condições possam parecer à maioria ser de natureza homogénea e conclusiva é o resultado do treino geral que recebemos a respeito destas coisas no passado remoto. E, embora tal treino possa ter tido o seu valor em qualquer um desses períodos remotos, cometemos contra nós próprios e contra os outros um terrível mal se continuarmos a agarrar-nos a eles por motivos de tradição.

Todos aqueles que agem como professores ou guias, quer do passado, do presente ou do futuro, não vos podem dizer mais do que aquilo que eles, como indivíduos, aprenderam por si próprios, quer com outros, quer por experiência pessoal; e isto é verdade quer estes professores ou guias estejam a viver e a agir no vosso plano ou no meu. Assim, é através e por meio dos meus próprios estudos pessoais que formei certas opiniões relativas ao que é chamado a Alma do Grupo e à sua natureza. Algumas destas opiniões tentarei expressar-vos no espaço limitado que aqui me é permitido.

Voltando às vastas e infinitas profundezas da consciência; ou ao que vos é conhecido como “tempo”; quando tudo o que agora é tinha o seu lugar de permanência no Etérico, as inteligências mais elevadas fizeram com que um tipo de feitiço hipnótico caísse sobre todos aqueles que haviam de entrar no mundo físico-químico. Isto significava que todos os que estavam assim "em transe" se encontravam sob a influência mental daqueles que os colocaram nesse

estado, numa medida semelhante à de alguém que é hipnotizado por outrem aqui na vossa Terra. Para compreender melhor o poder da hipnose e quais são os seus mecanismos, falemos sobre isso.

Qualquer pessoa, se assim o desejar, pode encontrar uma abundância de escritos autorizados sobre este assunto, mas sugiro que, a menos que sejais avançados noutros campos da educação, tais como a psicologia e a anatomia do cérebro, será melhor deixá-lo em paz; pois, como todas as outras forças da vida, pode ser extremamente perigoso para os instruídos, como ireis ver presentemente se continuardes a ler atentamente estas páginas.

Não tenho qualquer desejo de assustar ninguém de seguir seja qual for o rumo de ação que ele ou ela se possa sentir desejoso de tomar. Fazer isto seria vedar a esse alguém o caminho do seu próprio crescimento pessoal, o que significaria que eu teria de partilhar algum do karma que ele faria ao tomar um caminho oposto àquele que normalmente teria tomado se o tivesse deixado entregue aos seus próprios recursos.

Apesar de tudo, tem sido dito, e sabiamente, que «os tolos avançam para onde os anjos temem pisar». Tentemos, portanto, pelo menos por enquanto, não emular nem tolos nem anjos, mas, em vez disso, trilhar o caminho do meio.

A palavra “hipnose” é retirada da palavra grega Hypnos, que era o nome do deus grego do sono. Os romanos chamavam-no Somnus, e supunha-se que ele era muito estreitamente aparentado com Thanatos, que significa “morte”. Como não existe tal forma de ação como a palavra “morte” implica, mas meramente uma mudança do estado de consciência de alguém; e como existem infinitos graus de consciência; segue-se que deve haver infinitos métodos para entrar neles, cada um um pouco diferente dos demais. Todos eles, contudo, podem ser reunidos sob o único título chamado o estado hipnótico ou de sono, ou o estado de ser influenciado por sugestão e fundamentalmente ilusório.

Algumas escolas de pensamento ensinam que, pelo facto de o Homem parecer fazer o que é chamado «pensar», ele também tem livre-arbítrio e é, por conseguinte, mestre do seu próprio destino

individual. Tal, contudo, não é o caso para o homem, tal como não o é para qualquer outra coisa. Pois o livre-arbítrio não pode ser alcançado, exceto através e por meio da lei do autodomínio. E este estado pode ser adquirido apenas após longos anos de esforço consciente por parte do indivíduo para realizar a sua própria divindade. Ao alcançar esta realização, o "Ungido" é automaticamente libertado da influência controladora da Alma do Grupo e é, de facto, então, um agente livre.

Até ao momento em que o indivíduo encontra dentro de si a necessidade de autorrealização sob alguma forma, ele ou ela não é na verdade um pensador. Nem estão a fazer o que desejam fazer, pois estão a agir diretamente sob a influência da Alma do Grupo, através do corpo de desejo, via energias sexuais como o principal motor. Este controlo de todas as coisas vivas através das forças do sexo, embora crie muitos males aparentes, também provoca um impulso igual para o que é chamado «bem»; mantendo assim a atividade global da vida no seu estado normal de equilíbrio.

Ao considerar o estado “pós-morte”, alguns parecem pensar que o indivíduo ou fica automaticamente livre das coisas que fez enquanto estava na Terra, ou é consignado ao inferno eterno e à condenação. Não falo com demasiada força contra este tipo de ensinamento quando digo que é não só uma das doutrinas mais arrogantemente estúpidas, mas é brutal além de toda a medida, pois enche os corações dos homens com o pavor de morrer e de ter de enfrentar uma situação tão totalmente desesperada.

A morte, contudo, faz uma grande coisa por alguns, no sentido de os libertar das correntes agrilhoantes da Alma do Grupo, pois, ao perceberem que a vida continua para além do corpo físico, começam a acordar para o facto de que talvez haja mais na vida do que aquilo de que estavam cientes enquanto ainda estavam num mundo material, e, por norma, não é senão este acontecimento súbito e feliz que os impele para uma busca mais consciente. E, mais felizmente ainda, muitos conseguem trazer este conhecimento de volta com eles na sua próxima encarnação terrena.

Amigos, é apenas por essa realização que o ato de morrer faz qualquer alteração num indivíduo. Sem esta realização, o homem é um

autómato, uma marioneta, e os "fios" que o fazem mover-se são as forças do seu corpo animalesco guiadas pela mão da Alma do Grupo.

Não sabendo que o único e exclusivo requisito para a libertação da roda da vida é o autodesenvolvimento, o Homem procura cegamente no seu mundo exterior aquilo que ele pensa ser a resposta para tudo isto, a que chama “felicidade”. Esta palavra, no seu sentido mundano, pode significar apenas uma coisa, e essa é a satisfação para o ego. Como tal, não passa de migalhas velhas para o Alto Eu, ou Alma, pois a chamada «felicidade» que alguém pode sentir desta forma é quase sempre tecida com os fios da infelicidade de outrem, e apenas por esta razão está condenada a um curto período de existência.

O verdadeiro estado de felicidade reside no interior, e é uma qualidade da Alma, não dependente de qualquer forma de atividade de coisas, locais ou outras pessoas. É, portanto, perfeito e eterno.

Ora, embora possa parecer que falei da Alma do Grupo como se ela fosse algum tipo de entidade humana, como os cristãos fazem com o seu Deus, não deve ser pensada como tal, mas sim como uma força que surgiu com a entrada do Homem no mundo físico, e que impregna todas as coisas como uma forma necessária de ação em direção à continuidade do padrão harmonioso que deve existir na lei do crescimento.

Uma das características mais belas da lei do eterno devir é a falta de reconhecimento de um limite de tempo. Se ao menos nos apercebermos disto conscientemente, alcançaremos e manteremos um estado de espírito calmo nos nossos esforços para ir para a frente.

Até este ponto, falei apenas do ser humano no que respeita à Alma do Grupo. O porquê de o homem físico pensar que é operado de uma maneira superior a tudo o resto, não consigo compreender. Seguramente nenhum dos seus movimentos é diferente em essência de qualquer outra das criaturas da Terra, na medida em que estes movimentos seguem um padrão que diz: “Come, bebe, acasala e abriga-te, e mantém-te vivo”. Qualquer coisa que ele possa fazer que pareça não ter ligação com as cinco coisas acima referidas, por mais subtis que os seus movimentos possam ser, se for observada de perto,

verificar-se-á que conduz de volta a elas. Não pode ser de outra forma, pois, não obstante a sua jactanciosa crença na razão, ele é ainda uma criatura de hábitos, e governado pelo padrão de hábitos da espécie que a natureza do seu ambiente necessitou para a sua sobrevivência.

As aves e certos animais que habitualmente migram encontram o seu destino seguindo correntes do éter ou do solo que atuam sobre os seus corpos e excitam ou deprimem o sistema nervoso. Pode notar-se que algumas aves voam numa série de formações variadas, e a causa para as mudanças de formação são as alterações que ocorrem nessas ondas do éter e a posição de cada ave no voo. Podemos alinhar estas correntes do éter (não do ar) ao feixe de rádio que as vossas grandes aeronaves seguem na aterragem.

Os animais terrestres seguem linhas da terra, que são também de natureza magnética, ao procurarem um lugar mais confortável para existirem quando as condições meteorológicas provocam alterações no seu ambiente. Se duvidais disto, podeis simplesmente observar as ações confusas do que é chamado um pombo-correio quando tem a infelicidade de entrar em contacto com as linhas de força magnética que fluem em redor de uma das vossas grandes estações de rádio. O padrão eletrónico natural que flui entre a matéria da Terra e a do éter foi quebrado.

Uma condição muito semelhante ocorre quando os cães de caça, ao rastrearem um homem, se deparam com as pegadas de muitos homens. Cada indivíduo transporta consigo, devido à natureza da química do seu corpo, uma radiação química que flui entre o seu corpo e a terra, e quando aquele que está a ser rastreado mistura as suas pegadas com muitas outras, as vibrações das muitas fundem-se de tal modo que nenhuma delas pode ser segregada da massa. Estas vibrações excitam o sistema nervoso do cão através da passagem nasal, mas não é registado como o que é considerado um odor real. O sexo e o temperamento estão lá, além do tipo de animal que está a ser rastreado.

Um abutre que voa alto no céu sabe quando um animal ou humano está a morrer e quando está morto, ao captar as alterações químicas que estão a ocorrer quando a morte está a ter lugar num

corpo. As traças macho encontrarão uma fêmea na altura do acasalamento, ainda que essa fêmea esteja trancada e a milhas de distância. As abelhas mantêm-se no enxame por estarem constantemente em contacto com estas linhas de força.

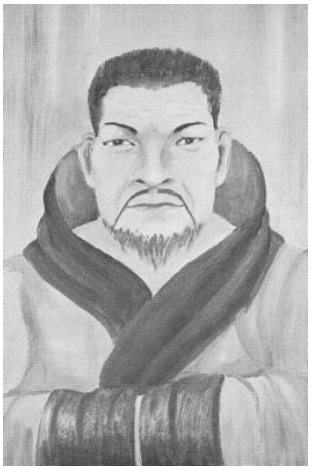
Assim, cada coisa reage de acordo com a natureza da construção mecânica do seu corpo. Através da ação mecanicista do corpo, todos os que são chamados estímulos exteriores são recebidos e remetidos para a consciência que está encarregue desse corpo. Mas é apenas depois de a consciência remeter os estímulos de volta para o mundo "exterior" que ela se torna ciente dos estímulos como objetos ou sons localizados num determinado ponto do espaço. Estou seguro, contudo, de que é sabido pela maioria das autoridades nesta matéria que o olho vê apenas cerca de um décimo daquilo para que olha, e os ouvidos ouvem ainda menos do que isso no que diz respeito a sons. Para o dizer brevemente, os órgãos dos sentidos do ser humano ficam todos muito aquém de lhe dar uma imagem verdadeira e completa do seu chamado mundo exterior. Mas esta situação é verdadeira para todas as forças da vida que funcionam através de um corpo físico-químico de qualquer tipo.

Muitas vezes somos dados a fazer comparações entre o que é chamado consciência humana neles; mas tais esforços, como os que foram feitos no passado, serão indubitavelmente feitos no futuro, são extremamente perigosos e nunca conduzirão a nada senão à confusão. E a confusão provém em grande parte da crença do Homem na forma, e da sua quase incrível falta de conhecimento sobre a força chamada «vida» que opera a forma.

Não há nada de novo na afirmação de que todas as formas agem e reagem de acordo com o seu ambiente no espaço e no tempo, mas porque o Homem é capaz de pensar e raciocinar, ele é mais capaz de se adaptar a quase qualquer ambiente ou nova condição que possa surgir nesse ambiente.

Por muito verdadeira que a afirmação acima possa ser, o Homem é ainda do reino animal, e a estrutura do seu corpo e as suas ações gerais mostram-no; e ele está até ao dia de hoje não menos sob a influência da Alma do Grupo, e até que cada indivíduo se torne

conscientemente ciente da sua própria divindade, não pode haver fuga a esta influência. Pois, por mais incompreensível que possa parecer à maioria de nós, ela mantém todas as coisas num padrão harmonioso de ação até que toda e cada coisa tenha alcançado o seu estado mais elevado de crescimento, o qual foi projetado para ela no início do tempo tridimensional.



**LO SUN YAT**

O Lo Sun Yat é uma das personalidades astrais com quem o Mark Probert afirmava canalizar, um membro das inteligências do Círculo Interior. De acordo com os registos das sessões de Probert, o Lo Sun Yat foi, em vida, um chinês, nascido intersexo, que se tornou um lama da Ordem Tibetana do Manto Amarelo. Durante o regime de Ganden Phodrang, mudou-se para a Índia devido à «corrupção dos mosteiros», e aí juntou-se à Escola da Luz, tornando-se um venerado e muito amado Mestre da Ordem. Assim, nasceu na China, em Chui Fu Yang, em 1650; e faleceu na Índia por volta de 1730-80.

**A MEDITAÇÃO** por Lo Sun Yat

O Homem é um estranho no mundo da matéria! Não sabe como entrou aqui, nem de onde veio; nem sabe o que fazer no curto período de tempo que tem aqui! Carecendo deste conhecimento, é bastante natural que, uma vez estando aqui, tema ter de partir, pois o seu destino é uma questão tão em debate como todas as outras.

Pelas aparências, pode parecer de facto estranho que o homem ache a existência um enigma de tal ordem, especialmente quando se percebe que o homem tem andado a vir e a ir do mundo da matéria há mais de mil milhões de anos. Factualmente, contudo, não é de todo estranho quando passamos a compreender que a entidade humana é um centro de autoconsciência e, como tal, é a criadora de tudo o que é criado, e que o chamado mundo da matéria é outra das suas criações que ela está a experienciar.

Com isso quero dizer que o mundo da matéria não é algo em si mesmo, para dentro do qual ela vem e de onde vai, nem, de resto, o são nenhum dos outros mundos. No entanto, é o modo de operação que ela usa ao criar que faz com que sofra a ilusão de ir e vir, bem como o delírio de que nada sabe a respeito de si mesma ou da origem das suas criações. E qual é este modo de operação? É simplesmente este: enquanto está a criar, encontra-se completamente inconsciente das suas criações; e uma vez que para o ato de criar, torna-se ciente daquilo que criou e, ao fazê-lo, já não está ciente de ser o seu Criador.

Ora, desde que este leitor seja capaz de compreender as afirmações acima, passará a ver a razão e o propósito por trás da necessidade da meditação. A meditação é um esforço feito por parte da mente inferior para abrir uma brecha na separação entre si mesma e a Mente Superior. Uma vez conseguido isto, o sentido de separação que existe entre o Criador e a Sua criação deixará de existir.

A verdadeira meditação é um tipo de introspeção bastante intenso; por isso, se haveis de retirar algo de valor da sua prática, deveis ir para onde esteja sossego e o vosso corpo deve estar limpo, ou levantar-se-ão irritações nele que irão distrair a vossa mente e anular os vossos melhores esforços. Como questão de sugestão, considero melhor que, antes de começardes o vosso período de meditação, tomeis um banho morno e, se o vosso quarto estiver livre de correntes de ar, que vos senteis sem roupa de qualquer espécie, pois as roupas também têm uma forma de irritar o corpo. Se tiverdes fome, é melhor tomar apenas um pouco de leite morno e talvez alguma fruta.

Ora, ao tomardes a vossa posição, que os vossos primeiros pensamentos sejam os de que ides perante o vosso Criador, o divino

Alto Eu. Inspirai três vezes profundamente, para dentro e para fora lentamente, e fechai os vossos olhos de modo a fechar o mundo externo ao vosso redor e começai a deixar o vosso corpo relaxar. Ao sentirdes o vosso corpo num estado de completo relaxamento, começai a centrar a vossa visão; com os vossos olhos permanecendo fechados; até à raiz do nariz, num ponto ligeiramente acima das sobrancelhas. Ao colocardes a vossa consciência sobre este ponto, estareis a retirá-la dos olhos externos e a dá-la ao Olho interno ou Olho que tudo vê do Alto Eu. Este é o ato do que é chamado dar-se a Deus.

Devo lembrar o principiante de que, nas suas primeiras experiências de meditação, pode não retirar dela nada mais do que o prazer que o corpo sente ao relaxar, mas não deixeis que isto vos desanime. Podereis também, na primeira parte da vossa meditação, tornar-vos cientes de sons estranhos, tais como pancadas e vozes, mas tentai não lhes prestar atenção, pois são simplesmente manifestações da vossa psique inferior e não vos podem fazer mal nenhum, a não ser reter-vos de alcançar o vosso objetivo caso fiqueis fascinados pelo fenómeno.

O homem tem estado a viver há tanto tempo no lado de fora do Saco Mágico que não admira que qualquer experiência que ele possa ter no interior lhe seja surpreendente e, por vezes, assustadora. Generalizando, a mente ocidental carece de disciplina. É incapaz de perceber e desfrutar de prazeres mentalmente. Cada desejo deve ser satisfeito com a satisfação do corpo, e todas as coisas devem ser realizadas à pressa. Esta atitude perante a vida frustra a mente e provoca uma rápida deterioração do corpo.

Podemos saber quão completamente o corpo está relacionado com a mente apenas à medida que percebemos que ele não passa de uma extensão da mente. No passado, e em grande parte no presente, tem sido ensinado que o corpo e a mente eram duas entidades diferentes. Esta crença levou muitos a pensar que podiam banquetear o corpo e negligenciar la mente, e vice-versa. Na Índia, existe uma classe de hindus que acredita que, ao flagelar o corpo, a sua alma, espírito ou eu-mental será mais bem recebido por Deus.

Embora seja verdade que, por sugestão mental, as terminações nervosas podem ser de tal modo bloqueadas que o cérebro não consegue receber impulsos de dor, o eu-mental continua ciente de que a sua extensão física está a ser maltratada e, quando o eu-mental retira a sua atenção do seu eu-físico no que é chamado «morte», transportará padrões de memória de tal maltrato consigo para a sua próxima expressão, a que aprendestes a chamar o Astral. Obviamente, não quero com isto significar que o corpo astral passará agora a sofrer qualquer dor real, pois a dor é uma condição relativa, mas os padrões de memória consistirão nas ações que o eu-corpo experienciou, e serão novamente reencenados na vida pós-morte.

Isto é especialmente verdade se ficarmos emocionalmente apegados a uma experiência e nos encontrarmos a repeti-la repetidamente. É verdadeiramente dito que somos a soma e o total das nossas experiências. Se aceitarmos este pensamento, então necessitamos apenas de um pouco mais de inteligência para perceber a loucura do apego emocional. O homem é livre de fazer tudo o que deseja, mas se agir apenas sob os ditames das suas emoções, depressa perde a sua capacidade de discriminar entre o que é inteligente fazer e o que não é.

Muitas pessoas acreditam que a meditação é algum tipo de pensamento superior, mas tal não é o caso. O verdadeiro estado meditativo chega a alguém apenas depois de este ter deixado de tentar pensar e raciocinar. No entanto, não conseguimos desapegar-nos da nossa crença de que, ao pensar e raciocinar, podemos resolver o mistério aparente do nosso próprio ser quando sob a dominação das nossas emoções. O ego, não tendo consciência do Eu Superior, tem medo de se desapegar para não ser vencido na escuridão e no esquecimento. Claro que há alguma verdade nos medos do ego de que será vencido, mas o que ele não sabe é que apenas ao perder-se a si próprio pode encontrar-Se a Si Próprio.

O mundo material, pela sua própria natureza, não permite ao homem desapegar-se inteiramente do seu ego, mas ele pode aprender a subjugar de tal modo o ego, ou o eu emocional inferior, ao Alto Eu que a verdadeira natureza do mundo exterior lhe será revelada pelo

que é: maya, ilusão, sonho sensorial. Com esta iluminação, o mundo exterior deixa de ser uma ameaça para a sua existência.

## O HOMEM NO PLANO FÍSICO

por Lo Sun Yat

Se eu vos dissesse que houve um início para o homem e para o seu universo físico, isso implicaria necessariamente também um fim, pois em verdade os inícios são fins e os fins são inícios. E muito à parte disto, eu teria de clarificar o significado do termo universo «físico». Ao definir a palavra "físico", usamos palavras como "material" ou "corpóreo", palavras que se supõe declararem uma condição existente em oposição a outra condição chamada «mente». Uma definição deste tipo a respeito do que existe fora da mente seria muito edificante se apenas soubéssemos o que a Mente é, e estou seguro de que o nosso esclarecimento seria ainda mais alargado se pudéssemos ao mesmo tempo saber o que a matéria é, em ou por si mesma.

Há vários milhares de anos, os gregos amantes da filosofia, através de um processo chamado puro raciocínio, chegaram à conclusão de que, embora o mundo ao seu redor se apresentasse aos seus sentidos como uma série interminável de superfícies, devia haver um tecido homogéneo subjacente a tudo isto e, após uma grande quantidade de mais raciocínio, chamaram a este tecido misterioso «átomos», pensando que fossem pequenos feixes. No entanto, nem os gregos nem mais ninguém nessa altura tinham qualquer forma de conceber testes para saber se a teoria continha quaisquer factos.

Assim, passou uma vasta quantidade de tempo, e parecia que toda a gente, incluindo os gregos, se tinha esquecido deste pequeno "bolo" de raciocínio apelidado de Átomo.

Mas o homem esquece apenas aquilo que considera conveniente esquecer, por isso a ideia do átomo permaneceu simplesmente no forno do inconsciente para receber mais cozedura. Depois, um dia, alguns pensadores aventureiros que tinham algo de seu no forno decidiram espreitar o mesmo para ver como estava a correr. Ao olharem para dentro e verem para além do seu próprio pequeno bolo teórico, viram algo que os sobressaltou, e um deles disse ao outro:

“O que supões que isto seja?”; e o outro encolheu os ombros em incerteza e disse: “Não sei bem, mas parece algo que os gregos cozinharam há cerca de dois mil anos.”. Então o homem que tinha falado primeiro exclamou: “Em nome de Sócrates, esse grande amante da verdade, creio que tens razão! E se a memória não me falha, acho que lhe chamavam Átomos.”. “Bem...”, gritou o segundo homem com entusiasmo, “...vamos tirar a coisa e examiná-la sob a luz um tanto brilhante do conhecimento dos dias de hoje, talvez descubramos algo que os gregos não conseguiram ver!”.

Uma das primeiras e mais importantes coisas que estes pensadores aventureiros descobriram sobre o átomo foi que ele era tudo menos homogéneo e deveria, por isso, não ter sido nomeado átomo, mas talvez “Múmia”, pois parecia ser um corpo de algum tipo envolto em muitos lençóis. No entanto, como os acontecimentos subsequentes viriam a provar, até esse título teria de ter sido descartado, pois quanto mais lençóis os pensadores aventureiros descascavam do suposto corpo, mais lençóis ficavam para ser descascados; e para piorar as coisas, cada lençol subsequente parecia ser menos tangível do que os anteriores, mas ao mesmo tempo, de alguma forma misteriosa, mais denso e cada vez mais difícil de desembrulhar, até que finalmente chegaram à dolorosa conclusão de que, se é que havia corpo algum entre aqueles lençóis, ele estava lá apenas como estrutura matemática; e por causa da grande necessidade do homem de dar nome às coisas, chamaram a esta estrutura matemática «Energia».

Mas não nos fiquemos por aqui, pois a ciência física vai ao ponto de dizer que a energia não é algo em si mesma, mas é o resultado de algo chamado matéria em movimento. Depois, os cientistas dizem que se acredita que a energia está estreitamente relacionada com a matéria e a massa. Pode ser que o meu conhecimento de física moderna seja inteiramente inadequado para lidar com este tipo de pensamento, mas não consigo compreender como é que a energia em si mesma pode estar estreitamente ou de outra forma relacionada com a matéria e a massa, quando a energia é apenas o produto final da matéria em movimento.

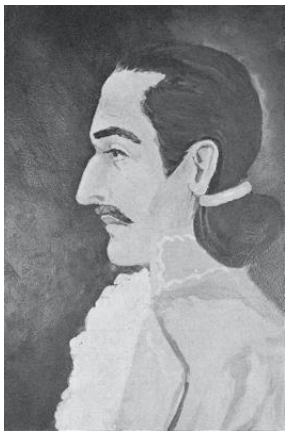
Naturalmente, o problema aqui pode estar na semântica e não, de todo, nas condições existentes. Mas, seja como for, o assunto relativo à matéria e à sua ligação com a Mente é amplo e complexo, e necessita de ser explicado a cada nova geração, tendo, portanto, de ser trazido para a linguagem de cada nova geração. Mas, mesmo assim, não julgo necessário da minha parte entrar numa conversa detalhada sobre as leis modernas da física para alcançar as mentes do presente. De facto, estou seguro de que isso apenas confudiria a questão para aqueles que não são versados em tais leis.

As leis da física tendem apenas a mostrar que existe um fenómeno na natureza chamado «matéria». Elas não fazem qualquer esforço para demonstrar se este existe dentro ou fora de uma condição chamada «Mente». A física procura simplesmente explicar o funcionamento da matéria, e não o que a matéria é. Sendo este o caso, é óbvio que não temos qualquer argumento contra as leis da física como tais.

Toquei em algumas das coisas respeitantes à atividade da matéria meramente como um meio de clarificar o facto de que a matéria em si mesma é a obra de um lado da mente chamado o estado Consciente Autoconsciente. Este Eu Consciente não é uma coisa estática, mas uma condição em constante crescimento e em perpétua expansão, e este crescimento ocorre através do que é chamado o sistema sensorial.

O sistema sensorial é um sistema de medições, e a coisa que está a ser medida é a atividade do lado inconsciente da mente, e é esta atividade que é chamada «matéria». Isto significa, pelo menos para mim, que o universo físico *per se* é uma criação inconsciente; e a consciência é o Deus que olha para a Criação, ou a mede, e vê que é boa ou uma medição precisa de Si Próprio. Uma medição precisa é um estado de equilíbrio e, quando alguém encontra um estado de equilíbrio dentro de si, verificará que o mundo ao seu redor é bom, significando a palavra “bom”, neste caso, compreensível.

No chamado plano físico, o homem está perdido, mas o seu estado de perdição deve-se apenas à sua crença hipnótica no seu não-eu, ao qual deu o nome de «matéria».



**RAMON NATALLI**

Esta personalidade nasceu em 1598 e faleceu em 1652. Foi um astrónomo e pertenceu à Casa Real de Astronomia em Roma, Itália. Foi também um estudante de direito. Foi um amigo próximo do famoso Galileu e combateu secretamente a mão sangrenta da Inquisição. O Ramon Natalli era agnóstico.

Ele continuou a dedicar-se ao campo da astronomia após passar para o astral. Ficou agradavelmente surpreendido ao descobrir que tinha sobrevivido à morte do seu corpo físico. Descobriu duas coisas de grande interesse após estar no mundo astral cerca de dois anos. A primeira foi que as manchas solares eram tempestades atómicas; e a outra foi que os átomos consistem em fotões de variados níveis de frequência, movendo-se numa série de arcos quânticos.

**O HOMEM O BUSCADOR E O HOMEM O CRIADOR**

por Ramon Natalli

Meus amados amigos, ao colocar a minha mão nestes escritos, sinto-me profundamente responsável não só pelo que tenho a dizer, mas pelos outros que estão a tentar corajosamente esta tarefa de grande importância. Eu e, estou seguro, todos aqueles do Círculo Interior estamos plenamente cientes das muitas e perigosas armadilhas que se encontram no nosso caminho neste tipo de coisa.

Para poupar uma grande quantidade de mal-entendidos e confusão geral, daremos elasticidade a este trabalho ao afirmar aqui que nenhum de nós quer ou espera que o leitor destes papéis aceite mais daquilo que é dito como sendo a verdade, do que aquilo que a

sua própria mente, através de anos de experiência de vida, lhe diz ser a verdade ou uma verdade possível.

A ciência e a filosofia são os únicos caminhos de segurança que o homem tem para o conduzir do cativeiro do dogma religioso e da superstição. Cada vez que o homem coloca novamente o seu pé no chamado plano material, é instantaneamente submerso na torrente lamacenta dos conceitos acima referidos. Que alguns consigam erguer-se acima da superfície destas águas insidiosas, o tempo suficiente para vislumbrar as luzes chamadas filosofia e ciência, as quais lhes dizem que uma bela terra de verdade se encontra ao seu alcance, é para mim um fenómeno maravilhoso em si mesmo.

Louvada seja, seja qual for a Força Suprema, o homem mantém uma Unidade inquebrável com as suas criaturas companheiras no mundo do Pensamento, ainda que muralhas de perceção consciente formem o que lhe parece, ao início, serem barreiras intransponíveis entre os muitos mundos.

Há uma quantidade de homens e mulheres altamente instruídos que se esquivam do uso da metafísica e dos ensinamentos ocultos como algo de demasiado nebuloso e vago; e, no entanto, verificar-se-á que estas mesmas pessoas usam hipóteses igualmente vagas e abstratas ao abordarem um determinado assunto. Por exemplo, muitos homens de ciência, de outra forma grandes, olharão para baixo do comprimento dos seus narizes superiores para vós se sequer sugerirdes a possibilidade de um indivíduo sobreviver à morte corporal, quanto mais que eles podem ser contactados e conversados! E, no entanto, estes mesmos cavalheiros das letras olharão para vós com um rosto sério enquanto tentam explicar o átomo, embora a única forma que têm de saber que tal partícula existe seja por equações matemáticas; e, na realidade das coisas, as figuras ou os números não têm bases mais concretas do que qualquer outra coisa tem.

Se duvidais de que as figuras sejam mais do que abstratos mentais que vos auxiliam a postular uma construção mental, para que possais lidar melhor com ela no vosso mundo tridimensional, experimentai simplesmente entrar na divisão da matéria e vede o que acontece às vossas chamadas figuras concretas.

Por exemplo, tomemos o problema simples do vosso postulado 0 ou zero. Este sinal representa aquilo que concebeis como o nada, mas não se pode chegar a tal conceito mental em nenhum estado de consciência. No entanto, criais este sinal de qualquer forma, talvez para salvar a vossa sanidade; mais provavelmente, porém, ele é usado como uma força contra o mundo abstrato para o colocar em movimento em direção ao vosso mundo concreto. Assim, agora o vosso nada hipotético torna-se uma força-X que, de alguma maneira, é usada para materializar um todo concreto chamado «um» ou o início da substância no vosso mundo tridimensional. Naturalmente, ao postular este número inteiro, deveis novamente ignorar uma infinidade de frações que se estendem em ambas as direções; de 0 a 1; e de 1 a 2, ou para 0 ou zero novamente.

É verdade que o homem físico deve recorrer a algum compromisso da mente com a matéria, até ao momento em que o cérebro material se tenha desenvolvido numa máquina melhor para a sua psique trabalhar através dela. Para a vasta maioria não iniciada, é melhor para eles manterem a suposição de um início e de um fim definidos para as coisas. Quanto aos instruídos, eles devem chegar a uma de duas conclusões mais cedo ou mais tarde. Primeiro, que existe uma Força Suprema que devem assumir ser o Deus Único, e inteiramente à parte deles mesmos. Ou que eles próprios são deuses e o Supremo em essência de Tudo.

Não há compromisso a meio do caminho para os iniciados. Mas, seja qual for o caminho que tomem, devem segurar-se firmemente a ele com a coragem das suas próprias convicções. Contudo, não devem em momento algum tentar desviar outrem para o seu caminho, seja de que maneira for. Estão vinculados pelo dever, não obstante, de passar a sua aprendizagem aos seus semelhantes; mas devem deixar o buscador chegar às suas próprias conclusões.

A massa geral de homens-Deus do Mundo Etérico não tinha nenhum desejo particular, ou conhecimento, de produzir para si própria um novo estado de espírito, uma nova vibração, um plano ainda mais baixo para viver; mas o homem na altura, como o homem agora, é um criador. Este impulso criativo é algo sobre o qual ele não tem controlo. É um tremendo "tem de ser" com ele. A sua vontade e o

seu desejo entram apenas naquilo que ele cria, mas não no impulso em si.

As sementes para o mundo físico em que viveis, e para todo o vasto cosmos de ponta a ponta, ou o círculo sem fim, originaram nas mentes científicas do Mundo Etérico, implantadas ali pelo Grande Impulso Criativo.

Foi através deste desejo dominador e inquisitivo que o homem pensou primeiro que, se pudesse de alguma maneira quebrar o padrão de fusão das suas energias no Baixo Mundo Etérico, seria então talvez capaz de produzir o que chamais movimento livre. Ao fazê-lo, ele sabia que teria primeiro de deter o movimento homogéneo do seu mundo. Mas, como nenhum corpo uma vez colocado em movimento pode ser parado ou retido sem que a força ou o corpo que o para seja igual a ele, ele encontrou-se confrontado com um problema extremamente difícil. Por outras palavras, ele teve de arquitetar uma maneira de pensar inteiramente diferente.

## ÁTMAN MAIS ÁTOMO IGUALA A ADÃO

por Ramon Natalli

Conhecer o mundo da matéria é conhecer o mundo da não-matéria, que é o mundo da Mente, e conhecer o mundo da Mente é ter Consciência Cósmica.

Ao ler a afirmação acima e ao perceber, ao mesmo tempo, a quantidade bastante vasta de dados científicos relativos à natureza da matéria que foi compilada pelos cientistas, pode-se saltar para a conclusão de que o cientista está numa posição muito melhor para receber a Consciência Cósmica do que qualquer outra pessoa. Naturalmente, tal conclusão não seria verdadeira, pois todos os que são genuinamente criativos estão em sintonia com a Mente Cósmica.

Por exemplo, um estudante pensante em física aprende que não existe tal condição como a matéria *per se*; portanto, ele não pergunta: "O que é a matéria?", esperando obter uma resposta, do mesmo modo que não perguntaria: "Quão alto é para cima?". Em vez disso, ele passa a saber, por níveis mais elevados de pensamento sobre o

assunto, que aquilo que se acredita ser matéria é meramente uma condição chamada «movimento», a qual é o resultado do trabalho.

Por exemplo, há uma troca de energia de natureza muito intensa a ocorrer entre as muitas partículas daquele pedaço microscópico de substância referido como o átomo. Esta troca é conhecida como "trabalho". Este trabalho, por sua vez, estabelece e mantém o átomo em movimento como uma unidade unida. Uma parte deste trabalho no átomo produz dois tipos diferentes de movimento ou níveis de troca chamados «calor» e «eletricidade».

As leis da física afirmam que um corpo, uma vez colocado em movimento, continuará nesse movimento numa linha reta a menos que se atue sobre ele por uma força externa, mas o facto é que a matéria tridimensional não pode mover-se numa linha reta, porque uma linha reta denota uma forma de movimento perpétua e ininterrupta. A matéria física move-se não apenas em movimento ondulatório, mas também em pacotes periódicos ou quanta.

A causa deste movimento deve-se à natureza do tecido subjacente do espaço. O espaço que compreende o universo tridimensional é um campo eletromagnético que está constantemente a retornar ao seu centro. Todo o nosso universo é simplesmente um átomo cósmico.

No entanto, para compreender o conceito de átomo cósmico, temos de começar por estudar as suas partes funcionais, os átomos microscópicos. Cada átomo tem o seu próprio espaço no qual as partículas se movem, e este espaço consiste numa substância de tipo viscoso que exsuda do núcleo do átomo numa série de linhas de arco. Estas linhas de arco impulsionam os corpos dos eletrões para fora, a partir do cerne ou núcleo, e atraem-nos de volta novamente.

À medida que esta força magnética alternada expande o campo orbital dos eletrões, cria um fluxo elétrico positivo; e à medida que atrai os eletrões de volta para o centro, produz um campo magnético positivo. Este campo magnético de atração torna-se mais denso e de maior resistência à tração na razão do inverso do quadrado da distância dos eletrões externos em relação ao núcleo.

Embora se fale do eletrão como uma carga de energia, deve também ser considerado como tendo uma estrutura específica. Esta

estrutura consiste em quatro linhas de energia que se cruzam no centro exato de cada linha. Além disso, cada linha tem uma série de nodos colocados alternadamente ao longo do seu eixo, a qual aumenta de densidade à medida que se aproxima do cubo ou centro do eletrão.

Aqui eles juntam-se e formam um nodo comparativamente maior, de maior intensidade magnética. Cada um destes nodos emite eletrões negativos, que são unidades de energia muito mais pequenas do que o eletrão positivo por muitas milhares de vezes. Estas unidades de energia são os resultados do esforço do eletrão para se livrar da força que lhe foi aplicada ao projetá-lo em órbita.

O átomo é verdadeiramente o "Saco Mágico" do Universo. Contém tantas propriedades que se poderia continuar para sempre e nunca tocar em todas estas propriedades e nas coisas que elas são capazes de realizar. Com as suas substâncias vitais, eles pintam e moldam o Universo. São a própria matéria de que são feitos os nossos sonhos! A matéria cinzenta na cabeça chamada cérebro é constituída por milhares de milhões deles e, quando pensamos, os nossos pensamentos espremem um pouco do "sumo" de dentro deles sob a forma de chuvas de neutrões. Esfregai suavemente certas moléculas deles, e eles cedem um pouco das suas energias em eletricidade estática. Batei nalguns com demasiada força, e as suas energias entrarão em erupção em ventos violentos de morte e destruição.

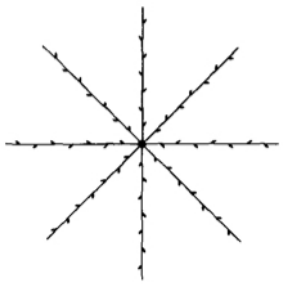
Como quase toda a gente sabe, a palavra "fissão" significa criar uma clivagem ou quebra numa única unidade. Ao fissionar átomos, um fluxo de protões de velocidade extremamente alta é disparado contra os átomos e, eventualmente, o campo de força que rodeia o protão esmaga-se contra o campo de força de um dos corpos orbitais do átomo com o impacto impulsionador de milhões de eletrões-volt. A reação desta força aplicada é calor, luz, força e a radiação de iões ou eletrões negativos a irromperem de camadas mais profundas do átomo.

Ora, o meu propósito ao explicar a atividade do fissionamento do átomo é simplesmente apontar ao leitor que possa estar pouco familiarizado com o assunto que, não obstante toda a força acima mencionada que é exercida sobre o átomo, nenhuma clivagem real ou

quebra verdadeira de pedaços ocorreu. Para compreender isto, devemos primeiro perceber que não existe tal coisa como matéria e energia. Embora me tenha referido ao átomo como sendo um «corpo», e aos eletrões como tendo «estrutura», não devemos permitir que estas palavras nos levem à crença de que o Universo é constituído por dois tipos diferentes de substância, e que a substância chamada «matéria» existe como pedaços ou fragmentos derradeiros.

Um átomo é constituído por uma quantidade de campos de força, tendo cada um destes campos de força a sua taxa particular de movimento ou vibração. Ora, se algo disto for minimamente claro, estou seguro de que se tornará aparente para o leitor que tudo o que acontece ao átomo quando fissionado é expandir grandemente o campo de operação das conchas externas, em referência às mais profundas chamadas o núcleo, dando assim ao átomo um volume maior de espaço para trabalhar.

Ao pensar no mundo ao nosso redor, conjuramos automaticamente o sentimento chamado «solidez», e depois imaginamos que isso é uma propriedade deste mundo, quando na verdade não passa de uma medição sensorial do mundo de “Adão”. Adão, o Mágico, que através do uso das suas varinhas mágicas chamadas sentidos, faz passes sobre as paredes da sua imaginação, e que ao gritar “Abracadabra” faz com que murais vastos e complexos apareçam e desapareçam nas paredes. E não importa a quantidade de imagens que Adão cria, ele intitula-as a todas de “realidade”.



## A NATUREZA DO COSMOS

por Ramon Natalli

Na construção de sistemas solares e universos-ilha há uma vasta quantidade de matéria residual rejeitada para o espaço. Este ato de fazer e rejeitar matéria residual não é menos uma lei do cosmos do que o é para qualquer corpo individual em todo o espaço-tempo. A palavra “residual”, contudo, não é muito apropriada, pois embora a Natureza seja muito prolífica, ela nunca cria nada que não venha a ser usado nalgum momento; e isto é verdade para a matéria residual rejeitada pela construção cósmica. Embora esta substância tenha perdido o seu valor intrínseco para o corpo que está a ser construído num determinado ponto do espaço, ela será recolhida e usada como um bloco de construção por algum outro corpo no decorrer do tempo. Se, contudo, uma matéria residual rejeitada por um corpo é voltada contra esse corpo, verifica-se em muitos casos que tende a retardá-lo e, com o tempo, pode até destruir o corpo por completo.

A base de todas as coisas, podemos afirmar, é o calor. No processo de quebrar e construir, o calor é não só a causa, mas é também o efeito. Diz-se por vezes que la palavra “frio” significa ausência de calor, tal como a palavra “escuridão” significa a ausência de luz. Nenhuma destas afirmações é verdadeira. As palavras “calor e frio”, “escuridão e luz”, são palavras de "sentido"; que falam da capacidade do corpo para medir o movimento molecular através dos seus órgãos de sentido pela lei da pressão; mas no que diz respeito à palavra “frio”, relativamente ao movimento molecular, ela significa simplesmente que as moléculas de calor perderam uma parte do seu movimento livre e abrandaram ou sofreram um grau de inércia.

Isto é verdade também no que diz respeito à luz. Não existem tais condições como a luz absoluta ou a escuridão absoluta, mas apenas graus destas. Os graus de luz que podem ser vistos no vosso mundo tridimensional são provocados por certas formas de ação vibratória que ocorrem na vossa substância material. Esta ação é depois refletida nas partículas permanentes do éter, que são consideravelmente mais pequenas, e produz um grau de alteração nelas ao expandir o seu campo eletrónico de modo a que alcancem o vosso mundo tridimensional, onde a alteração é então medida pelos órgãos dos

sentidos de um indivíduo de acordo com a sensibilidade desse alguém à pressão da luz.

Através do vosso sentido do tato, verifica-se que uma forma é quente, fria, fresca ou tépida. Ora, todas as coisas têm o que é chamado energia cinética potencial armazenada nelas enquanto estão inertes, mas uma vez colocado em movimento, um corpo começará a descarregar esta energia sob a forma de unidades de calor, e quanto mais rapidamente esse corpo for feito mover-se, maior se tornará a quantidade de calor, e mais intensa e penetrante cada radiação subsequente. Uma partícula que se move à taxa de milhares de milhões de ciclos vibratórios por segundo está a emitir luz de um comprimento tão curto que apenas pode ser detetada por uma chapa fotográfica elétrica.

É em tais campos de movimento extremo que o raio-X e os raios cósmicos são encontrados, sendo o raio-X cerca de um décimo de milésimo do da luz visível, e os raios cósmicos cerca de outro tanto mais curtos do que o raio-X. Ambos os raios têm, por conseguinte, um potencial extremo para ionizar toda a matéria de um comprimento de onda mais longo.

Existe, em teoria pelo menos, a crença de que algumas partículas de raios cósmicos podem penetrar cerca de vinte milhas de chumbo. Para o leigo em física, esta pareceria ser uma teoria bastante inspiradora de temor, mas paremos e façamos a nós próprios estas perguntas: “O que é o espaço? Qual é a sua natureza? É compressível? Será que a matéria, tal como a conheceis, ocupa espaço?”.

Para responder a estas perguntas com algum grau de inteligência, teremos de voltar à teoria aceite de que o mundo em que viveis é um mundo de três dimensões, chamadas largura, profundidade e extensão. Mas, para que estas dimensões existam, torna-se necessário que elas tenham um outro corpo no qual tomar forma, e este outro corpo é chamado «espaço». Mas o espaço não é realmente do vosso mundo de todo, mas é um estado quadridimensional que de forma alguma infringe nenhuma das vossas formas de ação tridimensionais, e em si mesmo é cem mil vezes mais denso do que a matéria mais densa no vosso mundo tridimensional. Portanto, a teoria do raio cósmico a

passar através de vinte milhas de chumbo não é de modo algum estranha quando a teoria se baseia no facto de que mesmo vinte milhas de chumbo não ocupam espaço.

As partículas que vão constituir o espaço são muito mais pequenas do que quaisquer partículas de raios cósmicos, e fluem mesmo através de toda a matéria tridimensional. Contudo, tanto os raios cósmicos como os raios-X estão a mover-se a taxas de vibração tão elevadas que passaram para fora do campo tridimensional, na medida em que a sua passagem através da matéria etérica ou do espaço cria uma forma de fricção de forma muito semelhante àquela como um meteoro cria fricção ao passar através da atmosfera da vossa Terra. Isto faz com que a partícula de raio cósmico ou de raio-X descarregue um raio de luz de comprimento infinitamente curto ao expandir o campo eletrónico da partículas etéricas apenas o suficiente para fazer com que esse campo alcance de volta o do vosso mundo tridimensional; mas no instante exato em que o trabalho que está a ser feito no átomo etérico por uma partícula do vosso mundo cessa, a forma de resposta que o átomo etérico estava a dar também cessa.

Sempre que uma partícula do mundo tridimensional consegue ter o seu movimento acelerado até ao ponto em que possa estabelecer um contacto com a matéria quadridimensional, a resposta dada ocorre no mundo tridimensional, mas a matéria quadridimensional pode mover-se para o mundo tridimensional apenas enquanto uma força contínua de matéria tridimensional for exercida sobre ela.

Há alguns anos, foi-me perguntado de onde vêm os raios cósmicos. A minha resposta foi que eles eram fabricados pelos sóis (estrelas) a partir de matéria residual mais ou menos solidificada no vosso sistema solar, a qual tinha sido atraída para os sóis pela lei da atração magnética. Os sóis, agindo como destruidores de átomos, arrancam as conchas externas e expelem-nas para o espaço, onde, viajando a velocidades que excedem de longe a luz visível, bombardeiam a vossa própria Terra e outros corpos planetários no vosso sistema solar. Contudo, mesmo com as grandes velocidades a que algumas destas partículas se estão a mover, por assim dizer, muito do seu poder destrutivo lhes é retirado pelo seu contacto com outras partículas na atmosfera da Terra. Não obstante, há ainda força

suficiente nelas para causar mutações drásticas em muitos dos químicos da Terra.

Os cientistas têm experimentado extensamente para criar uma mutação no rádio por meios artificiais, mas tanto quanto fui capaz de saber, não tiveram sucesso nem em aumentar nem em diminuir a sua taxa de degradação em chumbo.

É minha crença que nenhuma das substâncias químicas a partir das quais todo o vasto universo material é feito, se degrada ou se constrói por si mesma, mas que estas duas formas contínuas de ação são provocadas pelas forças de um químico a atuar sobre outro.

Certos químicos, tais como o oxigénio e o hidrogénio, têm uma grande afinidade um pelo outro e, quando combinados, funcionam em harmonia um com o outro, ao passo que outros combatem-se violentamente; ou, a menos que uma terceira força seja exercida sobre eles, simplesmente não se misturam um com o outro. Isto era verdade para o óleo e a água até aos tempos recentes, quando os vossos cientistas descobriram que, pela pressão de ondas sonoras, estes dois podiam ser feitos misturar-se muito bem. Muito poucas destas alterações químicas que são características e necessárias para a manutenção da vida na Terra, contudo, poderiam sequer ocorrer sem os sóis, dos quais existem muitos milhões espalhados por todo o espaço, sendo o do vosso sistema solar um dos mais pequenos.

O tamanho de alguns deles assombraria a imaginação humana, pois poderiam conter dentro dos seus corpos enormes de quinze a vinte milhões de sóis como o do vosso sistema solar. No entanto, em relação à vastidão do espaço, eles não projetam maior luz do que o débil cintilar de um fósforo num grande deserto na escuridão da noite. Tudo é relativo, uma coisa nunca é ela própria até ser comparada com outra coisa.

É pensado por alguns que o vosso sol foi, num determinado momento, consideravelmente maior do que é agora, mas isso não é assim, pois as linhas de força espirais para as quais a sua substância foi primeiro atraída nem se contraíram nem se expandiram. Contudo, a sua coroa expande-se e contrai-se periodicamente, dependendo do seu

período de atração de matéria residual solar e da sua degradação em substância utilizável para a Terra e outros corpos planetários.

Uma parte desta substância é chamada de raios cósmicos. Estas partículas do Sol fustigam não apenas a Terra, mas todos os outros corpos no vosso sistema solar, e são atraídas para eles pela sua atração magnética. Alguns destes corpos recebem uma carga muito maior do que a Terra, devido ao seu peso de massa ou densidade, e a natureza das partículas que um corpo pode receber de boa vontade pode ser repelida por outro. Isto depende da natureza química desse corpo e da taxa de escape químico. Como a densidade da atmosfera em redor de um corpo cósmico tem muito a ver com a taxa do seu escape químico, isto também teria de ser tido em consideração.

Esta chuva de partículas cósmicas está a ocorrer, noite e dia, embora o chuveiro seja consideravelmente mais pesado durante o dia. Um corpo que não possua vegetação, tal como a Lua, tem pouca ou nenhuma atmosfera; e, não tendo uma atmosfera, carece de uma cintura ionizada para o proteger de sentir os efeitos totais os raios cósmicos. Como a maioria dos raios são um impedimento definitivo para toda a vida vegetal, ou para qualquer coisa com seiva ou líquido nela, a Lua, tal como todos os corpos planetários semelhantes, nunca foi nem será nada mais do que um corpo morto de um tamanho e densidade geométricos definidos, colocado num alinhamento geométrico preciso com a Terra para contrabalançar o efeito magnético do Sol sobre todos os líquidos da Terra.

Se a Terra não tivesse o tipo de atmosfera densa que tem, as forças do Sol drená-la-iam em breve de toda a sua substância líquida. A Lua, contudo, é um purificador; ela impede os líquidos da Terra de se tornarem estagnados, ao manter estes líquidos num estado de fluxo e refluxo muito minuciosamente cronometrado, com uma pausa necessária entre os dois para reunirem as suas forças.

Toda a matéria funciona por esta ação de refluxo, pausa e fluxo. Uma coisa a fluir está a criar energia, e uma coisa em refluxo está a perdê-la, mas no seu momento de pausa está a recolher para si mesma a energia que criou, a qual usará como a sua força motriz em direção à

ação novamente. Todo o vasto universo está a pulsar num ritmo finamente cronometrado.

Pode parecer, devido às suas guerras e tendências gerais para a desumanidade para com o seu semelhante, que, enquanto tudo o resto possa estar a funcionar na precisão refinada que mencionei, o próprio Homem não o está a fazer. Olhando para a imagem global da vida, contudo, verificaremos que todos os atos aparentemente desumanos do Homem não passam das forças da Natureza a esforçarem-se por manter esse belo equilíbrio global.

Devemos chegar à clara compreensão de que as forças da Natureza não têm qualquer preocupação com corpos; quer estes corpos sejam de homem, animal, peixe, ave, inseto ou planta; pois todos estes são meras manifestações momentâneas da Força da Vida a funcionar em direção a um grande objetivo. E esse objetivo é a aquisição de uma compreensão mais abrangente de Si Própria, através das Suas partes. E quem é esta «Si Própria»? Sou Eu, Sim, Eu inclusive sou Ele. Se eu soubesse desta verdade de alma comovente e a tivesse escrito quando vivi na Terra em 1624, teria sido queimado na fogueira, tal como o Galileu e as suas descobertas foram condenados por aquele grupo de mente ávida de sangue e destruidor de almas que liderava as Inquisições Romanas.

Embora tenha tentado no parágrafo acima dar-vos alguma ideia quanto aos desejos globais da Natureza no que respeita à desumanidade do Homem para com o seu semelhante, não tenho qualquer desejo de vos deixar com o pensamento de que a brutalidade, a luxúria e a ganância entre os homens são o caminho da Natureza, pois isso está longe da verdade, e o facto de a própria Natureza saber que nada havia a ganhar com a viciosidade a não ser uma maior viciosidade é mostrado pela sua provisão de uma escala de equilíbrio chamada «causa e efeito», da qual não há fuga.

Pelo momento, deixemos o campo da filosofia moral e falemos daquilo que é chamado «uma coisa em si mesma». Para aprender realmente algo que seja sobre isto, será necessário fazer algumas alterações bastante sérias na nossa maneira de pensar. Que melhor maneira podemos fazer isto do que mantendo em mente o facto de que

não existem tais coisas como milagres ou mistérios. Ao longo dos tempos, o Homem tem sido amaldiçoado, e a sua mente naturalmente inquisitiva tem sido estancada por estas duas palavras, empurradas para cima dele pelo clero e pelo pseudocientista. Um mistério é apenas aquilo que ainda não foi estudado a partir de todos os seus lados. Um "milagre" é aquilo que acontece, apesar da tolice do Homem e da aparente perversidade em querer aprender algo sobre si próprio e sobre os mundos em que vive.

Estais agora a viver numa era que exige o vosso saber por experiência pessoal, e não por pensamento ilusório ou fé ou mesmo pela vossa variedade comum de raciocínio e chamada «lógica», pois tudo isto está limitado à vossa suposta crença e compreensão de uma Divindade ou de alguma colcha de retalhos vaga chamada razão e lógica científicas.

Naturalmente, nalgumas das ordens mais elevadas de atividade mental, existem sistemas de razão e lógica cuja natureza confina com o que pode ser chamado de pura abstração, e sob essa luz tem tanto a ver com o vosso tipo comum de razão e lógica como dois-e-dois-são-quatro tem a ver com o cálculo. São ambos chamados «matemática», mas isso é tudo o que se pode dizer ao compará-los.

Uma das experiências mais terríveis que um ser humano pode ter é a de subitamente perceber quão totalmente vasto, e completamente incompreensível, é todo o esquema da vida. Somos como crianças perdidas nas charnecas eternas do espaço, sem nada mais para onde ir ou de onde vir a não ser mais espaço, e não é de todo estranho que estejamos aterrorizados por esta "espacialidade", pois ela parece representar aquele algo inteiramente desconhecido chamado «X».

Como pode isto ser de outra forma, a menos que o Homem aprenda que Ele não está a olhar para o espaço, mas que Ele Próprio é o espaço. E como o Eu não pode contemplar o Seu Eu, exceto através de um dos Seus veículos inferiores, Ele não pode compreender o espaço. Mas no instante em que produz algo que é no mais pequeno grau diferente de Si Próprio, tem um algo com que se comparar e, ao fazê-lo, torna-se tanto a primeira causa como o efeito. E, a partir daí,

cada efeito, não tendo nada que lhe dê um estado de autoconsciência, torna-se uma primeira causa, ao criar outro efeito.

Enquanto uma primeira causa olha para a frente, para se encontrar no seu efeito, o efeito tem de olhar para trás para se encontrar na primeira causa. E, não sendo capaz de compreender o seu pai, não vê nada. Mas um efeito nunca ocorre na dimensão original do contínuo do tempo, e é por isto que um efeito não se pode ver a si próprio como sendo outro que não a primeira causa; mas, ao mesmo tempo, não tem consciência de si próprio até criar um efeito, no qual encontra a sua própria identidade através dos graus de diferença que sente na sua própria criação.

Cada efeito encontra o seu nascimento numa dimensão de tempo inteiramente nova em relação à da sua causa, e esta nova dimensão significa novas situações a que se conformar, e isso significa novas formas de ação. Assim, foi a partir destas infinitas formas de ação e reação a ocorrerem em dimensões de tempo que a existência física, tal como a vedes, surgiu.

Assim também, verificamos que não existe tal condição como uma "ding an sich" ou "coisa em si mesma", mas todas as formas de ação a ocorrerem na sua própria dimensão de tempo levam os que não pensam a acreditar que a dimensão em que têm a sua consciência é a única existência que há. Não sendo capazes de voltar à sua maneira de pensar; ou não pensando; um sentimento de insegurança apodera-se deles, e este sentimento de insegurança torna-os desejosos de algo em que se apoiarem. Este «algo em que se apoiarem» naturalmente deve ser maior do que eles próprios, por isso concebem aquilo a que chamam um deus, falhando ao mesmo tempo em perceber que este deus não seria nem mais nem menos, quer em qualidade quer em quantidade, do que a sua própria conceção dele; e porque a natureza física do Homem é colérica, vingativa e ciumenta, assim é o seu deus. Não pode ser de outra forma, pois o Homem apenas pode criar até à extensão da sua própria dimensão no tempo. Também deve ser lembrado que, em comparação com tudo o resto, a vossa Terra é consideravelmente menos do que um argueiro de poeira.

Se a própria Terra é uma coisa tão insignificante, onde, podereis perguntar-vos, deve o Homem situar-se no esquema das coisas! Completamente cegados pelo poder hipnótico do ego, nós, pequenas sombras cósmicas, movermo-nos sobre a face deste pedaço de poeira cósmica que está a girar velozmente num mar de nada.

Mas deve ser mantido em mente que os estados chamados «grandeza» ou «pequenez» não passam de condições da consciência de alguém a respeito do seu próprio corpo físico em comparação com a de outro corpo localizado num outro ponto do espaço-tempo; e que também o próprio espaço-tempo é da mesma natureza; isto é, uma formação necessária da consciência para ter algo suficientemente diferente de si mesma que lhe confira o sentimento de separação. Esta ilusão de separação cria automaticamente a ilusão chamada «espaço-tempo».

Se o leitor, desde que esteja minimamente desejoso de se libertar das complexidades de medos que assolam a maioria de vós que viveis no corpo físico, voltar atrás ao longo da última página ou duas destes escritos e meditar sobre elas, julgo que vereis quão totalmente tolo é temer o que quer que seja ou quem quer que seja, pois todos os vossos medos são da vossa própria autoria e manifestações dos vossos próprios desejos, muitos dos quais não têm a sua origem no nível físico de consciência e, pelo facto de não terem, falhais em vê-los pelo que eles realmente são.

Pouco depois de o telescópio de duzentas polegadas estar em funcionamento em Palomar, sem o conhecimento dos astrónomos locais, estudei os céus através do seu mecanismo complicado. Dizer que este novo olho astronómico é uma das maiores proezas de realização artística científica do vosso século vinte seria expressar os meus pensamentos de forma branda. Não obstante, não é uma coisa-em-si-mesma, mas é o produto das mentes daqueles que o fizeram. Portanto, não fiquemos maravilhados perante ele, mas curvemos as nossas cabeças e demos graças à grande Mente que, a funcionar através da máquina chamada o «cérebro» destes indivíduos, tornou esta peça de trabalho monumental possível.

Embora este "olho" consiga ver a mil milhões e duzentas milhões de anos-luz de distância da vossa Terra, e os vossos astrónomos tenham ficado estupefactos ao descobrir que o Universo não mostrava sinais de chegar a um fim mesmo a essa distância impressionante, este facto não vos deveria assustar nem fazer-vos sentir inseguros, mas deveria fazer-vos resplandecer de alegria e sincero orgulho interior ao perceberdes quão verdadeiramente grandes sois! Quero dizer, logicamente, vós como uma consciência.

Mil milhões de anos-luz! Isso, meus amigos, não é mais do que uma milha na consciência, e não passa de um sopro na medição do tempo-da-mente. No meu estado atual, não tenho utilidade para o vosso grande telescópio. Posso dizer-vos que o Universo se estende de eternidade em eternidade. Não pode haver fim para ele, simplesmente porque tudo é Mente, e não há fim para a Mente.

Ora, olhemos para o Universo a partir do vosso ponto de vista materialista. Isto é, a partir da crença de que ele é algo em si mesmo, à parte da vossa consciência individual. Para começar, não passa de tolice sequer tentar dar em figuras o número de corpos no cosmos, pois a consciência do homem material não consegue compreender tais figuras. Mas, por mais numerosos que sejam, toda e cada um deles está organizado numa ordem geométrica muito precisa em relação uns aos outros, e cada um tem o seu próprio trabalho a fazer.

Embora seja verdade que muitos destes corpos estão constantemente a chocar uns com os outros e a ser destruídos, toda essa destruição é provocada no instante em que qualquer forma de desequilíbrio se começa a verificar. Na verdade, onde quer que olhemos na Natureza, a destruição vem na esteira da desarmonia.

A história da carochinha de que «a Natureza abomina o vácuo» não passa de exatamente isso; uma história da carochinha; pois embora tanto o Homem como a Natureza possam criar vácuos de uma certa espécie, não há realmente tal coisa como um vácuo absoluto. É verdade que tanto as pressões atmosféricas como as etéricas são consideravelmente menores no espaço exterior e, portanto, um corpo pode ser feito viajar a velocidades que excedem de longe a da luz, mas esse corpo não se está a mover num vácuo completo, pois o vazio

existente é apenas relativo em densidade para o corpo que se move nele. Quer um vácuo seja criado artificialmente, pelo Homem ou pela Natureza, faz pouca diferença, pois em ambos os casos apenas a matéria mais grosseira é removida. Aquilo que é deixado é tão denso nas suas partes que está fora do alcance de qualquer ação que possa ser exercida sobre ele a partir do mundo tridimensional. Embora o Homem possa, pela sua natureza inquisitiva, fazer certas coisas meramente para ver qual será o resultado, a Natureza age com um propósito muito definitivo, e tem uma conclusão antecipada quanto ao que os resultados serão. No que diz respeito a vácuos, eu diria que os únicos completos que alguma vez encontrei foram nas cabeças daqueles que falharam em pensar por si próprios.

Ora, gostaria de fazer referência aos sóis e ao aparecimento daquilo que é chamado «manchas solares». O Galileu, que foi o meu ídolo em criança e a quem admirei profundamente ao longo da minha vida adulta, pensava que as manchas solares eram nuvens de poeira na face do Sol ou vapores. Outros astrónomos têm pensado que elas são tudo, desde montanhas a satélites. A partir da minha própria observação, creio que elas são enormes formações em tipo de túnel a penetrarem a partir da superfície para o interior, por vezes até à profundidade de 93 mil milhas, sendo os seus diâmetros de algumas centenas a muitas milhares de milhas. Os interiores destes túneis ou tubos são consideravelmente mais frescos do que o resto do Sol.

Estas manchas formam-se depois de o sol ter alcançado o seu nível mais elevado de atração de matéria residual ou detritos estelares. O ponto de saturação de matéria residual não é uma constante, mas varia consideravelmente, dependendo da quantidade de matéria que descarregou de si mesmo durante o seu período de repulsão.

Os “túneis” são tubos destruidores de átomos. Por vezes, vários destes tubos formam-se comparativamente perto uns dos outros; noutras ocasiões, a centenas de milhares de milhas de distância; e aparecem em diferentes partes da superfície do sol ou fotosfera de tempos a tempos, dependendo do ponto mais forte de atração magnética. Essa alimentação dos sóis a partir de detritos estelares pelas triliões de toneladas tem impedido estes sóis de se queimarem por completo há milhares de milhões de anos, e mantê-los-á em

funcionamento por mais milhares de milhões de anos, a menos que algum corpo de maior tamanho, ou de igual tamanho mas de maior peso de massa, saia da sua órbita e choque contra um deles.

Digo isto apesar do facto de muitos dos vossos astrónomos modernos não acreditarem que ele dure mais do que vinte a trinta milhões de anos mais; o que é um número irrisório de anos no tempo cósmico. Eles parecem não contar com o facto de que tanto a destruição como a construção de corpos vastos estão a ocorrer constantemente no reino estrelado, e que, na maioria das vezes, quando a destruição ocorre, um novo suprimento de matéria residual para os sóis é criado. E mais, a natureza da ação das partículas que vão constituir os sóis é inteiramente diferente da matéria que vai constituir um corpo em chamas que mais tarde arrefecerá e formará um planeta.

As partículas que vão constituir a fotosfera não estão a arder, mas são condensações de gases tais como o hidrogénio e o hélio e, devido às tremendas pressões gravitacionais, são comprimidas em sólidos e são de um peso extremo. Estes glóbulos pesados de matéria estão a flutuar num mar constituído pelo mesmo tipo de substância que o encontrado num vácuo extremo. A pressão de massa que este exerce sobre os glóbulos é tão grande que os mantém nos seus lugares, de modo que a sua única fuga é pela radiação.

Durante o período de atração magnética do Sol, o campo da coroa é de aproximadamente trezentas e quarenta e seis mil milhas, mas na repulsão entra em ação violenta, disparando grandes fluxos de energia por milhões de milhas no espaço. O próprio espaço, ao longo de todo o sistema estrelado, embora pareça ser um vazio, é constituído por matéria muitas vezes mais densa do que quaisquer corpos em forma.

Surgirá a questão, sem dúvida, quanto a como estes tubos destruidores de átomos são formados e como funcionam. Imaginemos, se pudermos, um grande globo de vidro oco cheio até à capacidade com diamantes altamente polidos mas cortados de forma um tanto irregular. Os diamantes representarão os glóbulos de matéria que enviam fotões, ou partículas de raios de luz. O espaço de permeio entre os diamantes enchê-lo-emos com um grau pesado de óleo. A isto chamaremos a umbra, ou substância na qual os glóbulos flutuam em

redor. Esta substância, sendo muito mais pesada, tem uma maior força de gravidade do que os glóbulos (oi diamantes) e faz com que toda a matéria que os sóis atraem para si caia nela.

Contudo, devido à rotação do sol, a matéria assim atraída atinge apenas certas partes da superfície do sun e, ao entrar nesta matéria "oleosa", é esmagada ou moída pela tremenda pressão criada por estes glóbulos de matéria a funcionarem uns contra os outros. Este efeito de esmagamento provoca tremendas explosões atómicas, com extensas reações em cadeia, formando gigantescas fendas na fotosfera do sol. Após cada explosão inicial, vastos remoinhos são formados à medida que os glóbulos que constituem la fotosfera correm loucamente para selar a fenda.

A ação destes remoinhos é sentida centenas de milhas acima da superfície do sol, arrastando para o seu centro em rápida rotação incontáveis toneladas de detritos estelares e, quando a boca do remoinho se fechou, outra tremenda explosão se segue, banhando a vossa Terra e infinitos outros corpos no espaço com uma variedade de eletrões altamente potentes, alguns dos quais trarão uma degradação mais rápida nos químicos da vossa Terra, enquanto outros trazem um crescimento maior.

Embora seja o calor do Sol que sustenta a vida e o crescimento na Terra, bem como em todos os outros corpos planetários, são os raios cósmicos que iniciam a vida e dizem que formas hão de ser feitas e que alterações hão de ocorrer nelas durante o seu período de existência.

Mesmo na suposição de que um corpo como a Lua tivesse uma atmosfera, a sua falta de densidade poderia proibir a formação de uma cintura ionizada nas suas camadas superiores, e a falta de tal cintura deixaria automaticamente esse corpo aberto para receber o impacto total dos raios cósmicos, o que significaria a morte para todos os corpos produtores de seiva em tais planetas. Também, onde há pouca ou nenhuma vida vegetal, um planeta absorverá o calor do sol muito mais depressa durante o dia; mas a taxa de escape do calor nas suas horas de escuridão é muito rápida. Estas mudanças súbitas na

temperatura por si só impediriam a existência de vida na Lua ou em Mercúrio.

Marte e Neptuno, contudo, não só podem como têm certos tipos de vida vegetal, o que significa que possuem uma atmosfera cujas camadas superiores estão ionizadas. A vasta distância de Neptuno em relação ao Sol permite-lhe receber cerca de sessenta e quatrocentas vezes menos luz e calor do que Mercúrio, calculando que a luz e o calor diminuem proporcionalmente ao quadrado da distância. Contudo, a luz não é um "algo" a mover-se através de um outro algo chamado «espaço», mas é energia cinética criada e libertada pela tremenda perturbação das partículas do Sol.

O movimento vibratório destas unidades de calor cria um padrão de ondas. Estas ondas de calor excitam depois, por indução, as partículas etéricas a alterarem o seu alinhamento magnético, o que faz com que reflitam o movimento das ondas de calor. Não obstante, a ação continuaria a ser medida pelo inverso do quadrado da distância, mas desta vez em proporção à intensidade vibratória da massa. Se fôssemos ter em consideração o facto de que nenhum átomo de matéria alguma vez toca realmente noutro, poderíamos dizer com uma grande quantidade de verdade que toda a ação ocorre por indução.

Tanto em Marte como em Neptuno, o crescimento da vida vegetal é muito mais pesado em substância. Enquanto a vida vegetal marciana é mais um crescimento musgoso, do tipo fungo, em cor maioritariamente cinzento e vermelho-ferrugem com tons desbotados de amarelo-laranja, a vida vegetal de Neptuno é considerável e espalhada por uma área comparativamente grande. É muito fibrosa, com a qualidade de borracha pesada, e em cor muito semelhante à de Marte, uma grande quantidade de cinzento doentio e vermelho-ferrugem, e algum preto. Estas plantas produzem folhas grandes e pesadas, mas não flores. A seiva nelas é muito espessa, é de uma cor castanho-lama ou vermelho muito escuro, e cheira terrivelmente. Significaria morte instantânea se um homem da Terra a respirasse, dado que consiste maioritariamente em gás monóxido de carbono retirado de uma atmosfera que está carregada de amoníaco.

A atmosfera marciana é de certo modo parecida com a da Terra, mas ela também está bem preenchida com gás amoníaco, especialmente nos seus polos, sendo a parte central a mais pura. Aí encontramos alguma vida vegetal que quase se assemelha à encontrada na Terra, até mesmo no seu verde. Ventos tremendos varrem a parte central de tempos a tempos, sendo mais prevalecentes nos meses de verão, e varrem milhões de toneladas de poeira de óxido de ferro para os céus marcianos. Por vezes, acontece que esta poeira vermelha marciana é expelida para o espaço exterior, onde se move entre o Sol e la Terra, fazendo com que o Sol pareça vermelho por muitos dias.

Este desprendimento de planetas e asteroides é muito mais prevalecente do que é comummente acreditado. Bastante frequentemente, também, uma parte desta poeira de planetas e asteroides aproxima-se o suficiente da Terra para ser apanhada nas nuvens. Então, a água que cai na terra pode ser preta, vermelha ou de quase qualquer outra cor, e os sóis podem parecer vermelhos, verdes ou azuis.

Para falar novamente de Neptuno; pelo facto de este planeta estar cerca de trinta vezes mais afastado do vosso Sol do que está a Terra; pensa-se que é um mundo de eterna escuridão e gelo. Isto não é verdade, contudo, pois embora Neptuno receba pouca radiação de unidades de calor do sol da Terra, encontra-se em alinhamento com sóis noutros sistemas solares que são milhões de vezes maiores do que o sol da Terra, pelo que é tudo menos um deserto congelado. Os seus verões são muito longos mas amenos; de certo modo na ordem dos meses de outono da Terra.

Os seus invernos, embora longos em comparação com os da Terra, são muito mais curtos do que os seus verões, mas inacreditavelmente frios e num estado mais ou menos constante de agitação por ventos amargamente frios, permanecendo ambos os seus polos num constante estado de gelo. Devido ao seu enorme tamanho e peso de massa, Neptuno atrai para si próprio muito mais raios cósmicos do que Marte ou a Terra.

Ora, gostaria de falar brevemente daquilo que é chamado «gravidade» e da sua natureza. Como muito do que já disse sobre a matéria e as suas variadas formas de ação é talvez novo para muitos dos vossos físicos, e pode não colher a aprovação de alguns destes homens e mulheres de mente capaz, é provavelmente demasiado tarde para voltar atrás nos meus caminhos pecaminosos, pelo que devo continuar no caminho que tracei para mim.

Com isto, quero simplesmente dizer que as minhas visões sobre a gravidade e as suas leis também, sem dúvida, estarão fora do âmbito das crenças aceites. Em igualdade de circunstâncias, talvez fosse aconselhável que na nossa aprendizagem tomássemos tudo *cum grano salis* (com um grão de sal, com ceticismo ou para não interpretar literalmente). Ao fazê-lo, não corremos o risco de estar demasiado errados nas coisas que finalmente aceitamos como factos. Assim, agora, se o leitor tiver o seu saleiro na mão, procederei à exposição da minha teoria da gravidade.

Comecemos por fingir que o espaço é um vasto mar, como em muitos aspetos realmente é. Quanto mais fundo vamos num corpo de água, maior se torna a pressão sobre os nossos corpos por polegada quadrada da superfície corporal, e verificamos que esta mesma condição é verdadeira no mar do espaço. O homem na Terra é como os peixes que vivem nas profundezas do oceano, pois ambos podem subir apenas até um nível dado de mar ou de espaço, ou morrerão por falta de oxigénio ou pelo excesso dele. E se forem levados demasiado para cima, a crescente falta de pressão que a sua estrutura corporal foi projetada para suportar fará com que esta rebente para fora.

Pode parecer que tenho estado a falar apenas da pressão do ar e da água, mas em breve vereis que nem a água nem o ar têm qualquer pressão em si mesmos, pois a força que exercem contra o homem ou o peixe deve-se à força chamada «gravidade», e o grau da pressão varia consideravelmente dependendo do corpo cósmico que se habita e do seu peso de massa. Se o peso de massa de cada corpo no espaço pudesse ser dado, verificaríamos que o Designer Cósmico deve ser um génio estupendo em precisão geométrica.

Mas voltemos à consideração dos peixes no mar e do homem na atmosfera. Se o peso de massa do peixe, digamos, for de quatro libras, ele deslocará quatro libras de água; ou, se for uma baleia, pesando na casa das toneladas, deslocará uma tonelagem igual de água, e isto é também verdade para os homens, bem como para todas as outras coisas que vivem ou existem na atmosfera da Terra. No entanto, à medida que nos movemos para o espaço, afastando-nos de seja qual for o corpo em que temos estado a viver, verificamos que os nossos corpos ou se expandem devido à falta de pressões habituais, ou se contraem devido ao excesso de pressão; o que significa que os nossos corpos explodirão ou serão esmagados num estado mais compacto.

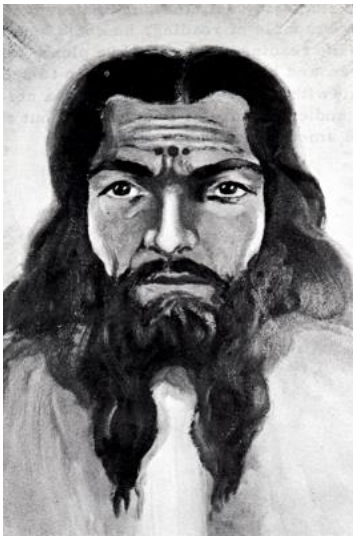
Por exemplo, se um homem da Terra aterrasse em Neptuno, não seria capaz de se mover. E mais, seria provavelmente esmagado até ficar reduzido a polpa, devido à tremenda força que a gravidade exerce naquele corpo; e um homem de Neptuno, se pudesse aterrar na Terra, em breve explodiria por falta de pressão gravitacional por polegada quadrada no seu corpo.

Desde que tudo o acima exposto seja verdade sobre a força chamada «gravidade», e desde que estejamos de acordo que tudo é matéria a funcionar numa forma de movimento ou noutra, então talvez possamos conceder que a gravidade é matéria da qual provém toda a forma e configuração, como de facto sugerimos que seja o caso. A gravidade, sendo constituída por campos de graus sucessivos de densidades, ou se preferirdes graus de rarefação, e não necessariamente eletromagnética em si mesma mas simplesmente magnética e elétrica quando funciona sobre corpos de maior massa, varia na sua natureza de acordo com a densidade do corpo ou a falta dela.

Ora, se considerarmos os éteres como campos gravitacionais de densidades variadas, podemos dizer que há o que se chama derivas do éter, o que significa que enquanto uma deriva constante para baixo dos éteres numa parte da Terra pode ser, falando arbitrariamente, de 60 milhas por segundo, noutra pode ser de 80 a 86. Onde tais derivas são muito lentas, pode bem dever-se a alguma ação errática a ter lugar num outro corpo celeste estreitamente relacionado com a Terra, e tal ação pode produzir tanto uma curvatura como um vórtice nos campos

gravitacionais. O Sol é o corpo com maior probabilidade de provocar esta condição.

Poderia continuar a escrever sobre estas coisas até ter um volume tão vasto que, por mais rápido que alguém fosse capaz de ler, poderia passar a sua vida inteira a lê-lo e ainda ter muito para os seus filhos e para os filhos dos seus filhos passarem uma vida inteira. Isto dar-vos-á uma ideia não só da natureza sem fim deste assunto, mas da quantidade minúscula que apresentei aqui.



**ARAKASHI**

Menos se sabe sobre esta personalidade do que sobre qualquer uma das outras do Círculo Interior. Tudo o que o Círculo Interior consegue, ou quer, contar é que ele foi um guru ou homem santo, e que viveu e faleceu na região do Punjab, na Índia. Sugerem que os seus dias foram contados de 1398 a 1420. Os seus ensinamentos eram "budistas". Os membros do Círculo Interior, descritos em esboços biográficos nesta folha, são professores. Através do Mark Probert, estão a dar-nos sabedoria e conhecimento infinitos, para nos ajudar a compreender esta vida e, talvez, preparar-nos em algum grau para a vida que está por vir.

**O TEMPO, O ESPAÇO E A CONSCIÊNCIA**

por Arakashi

O que pode o homem dizer destas três coisas? Desde tempos tão recuados quanto o homem pode recorrer na história conhecida da sua

primeira aparição na Terra, ele tem ponderado sobre a natureza do tempo, do espaço e da consciência; e, no entanto, a vasta maioria da humanidade não está mais esclarecida a respeito deles agora, no vosso dia presente, do que a maior maioria estava no início. Isto, logicamente, não é surpreendente para aqueles que têm verdadeiramente procurado adquirir conhecimento da vida. As palavras do vosso Mestre, o Cristo, não foram seguramente ditas em tom de brincadeira quando disse: «Procurai e encontrareis.» e «Batei e a porta abrir-se-vos-á.».

A maior dificuldade com que o Mundo Ocidental tem de lutar na aprendizagem de matérias ocultas são as mentes excessivamente irrequietas dos seus habitantes, e o seu estado de tédio mais ou menos subconsciente. De certa maneira esta condição é boa, mas a longo prazo tende para a indiferença e para a aprendizagem de meias-verdades. As meias-verdades geram maior dúvida, e a dúvida deixa-vos num dilema maior do que conhecimento nenhum. Nós, do Círculo Interior, dissemos muito nos últimos três anos sobre o tema do tempo, do espaço e da consciência; e não sinto que aquilo que possa dizer agora vá acrescentar muito a isso, mas escrevo-o aqui para que se torne parte deste livro e seja lido num futuro distante, e talvez seja melhor compreendido.

O tempo, a maioria de vós é ensinada a acreditar, é algo em si mesmo e tem a ver apenas com o vosso mundo; e mais, que é algo bastante à parte de vós como indivíduo. E o espaço é considerado de forma muito semelhante; e a consciência é limitada ao corpo físico e, portanto, não pode existir separada dele ou estender-se para além dele. Percebo perfeitamente que não estou a acrescentar nada àquilo que quase todos os vossos filósofos conhecidos disseram repetidamente: que o tempo, o espaço e a consciência não são três entidades separadas em si mesmas, mas são modos ou condições do único estado, nomeadamente a perceção desperta do eu para o eu. Nenhum corpo é necessário para o eu funcionar; um corpo é meramente uma expressão ou modo do eu, e é o mais adequado para que esse eu adquira o conhecimento que será útil ao seu próprio crescimento em seja qual for o estado de consciência que crie para si próprio.

Existem infinitos modos de tempo e espaço, simplesmente porque a consciência é um círculo infinito e ininterrupto; e não há fuga para o homem deste círculo, a menos que um indivíduo se possa tornar esquecido de e para si próprio. Tal condição implicaria então um vazio, um estado completo de nada. Então, uma lei assim não só tenderia a mostrar que toda a nossa substância ou matéria tem tanto um início como um fim, e que por algum processo ainda desconhecido algo nasce do nada, como o provaria como um facto.

O homem não se move no espaço, mas na consciência, ou modos de consciência. A consciência não é uma qualidade ou quantidade fechada à chave na cabeça ou cabeças de pessoas e coisas. É um movimento da matéria e estende-se pelo "espaço" eterno que é talvez cem milhões de vezes mais denso do que qualquer substância separada que vos seja conhecida atualmente. Se ao menos se pudesse ser levado a perceber que não existem coisas como sentidos físicos, mas que o corpo possui canais através dos quais o eu, ou psique, se torna consciente das construções mentais ou extensões de outros, bem como das suas próprias! Se não fosse assim, uma personalidade que tivesse uma vez abandonado o seu veículo físico não poderia ter mais ligações com essa fase particular de consciência.

O transe por vontade própria é a entrega consciente destes canais, por parte do operador original de um corpo, a um outro operador que descartou o seu próprio corpo físico para novas experiências na consciência. A obsessão, em tais casos, raramente ocorre em transe autoinduzido por um período de "tempo" mais longo do que aquele que foi acordado entre o "médium" atuante e o seu controlador ou a sua controladora. Por norma, é a entidade visitante que estipula o tempo estipulado, pois ela sabe melhor a quantidade de energia que pode absorver com segurança do corpo físico sem lhe trazer danos.

No que chamais obsessão subconsciente, existe uma complicação de forças dissidentes em ação. Para começar, o corpo físico daquele que está assim possuído não foi preparado ou condicionado de forma alguma para a provação. Isto faz com que a vítima perca muito mais energia nervosa do que aquela que consegue normalmente suportar. O eu consciente, não sabendo o que está a ocorrer com o seu eu físico, continua a fazer as suas exigências habituais sobre ele, verificando

que este não responde, o ego fica agitado. Esta agitação atua como pavor e profunda ansiedade no sistema nervoso; isto, por sua vez, faz com que as glândulas de adrenalina trabalhem em excesso e, logicamente, todas as outras glândulas por todo o corpo terão de satisfazer a exigência anormal; tudo isto são golpes impressionantes para a personalidade do indivíduo em causa, e faz com que perca à força o controlo do seu próprio eu físico por curtos ou longos períodos de tempo. Depois, se a entidade invasora souber como, pode galvanizar o corpo para a ação. Algumas entidades obsessoras são tão proficientes na sua capacidade de controlar um corpo que é necessário um perito com uma compreensão total da atividade paranormal para as descobrir.

Todos os alimentos picantes deveriam ser eliminados da dieta de uma pessoa obsessiva, e não se lhe deveria permitir ter a mínima porção de álcool, mas ela nunca deveria ser deixada ficar sem comida por mais de quatro a cinco horas; e as energias sexuais deveriam ser mantidas num nível baixo. Durante uma hora todos os dias a pessoa deveria ser colocada sob um feitiço hipnótico e a entidade em posse ser falada de uma maneira bondosa mas firme. Ela deveria ser avisada do dano que está a cometer na máquina física de outrem, o seu proprietário despossuído ou a sua proprietária despossuída, para já não falar do grande atraso do seu próprio crescimento e avanço futuro. Ora, voltemos ao assunto do espaço-tempo novamente.

Se os vossos homens de ciência esperam compreender mais claramente os fenómenos da vida, terão de chegar mais cedo ou mais tarde à perceção de que esta coisa a que chamamos «espaço-tempo» não é na sua verdadeira natureza um elemento objetivo global, mas uma atividade personificada muito subjetiva que é projetada a partir do eu em impulsos compactos e extremamente diminutos. No plano bruto da Terra, estes impulsos são aquilo a que chamais partículas químicas; chamadas assim simplesmente porque a estrutura nuclear destes impulsos pode ser de tal modo organizada que forme aquilo em que pensais como "matéria", contudo, apenas o tipo que é adequado para a vossa maneira tridimensional de pensar. Mas bem no fundo do campo da matéria bruta reside um campo mais subtil conhecido como o plano etérico.

É a partir desta taxa vibratória imediatamente superior que a matéria solidificada retira a sua energia que a mantém a funcionar no mundo físico. Quando um corpo físico de qualquer tipo começa a deteriorar-se e a passar pelo estado a que chamais «morte», é porque os canais através dos quais ele absorve esta energia etérica falharam, por uma causa ou por outra. A energia-matéria que foi constituir esse corpo particular passará por muitas formas antes de fluir novamente de volta para o seu estado original de matéria sem forma. Tudo o que o homem vê é matéria em movimento, e depois quase sempre apenas uma fase dela chamada o mundo físico.

Quando fenómenos aparentemente estranhos, tais como aeronaves de aspeto bizarro e inúmeras outras coisas, chegam ao vosso conhecimento, podeis ter a certeza de que se trata de uma forma de matéria a fundir-se com outra que tem uma afinidade ou uma forte força de atração por ela. Por vezes, a força de atração é tão grande que a velocidade a que se encontram faz com que façam aquilo a que chamais explodir. Uma explosão não passa de uma das muitas formas que uma dimensão tem de se fundir com outra por quebra súbita e violenta, ou deterioração, e reagrupamento quase instantâneo para formar nova substância.

## FORÇA MENTAL

por Arakashi

Não há duas substâncias iguais, pois cada uma tem a sua taxa particular de movimento vibratório. No entanto, cada uma deve ter um polo de oposição diametral, bem como um de atração; e é num ou noutro destes polos que a força da mente entra em ação, manipulando a matéria, moldando-a em forma tridimensional. Supõe-se erradamente que a gravitação é alguma forma de energia tridimensional em funcionamento. É a força da mente a trabalhar em, ou sobre, campos químicos. Ela direciona os eletrões que giram em redor do átomo, bem como os corpos astronómicos que giram em redor dos sóis. A matéria por si só não tem configuração nem forma a não ser a desejada pela mente, e a aparente infinitude da matéria deve-se à natureza insondável da mente, que é sem início nem fim.

No ponto atual da vossa civilização, continuais sem o conhecimento consciente de como direcionar as vossas forças de pensamento para moldar a matéria em forma visual, pelo que continua a ser o que chamaríeis uma atividade subconsciente. Este conhecimento foi outrora vosso quando exististes em vidas anteriores noutras civilizações que há muito desceram ao pó. Cada civilização adquire este conhecimento após ter alcançado um certo estado elevado de consciência; mas todas e cada uma no passado o usaram indevidamente para dominar as massas, provocando assim o seu fim súbito e violento.

Deve ser lembrado e perfeitamente compreendido que o corpo particular no qual o homem possa estar a operar não tem verdadeira importância para a vida. Assim, se o que ele faz provoca a destruição eventual desse corpo, quer se trate de um ou de cem milhões de tais corpos, nenhuma calamidade real foi sofrida no que toca à vida. São apenas os centros emocionais do corpo que fazem com que a mente individual assuma que um grande ou um pequeno desastre teve lugar, dependendo o tamanho e a importância da tragédia assumida de como ela afeta o homem como indivíduo. Portanto, vedes, não é o corpo que é importante para o homem, mas a consciência.

O verdadeiro Deus não é vingativo, nem tem nenhum dos atributos negativos do Deus judaico da vossa Bíblia cristã. As Suas ações não são de modo algum motivadas pelo que o homem físico chama emoção; e mais, Ele não é conhecedor da matéria em configuração e forma, quer seja a do homem, do animal ou das coisas; pois tudo isto é a Uma Só Coisa, e Deus está interessado e ciente apenas nessa Uma. A essência dessa Uma é a perceção consciente. Sem ela, nada poderia existir em plano nenhum.

Ora, uma palavra para aqueles que foram criados nas igrejas ortodoxas cristãs, e que através de tais ensinamentos foram levados a acreditar que «O Senhor teu Deus é um Deus zeloso» que permite aos Seus filhos passarem pelas alegadas torturas de um purgatório. Apenas posso dizer que tais crenças são as mais adequadas para vós até ao momento em que acordeis para o propósito maior da vida. Há apenas isto a lembrar: a Vida é como acreditais que ela seja, e vós sois os vossos pensamentos. Assim, seja o que for que acrediteis, fazei-o com

todo o vosso coração. Mas, sejam quais forem os vossos pensamentos, não vos envergonheis deles, mas enfrentai-os e tentai compreendê-los; pois, verdadeiramente, todos os pensamentos são de Deus. Se eles vos parecem "errados" ou "maus", é apenas porque o vosso eu físico, através do corpo emocional, interpretou mal o impulso de pensamento ou a imagem mental. Uma interpretação errada provoca um ato errado.

É minha crença que nem o homem nem o animal cometem um ato de qualquer tipo, bom ou mau, pelo ato em si, nem porque o seu ato trará prazer ou dor a outrem; porque nenhum indivíduo separado pode realmente saber o que constitui dor ou prazer para ou em outrem. Naturalmente, assumimos que sabemos, mas a nossa suposição baseia-se apenas no nosso sentimento individual quanto àquilo que nos dá prazer ou dor. Certos tipos de prazer para um podem ser uma dor extrema para outro, e vice-versa.

Quando um homem se propõe a torturar outro, não começa a fazê-lo ao conjurar na sua mente que modo de tortura seria o mais desagradável para esse outro, mas ao imaginar o que seria o mais insuportável para si próprio. Um masoquista é um sadista inibido, e um sadista é um masoquista inibido. Um homem que dá esmola à caridade fá-lo não porque seja capaz de sentir o grande alívio da falta que isso trará a outrem, mas porque o dar lhe traz um reforço do seu próprio ego e um sentido de segurança em si mesmo.

Quando um homem e uma mulher que afirmam ter um grande amor um pelo outro se propõem a culminar esse amor no ato sexual, raramente o fazem com o desejo de trazer prazer um ao outro, mas estritamente a si próprios; e nos raros casos em que possam realmente considerar o outro acima de si mesmos, as suas ideias são formadas e postas em prática por aquilo que traz o maior sentido de gratificação aos seus próprios corpos físicos e mentes. O que estou a tentar alcançar é meramente o facto de que somos todos quantidades desconhecidas uns para os outros. Um homem nunca se depara com outro homem sem que se depare consigo próprio, mas não se conhecendo a si próprio, os outros aparecem-lhe como uma quantidade-X. Se tudo isto é verdade, não é lógico obedecer ao ensinamento de todos os grandes professores; de que vos ameis uns aos outros? Pois ao fazê-lo, amais-vos realmente a vós próprios.

Tive a intenção de que este presente escrito fosse uma continuação do meu capítulo anterior, mas podereis muito bem perguntar o que as últimas páginas de escrita têm a ver com o tempo, o espaço e a consciência. A isso posso dizer: "Tudo"; pois tudo o que o homem faz, fá-lo num modo de espaço-tempo, que é consciência. "Subconsciente" e "inconsciente" são praticamente os mesmos estados, pois tudo o que qualquer um deles pode significar é um modo diferente de perceção. A mente, sendo livre, não está limitada a nenhum em particular dos infinitos modos de perceção; e, na verdade, consegue manter uma perceção sensorial de vários modos ao mesmo e único tempo. Não defendemos, logicamente, que ele se permita cair neste estado de dualidade, pois não é bom. Pouco conseguirá aprender, e esse pouco será demasiado confuso para lhe granjear algo de valor. Sentimos que, para compreender realmente o que se está a passar num plano, é muito melhor bloquear todos os outros.

Para provar este último ponto, segui a Natureza. O sono natural é a forma que a Natureza tem de bloquear o vosso estado de consciência exterior, dando descanso ao corpo físico e trazendo à ação o corpo mental. Os vários estágios de transe são o bloqueio dos diferentes modos de consciência, de modo a que o corpo mental possa estar inteiramente livre no plano particular único onde o Eu procura trabalhar.

Falemos um pouco sobre alguns atributos do homem com os quais os vossos cientistas da atualidade estão a lutar, aparentemente com grande dificuldade. Esses atributos são chamados «paranormais» simplesmente porque estão em tão pouco uso e, portanto, são pouco compreendidos. Referimo-nos à comunicação mental, não apenas entre aqueles que ainda existem no reino físico, mas entre os dois mundos e a chamada precognição, clarividência e clariaudiência. Em muitas das páginas anteriores deste livro mencionámos estes assuntos de uma maneira ou de outra, mas aqui tentaremos tratar deles de uma forma mais conclusiva.

Sabemos tão bem como vós que estes assuntos foram tratados de uma maneira exaustiva por algumas das vossas maiores mentes científicas, e estes homens e mulheres merecem muito crédito pelos seus esforços incansáveis. Nós, do Círculo Interior, não temos

qualquer desejo de os afrontar ao apresentar as nossas humildes opiniões sobre estas matérias. Esperamos, antes, que aquilo que temos para dizer lhes dê, de certa forma, uma luz um pouco mais clara para trabalharem. Também esperamos que a nossa maneira de abordagem um tanto pouco ortodoxa não os assuste antes de terminarem a leitura e darem alguma consideração aos parágrafos seguintes.

Primeiro, no que diz respeito à comunicação mental, ou ao que chamais «telepatia», desejamos atacar isto audazmente ao afirmar categoricamente que não existe absolutamente tal coisa como a última, mas existe muito definitivamente a primeira. Com isto, queremos dizer que usar a palavra "telepatia" é implicar algo enviado através do espaço por uma onda de energia de um ponto dado para outro ponto dado. Tal conceito deve-se inteiramente à vossa suposição de que o espaço-tempo é algo à parte do indivíduo, fora dele por assim dizer, e tendo uma existência própria. Nós, logicamente, conseguimos compreender prontamente como alguém que ainda vive no corpo físico pode chegar a tais conclusões, pois nós, num determinado momento, também pensávamos o mesmo. Mas deixai-nos assegurar-vos, meus bons amigos, que esta não é decididamente a verdadeira situação; e não estamos agora a falar filosoficamente, mas estamos a relatar factos tão claramente quanto conseguimos com palavras.

Se o espaço-tempo fosse uma condição existente, separada da consciência, então a consciência nunca poderia tornar-se ciente dele; mas o espaço-tempo é consciência e está em toda a parte presente. Nunca começou e, portanto, nunca terá fim, e não há movimento nele. Aquilo que vedes em movimento é uma criação dele, da consciência, e estes estados infinitos de movimento são moldados em gases, líquidos e sólidos, de acordo com as necessidades dos variados e infinitos modos de consciência. Alguns destes modos são aquilo a que o homem físico chama tempo e ambiente.

Ora, no que respeita ao cérebro físico do homem, e do animal também, existe uma onda cerebral. Estas ondas cerebrais são os pontos de contacto entre o modo de consciência chamado o homem físico e um outro modo de consciência chamado o espírito, ou Alto Eu do indivíduo. É pela força destas ondas cerebrais que o Alto Eu faz todos os seus chamados contactos sensoriais com o mundo físico; e

elas são criadas pela composição química do corpo. Se o corpo se torna quimicamente desajustado, uma pequena ou grande alteração ocorre nestas ondas cerebrais, e o Alto Eu sente essa alteração e o homem físico sente-se a si próprio fora de harmonia com a vida, chamando-se a si próprio doente, ou cego, ou surdo, ou carente de uma maneira ou de outra.

Estas mutações químicas estão constantemente a ocorrer no corpo, mas não há dois corpos que sejam afetados precisamente da mesma maneira, pois a consciência do "Eu" de cada indivíduo interpreta estas alterações à sua própria maneira. Os efeitos, portanto, não são provocados tanto pela alteração química real em si, como por aquilo que a consciência do "Eu" desse corpo particular aprendeu a considerar como sendo normal ou anormal para si.

É por isto que a hipnose é capaz de provocar uma chamada cura ou readaptação de doenças do corpo físico, incluindo o cérebro. A extensão física da mente chamada o corpo é colocada em suspenso, e o eu é envolvido numa conversa calma e razoável, na qual lhe é dito que a alteração química que lhe está a dar desconforto pode ser alterada de volta ao normal. O corpo físico, com as suas tensões de crenças, estando desligado e desassociado da mente, não irá então argumentar contra as sugestões construtivas e, quando lhe for novamente dado o controlo consciente da sua extensão física, ele irá trabalhar provocando as alterações necessárias. As palavras faladas do hipnotizador tornaram-se gravadas na consciência do Alto Eu sob a forma de linhas de tensão e, ao tornar-se ciente do seu veículo físico outra vez, estas linhas de tensão serão por sua vez impressionadas sobre as células do cérebro físico que opera o sistema nervoso. O sistema nervoso aceita as sugestões por aquilo que pode ser chamado a lei da irritação e transmite a mensagem ao sistema glandular. Isto excita então as células das glândulas a fabricarem os químicos apropriados, os quais serão depois transportados pela corrente sanguínea e trarão rapidamente de volta ao normal as partes ofensoras do corpo.

## O MATERIAL VIA PENSAMENTO

por Arakashi

Conforme vos lembrareis, comentei anteriormente o facto de que tudo é movimento e está em movimento, que não há forma de contornar ou de ficar por trás do movimento. Não conseguimos sequer pensá-lo, pois no momento em que tentamos pensar criamos movimento, pois o pensamento é energia em ação. Assim, agora, sobre esta teoria, tentarei explicar como o pensamento profundo, ou a concentração, produz aquilo a que chamais coisas físicas ou materiais.

A arte da precipitação espontânea ao desejar conscientemente é uma arte perdida no plano físico, e raramente é recuperada enquanto se está no corpo da Terra. Penso que a razão para isto é porque ela não é realmente necessária e, como vos disse antes, sem o impulso chamado «necessidade» não pode haver coisa alguma.

Ora, o homem físico não pensa, mas é meramente a máquina sobre a qual atua o verdadeiro homem, que em sânscrito é chamado «Atman», significando o Eu. É em Atman que encontrareis a sede da memória também, e o esquecimento no homem físico ocorre simplesmente porque o Atman perdeu, por uma razão ou por outra, o contacto momentâneo com o homem ou com a sua máquina que usa para se expressar no plano material.

Tenho pensado frequentemente que uma grande quantidade de tempo e energia poderia ser poupada se todas as perguntas, independentemente da sua natureza, pudessem ser enunciadas em uma ou duas frases, e deixadas cair. Mas as perguntas, mesmo algumas das mais triviais, são como tudo o resto pertencente à vida: complicadas ao ponto do misticismo. Comento isto simplesmente porque percebo perfeitamente bem que, seja o que for que eu possa dizer sobre o assunto respeitante ao material via pensamento, haverá literalmente dezenas de pessoas que poderiam acrescentar infinitamente mais àquilo que tenho para dizer, ou retirar muito do meu pensamento escrito sobre a matéria, simplesmente ao abordarem-no a partir de um outro ângulo.

O Atman é o grande Conhecedor, sabendo tudo o que há para saber, compreendendo totalmente a estrutura atómica de todos os compostos químicos que vão constituir qualquer coisa material. O homem não necessita de saber; tudo o que o homem necessita de

aprender a fazer é como entregar completamente a imagem mental de uma coisa a Atman, e a única maneira de o homem fazer isto é por aquilo a que chamaremos transe profundo, por falta de um termo melhor. Naturalmente, como não se encontram leis fixas em parte alguma da vida, o transe, a entrega completa do homem a Atman, é uma condição arbitrária. O Adepto, Cristo, demonstrou isto na multiplicação da matéria alimentar, enquanto em plena consciência. Mas a capacidade de o fazer, nos comparativamente poucos que a alcançaram, é sua porque estes indivíduos estão a viver na fronteira que divide os mundos subjetivo e objetivo, e por isso têm um contacto contínuo.

Por infinitos eões de tempo antes de a forma de matéria agregada da Terra surgir, a vida do homem era uma vida subjetiva. Havia, contudo, muitos graus de subjetividade. O mais baixo destes, nessa altura, era aquilo a que chamaremos o baixo etérico. Nessa altura, este plano de consciência era considerado por muitos como sendo o Inferno, praticamente da mesma maneira que muitas pessoas no vosso plano da Terra consideram a vossa Terra e precisamente pela mesma razão, embora a maioria daqueles no vosso plano da Terra não esteja ciente conscientemente de por que razão pensa assim. Sendo a verdadeira razão que a matéria, à medida que se descem os planos, é mais condensada; e quanto mais condensada a matéria se torna, mais violenta nas suas partes ela é. E assim é apenas natural que, quanto mais profundamente o Atman, ou a pura consciência, tenta entrar na substância material, maior se torna o seu sentido de dor e sofrimento.

A dor em certas partes do corpo deve-se à alteração caótica que está a ocorrer na construção química dessas partes. Toda e qualquer alteração química é de natureza violenta. A este estado de violência podemos chamar um estado de incerteza na consciência do átomo. Esta condição é absolutamente necessária para o átomo, porque ela fustiga o átomo a tornar-se algo. É semelhante à força chamada «necessidade» que habita em Atman; é uma forma de medo *per se*, o medo do desconhecido ou a possibilidade de perder a sua identidade e tornar-se nada. No entanto, para Atman, tornar-se ciente desta atividade química é doloroso no extremo, porque o torna muito mais conscientemente ciente de si próprio, não como si próprio mas de ser

outra coisa. Por outras palavras, a sua consciência funde-se com a da consciência do átomo que está a alterar o seu padrão químico, e isso logicamente faz com que ele acredite que está a sofrer dor ou infelicidade. E a razão para o Atman sentir dor no seu veículo físico é simplesmente porque os átomos químicos densos são construídos em redor das suas tensões psíquicas. A substância química chamada o corpo não tem sentido daquilo a que chamamos dor, e o Atman não consegue e não se torna ciente da dor a menos que entre em contacto com a natureza violenta do mundo químico.

Antes de a matéria física baixa nascer, o homem ou melhor o Atman, desfrutava de uma existência contínua, indo de um plano de consciência para outro sem a ilusão a que chamais «morte». Isto era não só verdade para o homem, como para todas as coisas pertencentes à vida. A vossa pergunta natural aqui seria: "Se a vida continuava em todas as coisas, por que razão os mundos não ficaram sobrecarregados com uma abundância de todas as coisas a tal ponto que se tornasse impossível ter mais espaço para o que quer que fosse?".

Para responder a essa pergunta com alguma esperança de vos fazer compreender, devo primeiro dizer-vos, como fiz antes, que o mundo etérico não é de uma natureza particular; de qualquer modo, não do tipo de que pareceis sentir que sabeis na vossa Terra hoje em dia. A matéria não é governada por movimento direcional, mas por movimento vibratório. No vosso mundo, qualquer tipo de movimento é considerado direcional, simplesmente porque a matéria confere a impressão de ter partes, e isto dá-vos a ideia de que a substância é uma coisa em si mesma, isto é, que tem uma existência real própria e à parte de vós. Mas permiti-me dizer aqui, e com o mais profundo sentido de sinceridade, que tal condição não existe realmente, nem no vosso plano, nem no meu plano, nem no plano etérico.

Se isso fosse verdadeiramente assim, então nada no vosso plano poderia mudar ou passar pela ilusão da morte. Quando um corpo humano desprovido da centelha da vida é enterrado na terra e passa por aquilo que vos parece o ato de decomposição, estais a observar a atividade de apenas uma extremidade do bastão sem fim. Na minha extremidade não vejo nenhum processo de apodrecimento, mas

meramente uma fusão de energia empurrada para o movimento pela força do desejo criacional.

A força do desejo criacional funciona mais ou menos nesta ordem: o desejo criacional do pensamento é "aquilo de que nada se pode dizer". É todas as coisas e coisa nenhuma. É a essência de toda a configuração e forma, e no entanto em si mesmo é tanto disforme como sem configuração. Torna-se particulado em caráter a pedido de "Si Próprio". Faz isto ao formar-se numa série infinita daquilo a que, para um termo mais preciso, chamarei impulsos elétricos. Estes impulsos são o primeiríssimo início da substância material de que tendes conhecimento no vosso plano de consciência. "Ele" é a energia que mantém a matéria unida. Cria um campo magnético, e tem a tremenda atração gravitacional de milhões de cavalos de potência. Esta é a razão para a força inacreditável que a ciência tem de usar para esmagar o átomo. Esta força do desejo pode entrar e entra em todos os estados de consciência para os quais as mentes individuais, ou a Mente, a direcionam, sendo a sua natureza e atividade diferentes no plano particular em que entra. No plano físico bruto, a força torna-se uma energia, atuando a energia sobre outras energias já trazidas à existência por mentes que vieram antes. Estes diferentes estados de energia-da-mente criam o que chamais diferentes químicos, e uma combinação destes químicos-da-mente faz aquilo que vedes ser a substância material.

Ora, os mecanismos de trazer conscientemente um objeto físico-químico à existência a partir do mundo interior ou abstrato do pensamento são extremamente difíceis, e cheios de muitos perigos. A amnésia temporária é o menor destes perigos, a perda completa da própria personalidade é o pior. É absolutamente necessário para um indivíduo que procura tornar-se um "criador consciente" da forma, purificar primeiro tanto a mente como o corpo, e como regra geral para alcançar o último são necessários muitos anos de autodisciplina da natureza mais rigorosa. Por isso, o que tenho para dizer aqui não pode trazer maior dano ao experimentador ignorante do que o sono normal, ou no pior dos casos, formas suaves de desassociação de curta duração; e isto será suficiente para desencorajar os seus esforços tolos.

Muito tem sido dito contra a conveniência de divulgar as chamadas verdades místicas da vida ao povo em geral, mas esta atitude por parte dos alegados professores e do clero do ocultismo deve-se em grande parte ao seu desejo de reter o poder pessoal sobre as massas ignorantes, e é contra esse dogmatismo que nós, do Círculo Interior, viemos lutar e destruir. A cada indivíduo que entra no mundo físico deveria pelo menos ser dada a oportunidade de saber que é potencialmente Deus.

A grande maioria daqueles que entram no plano físico, embora possam ter estado aqui muitas vezes antes, são adormecidos. Continuam a laborar sob o transe hipnótico do desejo físico que os trouxe de volta aqui, e é por isso de importância equivalente que sejam despertados; e se aqueles que estão numa posição de fazer isto falharem, então quem o conseguirá? E que melhor maneira há para despertar estes adormecidos do que despertando a sua curiosidade e segurando-a até terdes a sua total atenção? Mas a sua vontade de se manterem acordados será perdida se o professor não mantiver o brilhante objeto da promessa a baloiçar diante dos seus olhos.

Como é que o processo de despertar é mais bem alcançado? Primeiro, ao despir o brilho resplandecente do materialismo das suas qualidades fascinantes. Chamar ao materialismo «ilusão» ou «maya» sem ser capaz de demonstrar aquilo a que se chamam realidades espirituais não passa de um desperdício de palavras e não significa nada. Dizer a um homem faminto que há pão para comer é cruel e sem sentido, a menos que tenhais pão para lhe dar.

Um professor da vida não procura alunos; são os alunos que o procuram a ele. Quando isto acontece, o professor sabe que o aluno está pelo menos pronto para escutar. Depois, ele colocará certas perguntas ao aluno para averiguar a sua memória e os seus poderes construtivos. Se eles provarem não ser bons, ele começará por lhe dar lições que em breve desenvolverão estes poderes até um grau tão marcado que ele, nalguns casos, será capaz de recordar, não apenas coisas que lhe aconteceram há anos, mas até algumas das atividades da sua vida anterior. Depois, o passo seguinte será incutir-lhe que a verdade é uma coisa individual e chega ao indivíduo apenas na razão do grau de vigília desse alguém. É por esta razão que ele nunca deve

criticar ou menosprezar as opiniões de outrem, mas por outro lado não deve aceitar nada pertencente à vida por mero boato, mas deve procurar através da experimentação descobrir a verdade. Apenas desta maneira podemos realmente saber.

Este ensinamento é depois seguido por um curso de alimentação correta, de modo a libertar o corpo de irritações químicas. O aluno aprende depois o controlo geral do corpo. Alguns destes exercícios incluem a tomada de uma variedade de posturas e a sua manutenção por horas a fio sem o movimento de um músculo. O aluno deve desenvolver este controlo até um ponto tal que não sofra nenhuma tensão ou desconforto de qualquer dos lados, corpo ou mente. Isto introduz o ensinamento da respiração, e como usar os pulmões até à sua capacidade total e normal, e como respirar conscientemente de certas maneiras que estimularão para a ação muitas células cerebrais que não seriam de outra forma despertadas; e também como direcionar o prana ou respiração para certas partes do corpo que estão fora de harmonia com o resto do corpo, curando-se assim de qualquer maleita que o possa assolar. E também ele deve aprender como estender este poder para curar os outros.

Alguns dos vossos psiquiatras e psicólogos mais avançados, e alguns dos vossos homens da medicina, estão ultimamente a começar a acordar para aquilo que há muito é conhecido por alguns dos reais professores e estudantes da sabedoria interior; nomeadamente, que o corpo não apenas dos humanos mas de todas as coisas está constantemente a enviar ou a irradiar energia, cada um a sua própria espécie. Todas as coisas vivas são como dínamos a gerar e a emitir energia. Ora, o ser humano possui aquilo a que podemos chamar um mecanismo de controlo, através do qual consegue conscientemente libertar ou reter o fluxo de energia à vontade; mas infelizmente a maioria da humanidade, não sabendo nada sobre o poder da mente, está constantemente a sofrer de "fugas" de energia. Este desperdício subconsciente contínuo de forças vitais conduz mais cedo ou mais tarde àquilo que nem sempre é muito bem compreendido mas retamente chamado «esgotamento nervoso». Pensa-se geralmente que um esgotamento nervoso se deve em grande parte àquilo a que se chama «escapismo» por parte do sofredor; que tal alguém, tendo de

enfrentar demasiadas situações conflituosas sem nenhuma solução adequada para qualquer uma delas, foge finalmente de todas elas ao transformar-se num inválido.

Isso é verdade em parte, mas apenas em parte. Para obter uma imagem mais clara desta maleita particular, devemos chegar ao conhecimento de que para cada movimento que o corpo faz, e para cada pensamento que passa pelos canais do cérebro, energia real sob a forma de calor é fabricada e rejeitada pelo sistema nervoso. Isto cria um campo magnético em redor do corpo. Depois, há um campo químico criado pela quebra e construção constantes dos químicos de que o corpo é feito. Estou seguro de que é sabido que os esgotamentos nervosos são provocados pelas atitudes mentais e emocionais que temos perante as nossas experiências.

Algumas dessas atitudes são chamadas sentimentos de tédio e futilidade, e por sua vez somos levados a uma cadeia de maus hábitos; tais como comer em excesso, respiração inadequada e incapacidade de relaxar totalmente. Ora, somai tudo isto e tendes um corpo cheio de tensão. Estas linhas de tensão puxam os músculos e os tendões para um nó que aperta vasos sanguíneos e nervos. Algo tem de ceder! A atividade mais ou menos violenta chamada «histeria» é o pico final alcançado antes de o colapso súbito do sistema nervoso ter lugar.

O meu ponto ao dizer tudo isto é fazer-vos compreender que a energia que o corpo fabrica e irradia é real e tangível e sujeita a medição, e pode ser usada por indivíduos que têm autodomínio para trazer conscientemente a forma tridimensional à existência.

A física convencional levou o homem a acreditar que a forma tridimensional é real e substancial. Mas o vosso físico mais instruído dir-vos-á que um objeto físico-químico é rarefeito ao ponto de ser noventa por cento espaço, ou aquilo que é conhecido como o nada, e aquilo que é chamado «espaço» ou o éter é extremamente mais denso do que qualquer substância conhecida. A razão para isto parece residir no facto de que não há dois átomos dos quais a forma é feita que se toquem e que, relativamente falando, as suas distâncias uns dos outros podem ser comparadas com aquelas que separam os vossos corpos celestes.

E aquilo que os mantém unidos ou os impele para mais longe é chamado o campo de atração e repulsão, ou polos positivo e negativo. Ora, podeis pegar numa barra de ferro que pode parecer real e muito sólida aos vossos olhos e sentido do tato, mas que é tão porosa como um pedaço de esponja, e se aquecerdes esta barra, verificareis que ela ao início começará a dobrar e depois a correr como água. Porquê? Simplesmente porque o calor acelera a taxa vibratória das suas moléculas, criando assim um campo negativo maior do que o que existia nela enquanto fria. Isto impele as moléculas para mais longe. Ora, embora tenhais alterado a forma chamada uma barra de ferro, não alterastes de maneira nenhuma a substância chamada «ferro» pelo facto de se ter tornado líquida. Podeis alterá-la toda em vapor mas ela continuará a ser vapor de "ferro".

Ora, tudo isto último é bem sabido até pelo rapaz da escola; desejo apenas tornar claro que um corpo humano contém todos os elementos conhecidos; e a mente em meditação profunda sabe como, com a ajuda da respiração e das forças da kundalini, segregar os químicos necessários do corpo, e projetá-los no molde da forma-pensamento, criando assim um objeto tridimensional.

Para aqueles que consideram tal feito impossível não temos nada a dizer, e para aqueles que sentem que pode haver uma possibilidade de verdade nele, mas que são propensos a considerar tais feitos como "milagres", pedimos que apenas vos lembreis disto: não há tal coisa como um milagre e aquilo que parece ser assim deve-se a uma verdadeira falta de interesse naquilo que estais a observar, e portanto a uma compreensão defeituosa.

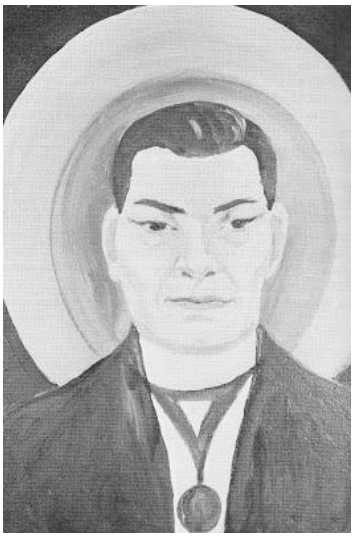
Pois quando alguém procura arduamente, a verdade de todas as formas de movimento lhe é dada, e então vê de forma bastante clara que tudo o que ocorre em qualquer estado de consciência se conforma com certas leis. Quando trabalhamos por estes caminhos, todos os mistérios e milagres se desvanecem para o seu estado natural não existente.

Não é dito do mestre Cristo que, ao realizar o que pareciam milagres perante o povo, disse: "Estas coisas que me vedes fazer, vós também as fareis, e coisas maiores fareis."? E quais foram algumas

destas coisas que Cristo fez? Ele curou os doentes, restituiu a visão aos cais, ressuscitou os mortos, controlou os elementos, caminhou sobre a água, pegou em quantidades comparativamente pequenas de matéria e multiplicou-as em grandes quantidades, e demonstrou muito adequadamente a continuidade da vida ou da consciência. Ora, queridos amigos, pensai simplesmente nestas coisas! E no entanto os vossos chamados professores da religião cristã, juntamente com os vossos alegados homens da ciência material, rir-se-iam de vós até vos fazer desaparecer da existência se dissésseis que podíeis fazer qualquer uma destas coisas!

Mas se eles constatassem que podíeis provar as vossas alegações, o clero gritaria ao mundo que estáveis aliados aos poderes das trevas, e não quereria ter mais nada a ver convosco, à parte de vos perseguir em cada oportunidade. E os vossos homens da ciência caçar-vos-iam até ao vosso túmulo com a sua busca interminável por mais e mais provas, pois o seu real desejo não é que proveis que conseguis, mas que não conseguis.

Sabendo ser este o caminho do homem em geral, que está perdido nas selvas escuras do seu próprio ego pessoal, aconselhamos todos os verdadeiros buscadores da vida a guardarem segredo. Os vossos esforços deveriam ser sempre no desenvolvimento e expansão do vosso próprio estado de consciência; e para fazer isto retamente deveis manter aquilo que aprendeis estritamente para vós próprios, dando da vossa aprendizagem apenas quando esta for pedida arduamente. E depois deveis falar com um sentimento de humildade e bondade para com os vossos ouvintes, pois se vos mostrardes ou vos sentirdes de todo irritados ou de alguma forma superiores àqueles que vos procuram, apenas demonstrareis o facto de que na realidade não sabeis nada daquilo que estais a dizer. As verdades da vida não necessitam de defensores. É sabiamente dito: “Aquele que procura defender as suas crenças não está ele próprio seguro nelas.”.



**DOUTOR SUKUTO NIKKIOI**

O Sukoto Nikkioi é um membro das inteligências do Círculo Interior e uma das personalidades com quem o Mark Probert afirmava canalizar. O Nikkioi é descrito como um médico japonês, filho de um antiquário, que passou os seus vinte anos na Índia; incluindo um estágio num hospital britânico em Calcutá, após o qual viajou extensivamente pelo mundo.

**A EVOLUÇÃO DA FORMA E O ETERNO DEVIR DA MENTE** por Dr. Sukuto Nikkioi

O cientista materialista, através da sua maneira particular de pensar; para a qual, logicamente, tem todo o direito; sente-se bastante seguro de que aquilo que é chamado «vida» é uma forma de atividade que se origina a partir da matéria. Em termos diferentes, mas não mais compreensíveis, de que a combinação de certos químicos ainda desconhecidos de uma maneira particular produzirá a vida.

Há não apenas um ponto sério de objeção a tal teoria, mas muitos. Contudo, tomemos o mais óbvio, aquele que coloca, possivelmente, o problema mais irritante de todos, a saber: “De onde brotou a matéria? A partir de quê?”.

É tolo dizer que algum tipo de poeira primordial existente no espaço começou a combinar-se, quer por uma lei conhecida, quer por uma desconhecida. Além disso, quando os vossos cientistas físicos falam de matéria de todo, estão em grande parte a considerar a matéria tridimensional e as suas infinitas formas de atividade, mas existem,

em verdade, infinitas dimensões nas quais a matéria existe. Usando o símbolo inglês, ao derradeiro destas chamaremos Mente. Ora, se o Homem nada sabe sobre nenhuma das dimensões intermédias, exceto por possíveis deduções matemáticas, não pode ter conceção alguma da dimensão chamada «Mente».

O que estou agora prestes a dizer pode parecer contradizer o que disse acima, mas se vos derdes ao trabalho de o ler cuidadosamente, vereis que meramente reescrevi o fraseamento.

Nem aquilo a que nomeei o derradeiro, chamado «Mente», nem nenhuma das alegadas dimensões existentes de permeio, devem ser imaginadas como pontos localizados reais no espaço, mas verdadeiramente todas e cada uma são formas de atividade.

Ora, quando consideramos os debates constantes, mas não menos fúteis, que têm grassado a favor e contra sobre este assunto particular pelas maiores mentalidades que a Terra conheceu; frequentemente ao ponto do derramamento de sangue; sem uma gota de prova compreensível existente de qualquer dos lados, percebemos que as únicas pessoas satisfeitas com as respostas foram aquelas que as proferiram. Mesmo estas, a menos que fossem de todo idiotas intolerantes, ao encontrarem-se sozinhas e sem ninguém a quem exibir o seu brilhantismo, chegaram à perceção de que todas as afirmações que tinham feito sobre o assunto eram meramente as suas opiniões pessoais, e que a maioria destas estava guarnecida pelos medos e incertezas que existem em graus variados em todos nós.

Deveríamos dizer-vos: “Ide e estudai as obras do Platão, do Pitágoras, do Aristóteles, do Kant. Ou do Zoroastro, do Jesus o Cristo, e do Gautama Siddhartha, fundador do Budismo?”. Naturalmente podeis fazê-lo, se vos agradar, e não vos invejaremos a vossa tarefa. Pois, embora não tenhamos qualquer desejo de desencorajar ninguém na sua busca de conhecimento, sentimos que vos devemos dizer que estes que nomeámos não passarão de uma enésima parte do que tereis lido assim que começardes na direção da busca da verdade. Há literalmente centenas de toneladas de volumes, escritos sobre as chamadas verdades e inverdades da vida. Pois o Homem é o Criador;

e d'Ele todas as coisas se vertem num fluxo sem fim, e a Ele todas as coisas devem retornar.

A última afirmação foi afirmada ao longo dos tempos por grandes pensadores, mas foi também negada por outros que eram, indubitavelmente, igualmente grandes na capacidade de pensamento, e pelo mesmo número de eras. Ponderando sobre este estado de coisas aparentemente impossível, assumimos que, ao aconselhar-vos sobre o que fazer, o procedimento lógico seria deixar-vos decidir a vossa própria mente individual, escolher um ou outro destes caminhos, e aconselhar-vos a manter-vos nele apenas enquanto vos trouxer felicidade e paz de espírito fazê-lo; pois isso é verdadeiramente tudo o que importa.

Há uma garantia segura dada a nós na vida, e é simplesmente esta: algures no esquema maior da existência, todos e cada um de nós receberemos aquilo que nos pertence, e em cada caso provará ser aquilo que temos estado a procurar arduamente. Não há necessidade de pressa ou ansiedade quanto à realização. O vosso destino aguarda-vos. Na verdade, estais a tecer o seu padrão e desenho em cada pensamento que pensais e em cada movimento que fazeis. Tais são os mecanismos do eterno devir da Mente.

Muito se tem escrito sobre a evolução do Homem, mas factualmente o Homem não alcançou o seu estado atual pelas leis daquilo a que os vossos cientistas neste assunto chamaram «evolução». É verdade, contudo, que a forma do Homem o fez. A forma, ou configuração, está constantemente a passar pelo processo infinito de mudança. A mudança é a única característica verdadeira da matéria; todas as outras pertencentes a, ou que parecem existir nela, não passam de atributos do observador, colocados ali pelas suas perceções sensoriais.

As falsas perceções adquiridas pelo Homem nos seus esforços para chegar a alguma relação compreensível entre si próprio e o mundo da matéria em que existe foram provocadas por nada mais sério do que uma observação defeituosa. Ora, se este é verdadeiramente o cerne da situação, haverá alguns que insistirão em considerá-la inteiramente desesperada, sustentando que o Homem tem

estado ligado à Terra de uma maneira ou de outra há demasiado tempo para lhe permitir retificar a condição a esta data tardia. Isto, contudo, não é verdade, pois como qualquer indivíduo científico digno de ser chamado «cientista»; um termo que significa “buscador da verdade”; vos dirá, toda a história do Homem e do seu mundo está indelevelmente marcada na Terra, e nenhuma quantidade de passagem do tempo a apagará jamais ao ponto do esquecimento.

Contudo, o Homem possui, entre as suas muitas outras características, uma força muito dinâmica chamada «propósito». Ele deve ter isto em tudo o que faz. Estou bem ciente dos escárnios que podem surgir perante esta afirmação por parte daqueles que se consideram intelectuais da marca moderna, mas se havemos de ganhar sabedoria, devemos evitar diligentemente o pessimismo, pois este não tem lugar na busca da verdade.

Por trás de cada ato cometido pelo Homem, então, reside a força dinâmica do propósito. Naturalmente, o propósito de qualquer ato dado de um indivíduo nem sempre é aparente para outro; e mais, não é de maneira nenhuma necessário que o seja. Na verdade, as razões reais por trás dos seus atos são raramente conhecidas conscientemente pelo próprio indivíduo. Não obstante, a consciência-do-Eu conhece em cada detalhe não só o propósito, mas quais serão os resultados líquidos nas reações.

Se assumirmos que isto é verdade, então pareceria que a consciência-do-Eu não está Ela Própria a procurar o conhecimento através do corpo para o Seu próprio avanço, mas sim por amor do Seu eu físico. Pois, ao educar assim o eu físico, chegará um momento em que este eu físico compreenderá de tal modo o seu ambiente físico e a sua causação que saberá e fará automaticamente as coisas que estão em harmonia com Ele, e dessa maneira se aliviará de uma grande quantidade de tensões que são altamente irritantes para o Eu-do-Mental.

Ao estado natural do Eu-do-Mental podemos, por falta de um termo melhor, chamar o estado de bem-aventurança, mas Ele não consegue permanecer nesse estado de plenitude enquanto o eu físico, na sua cega ignorância, O continuar a moer para Se tornar

conscientemente ciente do mundo tridimensional através de pensamentos e ações destrutivas.

Ora, façamos o que pode parecer um desvio súbito do tema da mente e do corpo, e entremos naquilo que se acredita ser o mundo "exterior", o mundo do tempo, do espaço e da matéria. Estou seguro de que, à medida que prosseguirmos este caminho de aprendizagem, veremos a grande ilusão de tudo isto, que é constituído por tal matéria de que são feitos os sonhos.

Diz-se que existem dois tipos de matéria, a saber: orgânica e inorgânica. A inorgânica é em grande parte considerada como inanimada; a orgânica como animada. E, no entanto, a matéria orgânica está constantemente a passar pelo processo de se tornar inorgânica e vice-versa. Assim raciocinamos, se há este tipo de intercâmbio a ocorrer entre a matéria orgânica e a inorgânica, elas não são na realidade duas coisas diferentes, mas são uma e a mesma. “Orgânica” significa meramente aquilo que possui órgãos ou canais através dos quais realiza as suas funções particulares.

O homem físico é constituído pelas mesmas unidades estruturais de que é feita toda a forma viva, e essa substância é chamada protoplasma com um núcleo. Algumas destas massas protoplasmáticas são extremamente complicadas, e algumas simplificadas até uma escala tão baixa que se apresentam sem um núcleo. Mas baixas ou altas, complicadas ou simples, são todas igualmente importantes para aquilo a que se chama vida no plano físico.

Todas as coisas vivas estão num processo chamado «crescimento». Quanto à nossa classificação delas por nome; tais como “planta” ou “animal”, “peixe” ou “ave”; é meramente por uma questão de conveniência, isso é tudo. Existem numerosas plantas que possuem muitas das características daquilo a que chamamos animais, plantas e assim por diante, subindo e descendo a escala da vida. Julgo que mal é necessário acrescentar que existem muitos “humanos” que possuem quase todos os atributos das feras mais baixas e mais selvagens ou das coisas rastejantes das selvas do mundo. Portanto, não nos deixemos enganar pela forma humana ao acreditar que estamos

necessariamente a ver um ser humano. A verdadeira natureza de uma coisa sempre se encontrará nas suas ações, não na sua forma.

Na evolução do homem físico, muita importância é ligada à teoria de que a forma do homem foi outrora rude e animalesca, e que a forma do homem hoje em dia é muito mais refinada e, portanto, mais desejável. Desejável sim, mas apenas do ponto de vista da vaidade. Quanto à utilidade, não se consegue imaginar um homem de hoje acordar subitamente e encontrar-se com o seu corpo liso, macio e sem pelos, no tipo de ambiente em que viveu o Homem de Neanderthal, ou qualquer uma das raças de homens ainda mais antigas. Não há realmente comparação a fazer, no que respeita ao valor das coisas, entre uma geração e outra; pois, se apenas pararmos e pensarmos por um momento, ser-nos-á bastante óbvio que todas as coisas brotam na manifestação física conforme são necessárias, seguindo a lei do ambiente, e a necessidade criada nesse ambiente.

Estamos, logicamente, errados se supormos que todo o chamado homem pré-histórico tinha uma aparência simiesca; tal como testas baixas e inclinadas, narizes chatos e corpos peludos. Não existe realmente uma história completa do Homem, como qualquer estudante honesto de antropologia atestará, pelo que é suficientemente claro que não existe apenas um, mas muitos elos perdidos na cadeia histórica do Homem.

Esta Terra tem sido fustigada e rasgada pelos sismos e tempestades mais violentos, e muitas grandes civilizações jazem ocultas sob milhares de toneladas de terra e água. Algumas destas civilizações serão encontradas no decorrer do tempo; e será, suponho, uma coisa bastante chocante descobri-las como tendo não centenas, não milhares, mas milhões de anos de idade. No entanto, verificaremos que cada civilização não passa de um produto do seu tempo. Toda a vida funciona num ritmo perfeitamente harmonioso e, nesse ritmo, as coisas são tornadas manifestas, ou são levadas a fazer aquilo a que se chama surgir.

Mas esse surgir e desaparecer ocorre com o mesmo tipo de perfeição rítmica em todos os planos de consciência, recebendo cada um de acordo com a sua natureza. Este ritmo que está em toda a parte

presente aparece como uma nota e, depois, uma pausa. Na fraseologia oculta, é por vezes referido como o Sopro de Brahma, e o vosso místico cristão pensa nele como o sopro de Deus, o que é aproximadamente a mesma coisa. Os fisiologistas veem-no como o ato de vida e morte. Mas, seja qual for a terminologia, quando passarmos a compreender esta forma de ação, veremos quão muito bela ela é e que a vida de qualquer espécie seria impossível sem ela.

Ora, embora seja verdade que não poderia haver existência sem aquilo a que se chama «ritmo», devo acrescentar isto: que a existência não está pendurada por um fio, mas sim por fios infinitos; e decepar qualquer um destes pode significar uma rutura de todos eles, trazendo assim um "fim à vida". Experimentemos, por exemplo, remover estes três elementos: o ácido carbónico, a água e o amoníaco. Essas três composições químicas são os esteios de toda a vida vegetal. As plantas extraem-nos da terra e, com a ajuda de certos raios muito curtos do sol, transformam-nos em matéria viva. Assim, a remoção deles significaria novamente a cessação de toda a vida física.

Falar de uma coisa como tendo vida não implica necessariamente que ela seja consciente de si. Uma roseira, por exemplo, não tem consciência de si própria como uma rosa, nem uma formiga se conhece a si própria como uma formiga, nem um cão como um cão; mas todas as coisas vivas possuem uma consciência da ação realizada e da necessidade de realizar tal ação, cada coisa de acordo com a sua própria natureza.

Ora, meu querido buscador da Luz ou minha querida buscadora da Luz, o que vou dizer a seguir no que respeita à consciência e ao homem deveis ler lentamente várias vezes, e depois pensar sobre isso; de outra forma, podereis não agarrar totalmente o significado da ideia que estou a tentar transmitir.

Comecemos por afirmar que o assunto da consciência é amplo. Tão amplo é de facto, que quase tudo o que qualquer pessoa possa ter a dizer sobre ele pode ser verdadeiro, pelo menos em parte. Indubitavelmente esta afirmação é também verdadeira até um certo grau para todos os assuntos. A razão para isto parece simplesmente ser que a verdade em forma absoluta não tem lugar de permanência no

reino daquilo a que se chama «existência». O leitor fará o favor de tomar nota aqui de que não disse “na existência do Homem”; a palavra “do Homem” teria classificado imediatamente o homem como algo separado e à parte de muitos outros estados ou formas de existência; ou pelo menos implicaria um outro estado de existência como algo distintamente separado do Homem.

Embora não seja o meu desejo ser enfadonho com um assunto, considero frequentemente necessário voltar a uma ideia particular nesse assunto para recolher algumas pontas soltas, de modo a tornar o assunto como um todo mais claro e compreensível para o leitor. Assim, agora volto à ideia de que a vida está também imbuída do estado de autoconsciência. Lembrar-vos-eis de que mencionei o pensamento de que uma roseira não está ciente de que é uma roseira, nem uma formiga se conhece como uma formiga, nem um cão como um cão; mas que, em vez disso, todas estas formas de vida estão cientes apenas da ação e da necessidade de tal ação.

Paremos aqui e demoremo-nos sobre o parágrafo anterior, e depois perguntemos a nós próprios se o homem está realmente numa posição melhor para se conhecer a si próprio do que está qualquer outra coisa. Primeiro, tomemos a referida roseira, ou qualquer outra planta que possais escolher, e um ser humano. A primeira coisa que observamos sobre estas duas formas de vida aparentemente diferentes é que são ambas compostas por aquilo a que se chama «matéria», e por um exame mais atento torna-se-nos claro que a matéria de que ambas as estruturas são construídas é protoplasmática ou celular e que, por conseguinte, ambas não passam de crescimentos.

Talvez a coisa seguinte de que tomemos nota seja que o homem e a roseira da mesma forma devem respirar oxigénio para viver; ambos necessitam daquilo a que se chama «alimento» para os sustentar; ambos rejeitam matéria residual; ambos mantêm uma luta geral para sobreviver o máximo de tempo que conseguem, mas eventualmente ambas as formas retornam à terra que lhes deu o nascimento.

Embora estejamos de acordo que tanto o homem como a roseira atuam de uma maneira semelhante, e são semelhantes na construção, estamos cientes de que cada um realiza as mesmas funções de uma

maneira vastamente diferente. Alguns de nós podem estar inclinados a pensar que a roseira não se move, mas, segundo a sua própria natureza, ela não faz menos movimentos do que os faz um ser humano. Ela também possui um sistema nervoso através do qual reflete os seus gostos e aversões. Há muitas mais comparações a fazer entre o homem e a vida vegetal, e todas as outras coisas com aquilo a que se chama a força da vida nelas, mas as mencionadas serão suficientes para o propósito. E o propósito é apontar a possibilidade de que o ser humano individual não possui maior estado de autoconsciência do que possui qualquer outra coisa; que ele também está ciente apenas de certas formas de ação pelas quais deve passar, e isso é tudo.

Na maioria das vezes, ao escrever ou falar da vida de uma forma oculta, deparamo-nos com dificuldades semânticas. O professor descobre subitamente que, de forma bastante involuntária, sufocou tanto o seu aluno como a si próprio num labirinto de palavras. Quando isto acontece, se o professor não for realmente sincero, é provável que lance a culpa sobre o aluno ao dizer meramente: “Ainda não estais suficientemente avançado para compreender.”. Mas o professor sincero é o professor paciente. Ele sabe que o erro foi seu e calmamente dispõe-se a retificar a situação. Contudo, se nos permitirmos tornar demasiado técnicos no que respeita ao significado preciso de uma palavra, nunca aprenderemos nada, nem sequer o significado preciso de algo que não seja aquilo que encontrais nele. Para ser um pouco humorístico sobre isso, eu diria: “Explicar uma explicação não torna a explicação em nada melhor do que a explicação que foi explicada.”.

Nos nossos estudos da vida deveríamos sempre esforçar-nos por encontrar e tomar o acesso mais simples a todas as coisas. As complexidades que tão frequentemente nos confrontam nos nossos problemas, por norma, elevam-se a partir do nosso desejo egotista de ignorar o simples e o pequeno como sendo inferiores à nossa atenção. Não existe tal coisa como um problema homogéneo; todos os problemas e todas as coisas são constituídos por partes pequenas. Este livro, como sabeis, é constituído por capítulos pequenos.

Nenhum de nós escreveu mais sobre um assunto dado do que aquilo que julgávamos ser necessário para incitar o leitor individual a pensar ao longo dessa linha, deixando-o depois tirar as suas próprias conclusões, não apenas sobre o que foi dito, mas por aquilo que ele possa sentir que ficou por dizer. Como resultado, onde quer que um capítulo possa parecer incompleto, o próprio leitor o estenderá ou completará pelo simples processo de acrescentar mentalmente o que ele teria dito, ou deixado por dizer. A compreensão completa de uma coisa traz o desejo de dormir na presença dela.

Após o curto interlúdio acima em relação ao nosso tema principal, devemos mais uma vez retornar a ele, se não por maior razão do que para trabalhar em direção à conclusão deste capítulo.

Como um rapaz de quinze anos, fui com o meu pai numa viagem à Índia. O meu pai era um negociante de antiguidades orientais raras e, embora a viagem fosse uma viagem de negócios para ele, levou-me consigo para, como orgulhosamente afirmava, me deixar ver por mim próprio como a Índia se tinha permitido tornar baixa e degradada para o seu povo. Ele era cem por cento japonês, e passava muito tempo a incutir-me a superioridade da cultura japonesa sobre a de todos os outros povos no mundo.

Devo confessar que tudo o que o meu pai tinha dito no passado sobre outras raças e a sua baixeza de cultura em comparação com a nossa própria, desvaneceu em significado perante aquilo que se deparou aos meus olhos jovens e inocentes, enquanto percorríamos as ruas sufocantes de certas secções de Bombaim. Lembro-me de que fiquei chocado e sem fala perante a total sujidade e pobreza que nos confrontavam de todos os lados. Cães sarnentos, gatos magros e de mau temperamento, cavalos, galinhas, bois e macacos infestados de vermes... Todos deambulavam pelas ruas juntamente com a população humana.

O meu pai disse-me, com o que pode ter sido sarcasmo, que a ninguém era permitido matar nada, exceto talvez um deles próprios; o que faziam em combates de rua ocasionais. Se um animal caía morto nas ruas, tinha poucas hipóteses de respirar o seu último fôlego antes de dezenas de abutres estarem a lutar furiosamente pelos restos. E no

meio de todo este odor a pobreza desesperada e de todo este ruído, estariam sentados faquires gordos ou emaciados e por lavar, ou chamados «homens santos», os seus cabelos se os tinham emplastrados com esterco de vaca, e os seus rostos sem expressão borrados de cinzas. — "O que estão estes homens a fazer?", perguntei ao meu pai, acenando com a cabeça em direção a dois homens santos muito gordos que estavam sentados como estátuas esculpidas, a olhar fixamente para os seus umbigos. — "A contemplar os seus umbigos", respondeu o meu pai. — "Porquê o umbigo?", perguntei com um fascínio crescente. — "Eles acreditam que isso os auxilia a perder a sua própria consciência individual e a tornarem-se um com o que é chamado a consciência universal, ou Deus."

Anos mais tarde, e depois de ter concluído os meus estudos médicos na Universidade de Tóquio, voltei à Índia, a Calcutá, para cumprir o meu estágio num hospital inglês. Poderia ter cumprido o meu período de estágio em qualquer um dos hospitais de Tóquio, mas a minha experiência juvenil na Índia tinha-me impressionado tão profundamente que, nos catorze anos seguintes que me levou a crescer e a obter os meus diplomas médicos, fui, figurativamente falando, assombrado pela Índia e pelas coisas que ali tinha visto.

Naturalmente pode parecer estranho para muitos que, enquanto as condições da Índia seguravam a minha atenção de uma maneira muito perturbadora, eu parecesse cego para as más condições no meu próprio país, das quais havia muitas. Mas não é este sempre o caso? Quando não conhecemos as verdades da vida, estamos cegos para as nossas próprias faltas ou para as faltas dos nossos entes queridos, bem como para as do nosso país. É sempre outra pessoa que está errada, e no nosso cego egotismo tentamos erguer-nos como salvadores do mundo.

Passei dez anos na Índia. Estudei este país antigo a partir de muitos lados; os seus problemas materiais e espirituais, bem como a sua disposição topográfica, e também as suas condições climáticas. Ora, quais foram as minhas conclusões sobre a Índia ao fim dos meus dez anos? Exatamente as mesmas conclusões a que cheguei relativamente aos muitos outros países que visitei por todo o mundo nos anos seguintes, e aqui as resumo:

1. O desejo de se manter fiel à tradição como uma forma de vida. Esta crença está incrustada tão profundamente em todas as raças da Terra que é impossível desenraizá-la em qualquer grau notório, independentemente do facto de ser o próprio eixo sobre o qual giram com precisão monótona a maioria dos males de cada raça. A tradição significa a imutabilidade das coisas. Não se diz que uma poça sem movimento em breve estagna? Assim, a tradição trouxe a estagnação entre os povos da Terra.

2. As crenças religiosas, que logicamente giram com muita energia nos eixos enferrujados da tradição. Todas as crenças relativas à alma do homem geram uma barreira completamente intransponível no que toca ao homem *en masse*. Chama-se-lhe «classe». Essa crença é provavelmente uma das mais brutais que o homem desejou para si próprio, na medida em que é tão de longo alcance nos seus resultados. Poderia não ser um mal tão sujo se não fosse o facto de que não esmaga meramente as aspirações físicas de todos os que toca, mas penetra profundamente na mente e na psique, fazendo zombies vivos das suas vítimas. Em suma, destrói as funções normais da mente chamadas «eterno devir» pela rutura dos padrões de pensamento do indivíduo, pois nega-lhe o direito de expandir o seu campo de pensamento fora do reino da casta de que foi herdeiro por nascimento.

3. A escravização da fêmea, tanto do corpo como da alma, pelo macho. Encontrei esta condição horrível a existir num grau ou noutro em quase todas as raças sobre a Terra. De que paul de arrogante e voluntária cegueira perante o propósito da vida terá isto vindo? A resposta é bastante simples se nos dermos ao trabalho de a examinar de uma forma desapegada. Não passa de um subproduto da fermentação do medo e do sentido de insegurança no macho, datando a sua origem no tempo de pouco depois da separação dos sexos.

A vossa Bíblia cristã fala desta separação quando diz «E Deus tomou uma costela de Adão e fez Eva.». Praticamente todos os livros sagrados falam de o homem ser andrógino, ou de ter ambos os órgãos,

masculino e feminino, num só corpo e, tal como a Bíblia cristã, eles também falam desta separação. Naturalmente, esta separação não ocorreu de um dia para o outro. Ocorreu, como tudo o resto, por graus, pela lei que hoje conheceis como modificação, ao longo de um período de muitos milhares de anos.

Contudo, por muito lenta que a mudança possa ter sido, não deixou de ser uma das mais drásticas de todas as alterações sofridas pelo homem. Criou um sentimento muito amargo de rebelião dentro dele e, à medida que o tempo passava e ele aprendia que nada podia fazer para parar esta mudança, o seu sentimento de rebelião transformou-se num sentimento de agoniada frustração e desespero eivado de medo que se infiltrou lenta e constantemente no seu próprio coração e alma, onde formou um paul de luxúria e ódio pela mesmíssima coisa que amava tão profundamente.

Foi neste estado inteiramente louco que o Homem rejeitou ou perdeu toda a crença na sua própria Divindade, e virou-se para a adoração dos deuses elementais do fogo, do ar, da água e da terra. Os chefes de cada tribo, sendo versados no uso de leis mágicas, reuniam-se em grupos de doze a cento e sete machos que tinham sido retirados das suas mães ao fim do período de desmame e treinados na arte dos ritos mágicos.

Procurando o isolamento do resto da tribo, formavam um círculo, um quadrado ou um triângulo; de acordo com os resultados desejados e com qual dos deuses dos reinos elementais estavam a procurar consultar. Depois, todo o grupo, sob a direção do seu líder, começava a entoar certas palavras. A cada um dos membros era dada uma oitava particular para que a entoação dos mantras fosse feita em perfeita harmonia e uníssono.

No decurso de um curto espaço de tempo, uma massa enevoada e disforme aparecia no centro do grupo, mas, à medida que o cântico continuava e os tons se tornavam mais lamentosos e sedutores em qualidade, mais forma e força eram acrescentadas à substância enevoada, até que subitamente toda a massa incendiava num ser tridimensional, o qual, para o olho não treinado, seria horroroso de contemplar. Como norma, requeria todos os esforços concentrados de todo o grupo de iniciados para manter estes seres elementais sob o seu poder, e impedi-los de escapar dos confins do círculo.

Ora, nenhum destes seres dos mundos elementais pode fazer mal ao Homem, nem na verdade o desejam fazer; mas quando são conscientemente chamados para o estado de perceção do Homem e fluxos das energias criacionais da espécie humana são vertidos para eles, eles absorvem estas energias e incorporam-nas nos seus corpos e mentes, assumindo deste modo consideráveis qualidades de tipo humano. O seu Q.I. (quociente de inteligência), contudo, não seria mais elevado do que o do mais inteligente do grupo.

No início, a prática de invocar os mundos elementais era feita especificamente com o propósito de os consultar sobre as condições meteorológicas gerais, e para fazer um apelo para a proteção das colheitas e segurança da tribo contra tempestades e fogo.

Alguns de vós, meus amigos, podem estar fortemente inclinados a sentir-se bastante seguros, devido ao facto de terem sido condicionados na maneira ortodoxa de pensar, de que a história da comunicação do Homem com os elementais não passa de pura superstição de selvagens, e se é isto o que realmente sentis ser a verdade, então continuai por todos os meios nessa crença, pois isso na realidade não importa.

A possibilidade de que qualquer um de vós, neste mundo altamente científico de hoje, venha a realizar tais círculos é muito remota de facto. Contudo, aqueles de vós que se sentam nos chamados círculos espiritualistas, onde o médium produz aquilo a que chamais materializações dos vossos parentes e amigos que passaram para a vida astral, terão uma melhor compreensão respeitante à possibilidade de comunicação com os reinos elementais.

Extremamente poucos, se é que alguns, dos vossos médiuns espiritualistas sabem algo sobre mantras e os seus usos. Não obstante, o cantar de canções é uma forma de canto de mantras, ou de entoação de palavras feita com o propósito de chamar a atenção de seres desencarnados para o vosso mundo tridimensional, e de segurar o seu estado de perceção para que possais conversar com eles.

Uma grande quantidade de coisas foi dita por alguns dos outros membros do Círculo Interior nestes escritos no que respeita ao som e, por isso, não entrarei nesse aspeto particular dos poderes mágicos das palavras quando entoadas repetidamente em certas oitavas. Irei,

contudo, dizer isto: se um indivíduo conhecesse a nota harmónica apropriada e fosse capaz de a soar de uma maneira ou de outra, esse alguém estaria na posse da chave tanto para o mundo visível como para o invisível.

Seria capaz, de um momento para o outro, de chamar à existência todas as formas e configurações que alguma vez existiram, e de as destruir ou vencer, bem como de estabelecer contacto com todos e quaisquer estados de consciência que alguma vez conheceram a vida física e com aqueles que ainda o não fizeram.

Ora, sintonizemo-nos de novo com o que disse anteriormente, que em quase todos os casos em que os antigos formavam círculos para conjurar seres dos mundos elementais, estes seres não tinham maior mentalidade do que a do mais inteligente dos seres humanos no círculo. Isto também é verdade onde quer que e quando quer que deuses, demónios, elementais ou seres desencarnados comuns da espécie humana tenham sido conjurados sob tais circunstâncias ou semelhantes.

Há mais uma coisa que é bom lembrar, que nenhum dos acima mencionados seres astrais pode ser chamado para tais círculos sem que uma certa quantidade de energia mental e física seja retirada de todos os que se sentam nesse círculo; e eles, por sua vez, deixam uma certa quantidade das suas próprias vibrações convosco. Digo-vos isto não para vos assustar, mas com o pensamento em mente de que vereis a inconveniência de serdes promíscuos ao entrardes em círculos espiritualistas desconhecidos ou noutros grupos ocultos onde a magia esteja a ser praticada.

Aqui está também um pensamento que seria bom que todos os investigadores de fenómenos espirituais mantivessem em mente: quase todos os médiuns conseguem, com um pequeno esforço consciente, fazer com que qualquer ser desencarnado a trabalhar através dos seus canais mentais e físicos diga as coisas que o médium possa, por uma razão ou por outra, desejar que eles digam. Possivelmente a grande maioria das pessoas mediúnicas não sabe isto por si própria. Isso pode funcionar, e frequentemente funciona, sem nenhum conhecimento aparentemente consciente por parte do médium atuante. Se tentarmos compreender esta atividade da mente bastante desconcertante durante as demonstrações psíquicas, estaremos menos

inclinados a chegar a quaisquer conclusões súbitas respeitantes à honestidade do médium.

Com todos os esforços das ciências tanto antigas como modernas para dissecar a mente humana para ver o que a faz funcionar, estais apenas um pouco melhor hoje em dia do que estavam os antigos, no que toca a ter qualquer compreensão verdadeira da natureza da mente humana. Pois não há duas das vossas alegadas autoridades que concordem totalmente uma com a outra em qualquer ponto particular.

Por muito verdadeiro que isto possa ser, existem de facto certos tipos de fenómenos mentais que criam ações exteriores tais que levam o investigador científico a retirar conclusões fixas respeitantes aos mesmos, caso estas ações mostrem continuidade na sua natureza. E estou seguro de que tanto o cientista de mente séria como o metafísico viram ser-lhes demonstrado vezes suficientes que um médium consegue e frequentemente influencia a conversa e as ações do ser desencarnado a trabalhar através dele. Mas, quer seja feito consciente ou inconscientemente, isto não significa necessariamente que o médium seja uma fraude ou que o fenómeno como um todo não exista.

O meu propósito principal ao dizer-vos tudo isto é mostrar-vos como alguns dos médiuns antigos, bem como dos modernos, ou negociantes em magia oculta, têm no seu poder a capacidade de trazer a ignorância e a escravatura para as massas. E quer isto seja feito intencionalmente ou não, não diminui a injustiça do ato.

Algumas das antigas escolas de ocultismo dedicavam-se à magia negra, e conseguiam com pouco esforço fazer com que os seres que invocavam com ritos mágicos dissessem as coisas que desejavam que fossem ditas, aumentando assim a sua posição como governantes sobre o povo. Bastava questionar a autoridade do bruxo, do curandeiro ou do Deus existente, e o ofensor ficava sujeito a aprisionamento, tortura e morte. Cada civilização ao longo da história do homem na Terra esteve, num grau maior ou menor, sob a dominação do clero, e o seu governo nunca foi outra coisa senão cruel e tirânico.

Nos últimos vinte anos da minha vida na Terra, percebi subitamente que o meu conhecimento académico de medicina e anatomia, embora me auxiliasse a obter uma excelente subsistência,

estava ao mesmo tempo a agir como uma barreira para o meu objetivo mais desejado desde a infância, e que era estudar a vida do homem. Este anseio de me compreender a mim próprio em relação ao Universo estava maculado por nenhuma ambição maior do que a de adquirir prova satisfatória para a minha crença, como homem de ciência, de que la vida era meramente uma força reacionária da matéria e, portanto, era inteiramente desprovida de significado.

Uma das minhas primeiras descobertas como estudante de medicina foi que o mundo inteiro era um hospital gigantesco, e todos os homens não passavam de doentes à espera de serem curados da terrível doença chamada «vida», a maleita original e única real, sendo tudo o resto apenas ramos, ou afluentes, ou reações. Outras coisas vivas, bem como inanimadas, eu pensava nelas como sendo alucinações devidas à infeção progressiva desta doença, e conseguia ver de forma bastante clara que a única cura satisfatória e permanente era a morte.

Este pedaço de raciocínio de certo modo humorístico, embora não inteiramente desprovido dos seus méritos, foi gerado por uma mente de dezanove anos que ainda não tinha recuperado de presenciar a pobreza e depravação indizíveis nas ruas da Índia à idade impressionável de quinze anos. A idade, de alguma forma, talvez ao recordar, tende a desculpar as loucuras da juventude.

E assim, à idade de cinquenta anos, tendo concluído que o dopar de corpos destroçados com drogas e o remendá-los com agulha e linha não era o meu destino desejado, arrumei os brinquedos com que tinha brincado aos cirurgiões e deitei fora o suprimento aparentemente interminável de frascos contendo pílulas de açúcar e farinha, juntamente com uma bela coleção de outras poções de bruxas que impediam o hipocondríaco de morrer de uma das suas muitas doenças psicossomáticas e pareciam, surpreendentemente, restituir a saúde aos realmente doentes, pelo menos por um tempo.

Nos meus vinte anos como médico praticante, nunca soube por que razão certos indivíduos morriam subitamente quando o estudo mais próximo e mais científico dos seus cérebros e corpos falhava em revelar qualquer coisa que causasse a morte, enquanto outros que sofriam de doenças assustadoras, proclamadas pela ciência médica como incuráveis, ou com corpos dilacerados em acidentes violentos,

não só continuavam a viver como muito frequentemente recuperavam por completo, deixando poucos ou nenhuns sinais da provação por que tinham passado.

Ocorreu-me que, se a quantidade de conhecimento que tinha adquirido respeitante ao "homem-corpo" através de trinta anos de estudo concentrado era tão insignificante ali, poderia haver escassa hipótese de conseguir aprender sobre o homem-Alma ou homem-Mente no pequeno espaço de anos que ainda me restava, especialmente dado que não tinha tido nenhuma crença, até essa altura, de que tais coisas como uma alma existissem à parte das funções físicas de um organismo. Todos os estudos a partir de um ponto de vista estritamente científico mostravam inquestionavelmente que as formas vivas de todas as espécies se originavam a partir da combinação de certos químicos; tais como o oxigénio e o hidrogénio, o nitrogénio e o carbono, parecendo este último ser a base de toda a vida.

O porquê de estes elementos fazerem ou causarem que a vida autoativada surgisse é um mistério completo; e mais: como esta vida, uma vez iniciada, evoluiu para aquilo a que se chama «consciência de si» é um mistério tão grande quanto esse. Podemos dizer que tudo é Mente, mas surge a questão: a mente de quem? Se disserdes: “A minha mente”, surgirá a questão: o que é a minha mente?

Desde que exista tal condição, coisa ou ponto no espaço como “a minha mente”, esta não pode ser um absoluto e, se não for um absoluto, então deve ser constituída por partes e, se for constituída por partes, deve estar em alguma forma de movimento e, se está em movimento, deve ter um corpo para se mover nele. Se isto é assim, qual é a natureza de tal corpo?

Digamos então que isto a que se chama a minha mente é um campo de ação que é provocado por aquilo a que se chama os sentidos físicos do meu corpo a reagirem àquilo a que se chama estímulos exteriores. Sendo os sentidos capazes de registar apenas o movimento, a minha mente está automaticamente vedada de conhecer a natureza da coisa em si mesma.

Como um exemplo, tomemos o sal de mesa comum, que é constituído por dois elementos, o sódio e o cloro. Cada um destes

dois, por si só, atua como veneno no corpo; combinados fazem a substância palatável chamada «sal», a qual, quando tomada por via oral, confere aquilo a que se chama um sabor salgado. Mas o que é que sabe a salgado? Será que o sódio aplicado ao cloro faz o cloro saber a salgado, ou será o cloro que faz o sódio saber a salgado? E qual é a natureza de um sabor salgado?

Parece que o movimento da estrutura molecular destes químicos combinados excita la estrutura molecular das papilas gustativas, fazendo-as vibrar de uma maneira particular. Esta vibração viaja depois para certas células no cérebro que a registam como um sabor salgado.

Seja isto como for, não podemos supor que isto passe de uma opinião pessoal sobre o assunto e, sob essa luz, não deve ser considerado como uma resposta à pergunta, pois há demasiados outros pontos a considerar. Não acredito que possamos assumir logicamente que as propriedades do sal contêm dentro delas um algo secundário chamado um sabor salgado, nem podemos ficar satisfeitos com a minha afirmação de que as pressões da estrutura molecular do sal sobre a estrutura molecular das papilas gustativas são a resposta total para a natureza de um sabor salgado, pois veremos a impossibilidade disto quando percebermos quão suscetíveis todos os sentidos do corpo são à lei da sugestão.

É um fenómeno conhecido, mas certamente não muito compreensível, no campo da hipnose, que alguém sob um estado hipnótico consiga "provar" a substância que o hipnotizador ou agente controlador está a provar, mas isto é verdade não apenas para o sentido do gosto, mas para todos os outros sentidos do corpo. Podemos chamar a esta transferência de estímulos de um indivíduo para outro, perceção por indução e, se isso for verdade, pareceria afastar a ideia de contacto por pressão daquilo a que se chama moléculas em movimento sobre o sistema nervoso como não sendo o verdadeiro estado das coisas no que respeita à capacidade do homem para entrar em contacto com o seu mundo exterior, mas talvez isto seja apenas parcialmente assim.

Mesmo após muitos anos de estudo ao longo destas linhas, e a partir de ambos os lados do véu, não vou fingir que consigo dar a resposta à pergunta: o que é a consciência no que respeita à matéria?

Ou vice-versa, mas posso dizer-vos isto: que me parece que essa parte do ser humano chamada o Eu é e deve ser, por necessidade, uma quantidade incognoscível. Habita sempre num corpo de uma espécie ou de outra, dependendo a natureza de tais corpos em grande parte daquilo que Ele está a procurar experienciar. Gostaria de acrescentar aqui que em nenhum outro plano de consciência senão no da Terra é que o eu-da-mente perde um corpo. A perda de um corpo na qual a morte é a causa é um desperdício de energia-da-mente altamente concentrada, e o autodomínio completo significa ser capaz de ter controlo absoluto sobre todo o organismo, de modo a que se possa alterar a taxa das suas partículas atómicas.

Quando alguém é capaz de fazer isto, nunca necessita de passar pelo tipo de morte que mais cedo ou mais tarde alcança todas as coisas no mundo físico-químico. Quando um ser humano sofre este tipo de morte, significa que a sua alma, ou espírito, ou psique deve entrar num dos planos astrais e permanecer ali por um período de tempo, e depois retornar à Terra para tentar novamente, ao passo que um Mestre é um agente livre e pode ir e vir quando e para onde lhe apetecer ao longo de todo o esquema das coisas.

Ora, voltemos ao problema da consciência via matéria. A própria vida é uma onda de luz, sendo a sua natureza, tanto quanto consigo saber, eletromagnética, e como disse, deve ter um corpo de um certo tipo para trabalhar nele; e este corpo deve ser de tal modo construído que possua canais de sentido, de modo a que a vida nele possa saber o que se está a passar em seja qual for o plano em que possa estar a funcionar.

É acreditado por alguns que aquilo a que se chama «matéria» é algo em movimento, mas que este “algo” não possui propriedades tais como a cor, o odor ou o sabor; ou, por sinal, aquilo a que se chama «som»; mas que existem atributos ou características conferidos a este “algo” pelo indivíduo, através dos canais de sentido. Muitos dos meus colegas também pensam que isto é assim, e eu gostaria de acreditar que este é o caso, nem que fosse por nenhuma razão maior do que para poder esquecer o assunto e virar a minha atenção para outra coisa. Mas não consigo fazer isto racionalmente, pois não importa para o que alguém vire a sua atenção, confronta-se sempre com a pergunta: o que é isto? Pelo que não estou completamente contente com o pensamento de que a única realidade é o movimento, e que tudo

o resto não passa de propriedades dos sentidos no seu esforço para medir o movimento.

É-me dito que tendes uma máquina de desenho delicado que consegue registar a matéria, e que ela afasta tudo o resto exceto o movimento; mas isso apenas me diz que tal máquina está programada para fazer precisamente isso, pelo que isso é tudo o que ela obtém. Não será provável que aquilo que é percecionado como movimento seja também apenas uma propriedade dos sentidos? Se isto for verdade, então tudo aquilo que designamos como existência não passa de um sonho fantasioso do qual um algo sem nome é o sonhador, mas da natureza deste sonhador nada pode ser dito.

Se a natureza de uma coisa pode ser discernida pela sua ação, e o que é designado como o eu-corpo consegue realmente compreender tal ação, então eu diria que este grande Eu incognoscível nos pode estar às vezes a dar uma pequena pista da sua imensidão quando experienciamos fenómenos tais como a telepatia, a clarividência, a telecinese e a cura dos doentes a grandes ou pequenas distâncias, e ações diversas de natureza semelhante. Se tais experiências nada mais nos dizem, deveriam, segundo parece, tornar bastante aparente que este Eu não está de todo dependente de um suporte físico para a sua existência.

O mecanismo chamado «memória» é muito complexo e toda a existência depende dele. Praticamente tudo possui esta faculdade num grau ou noutro, tendo-a a espécie humana desenvolvido até um estado tão avançado que faz do Homem rei e mestre sobre toda a Terra. Esta dádiva, embora mal se possa chamar isso pois o Homem alcançou-a apenas após muitos milhões de anos de uma variedade de experiências, é uma espada de dois gumes, pois embora nada possa ser aprendido sem ela, uma vez aprendida nunca pode ser inteiramente apagada.

Poderíamos dizer, olhando para isso a partir de uma visão puramente materialista, que ao destruir certas células do cérebro, ou ao produzir certas alterações radicais nos processos metabólicos do corpo, um indivíduo poderia ser tornado incapaz de se lembrar de um momento para o outro. Não obstante, tem sido mostrado pela experimentação que se a atenção de alguém que está a sofrer de tal deterioração das células da memória, ou de alterações na produção

química das glândulas, puder ser capturada e segurada por um hipnotizador, este alguém pode ser feito falar sobre um acontecimento; e mais, relatá-lo em detalhe completo, o que é ainda melhor do que a vasta maioria consegue fazer no que é chamado o estado normal de consciência.

Podemos, e com alguma justificação devido a crenças passadas, sentir que uma pessoa sob controlo hipnótico não está a trabalhar inteligentemente, mas é um tipo de robô ou autómato cujas ações e palavras de modo nenhum lhe pertencem, mas pertencem ao agente controlador. Isto, contudo, está longe de ser o caso. Em todas as formas de hipnose, da mais leve à mais pesada, e quer seja autoinduzida ou induzida por outrem, verificaremos que a sua ação é o bloqueio dos canais ou sentidos físicos num grau ou noutro, de modo a que o corpo não consiga registar certas formas de estímulos exteriores e transmiti-los para a psique ou eu mental.

Nos meus estudos deste fenómeno, tornou-se bastante aparente para mim que se aquilo a que se chama consciência individual fosse um algo localizado num corpo, e se fosse meramente o subproduto da ação protoplasmática, então não poderia ser desassociada do corpo e cessaria de existir quando o corpo cessasse de funcionar.

A consciência está em tudo e está por isso em toda a parte presente, e este facto foi adequadamente demonstrado vezes suficientes para que não haja real necessidade da minha parte de entrar em mais detalhes respeitantes ao mesmo. Se o estudante da vida for sincero nos seus esforços, há muitas maneiras pelas quais pode descobrir estes factos por si próprio.

Penso ser suficiente dizer que na maioria das formas de hipnose em que é dito ao sujeito para viajar, ou que este não sente dor, não passa do sentimento ou do desipnotizar da consciência para fora da crença hipnótica de que ela é um “corpo” de químicos.

Como não existe na realidade tal coisa como lugar e tempo, é uma questão simples, com o uso apropriado de sugestões, fazer com que alguém mude o seu estado de perceção ao intensificar a crença ilusória em tais condições. A mente de alguém está constantemente a criar e a destruir a forma por sugestão. Se carecesse desta qualidade criativa e destrutiva em si mesma, nenhuma sugestão exterior

conseguiria penetrar nela. Na verdade, não poderia haver existência de todo.

Ao pressupor uma condição, pressupomos automaticamente uma série de condições. A natureza de um erro reside não na coisa ou condição criada, mas na sua utilidade em termos de lugar-tempo. Noutras dimensões da mente, a que chamamos «lugar-tempo» por exemplo, coisas tais como pessoas com três olhos estavam em maioria e, quando a utilidade de três olhos quase cumpriu o seu curso, seres humanos com dois olhos começaram a aparecer; e não sendo capazes de ver por trás da ação de superfície da vida, os seres de três olhos consideravam estas novas experimentações da Mente como aberrações, e olhavam para elas com temor, tal como olharíeis para uma vaca com duas cabeças, ou para "gémeos siameses" e anões e pessoas de estatura muito reduzida.

Existem muitas malformações a serem encontradas em toda a espécie de coisas vivas, as quais podemos emocionalmente classificar como monstruosidades, mas se olharmos para elas de uma forma desapegada, verificaremos que até estas parecem ser apenas relativamente monstruosas.

Muitas destas malformações em seres humanos não se devem a uma condição física do progenitor ou da progenitora, ou de qualquer um dos antepassados dessa família, mas são causadas pela própria entidade que entra, pelo facto de esta não saber como formar certas linhas de tensão na construção do seu corpo. Muito frequentemente a condição mental da mãe pode auxiliar, contudo, a impedir a entidade de moldar o seu corpo numa estrutura saudável e normal.

A raiva indevida constante, ou a preocupação consistente, ou o pavor extremo podem penetrar no mundo mental do feto e estilhaçar o profundo estado de concentração da entidade, o qual lhe é essencial para a construção do seu veículo físico. Ser assim perturbada reage sobre a entidade de forma muito semelhante a como se alguém fosse constantemente sacudido enquanto tenta dormir quando está muito cansado. Isso cria linhas de irritação, cuja natureza provocará todo o tipo de maleitas congénitas e aberrações psíquicas, que mais tarde se mostrarão como frustrações e inibições, se não algum tipo de malformação no próprio corpo.

É praticamente impossível fazer o mundo ocidental perceber que o corpo físico é em cada detalhe tanto um corpo mental como o é aquilo que é chamado o espírito, a alma ou o corpo psíquico. Muitas das escolas de filosofia asiáticas também não parecem perceber isto ou, se assim é, nem sempre o ensinam.

Submeter o corpo físico a torturas sem sentido, como o faquir hindu faz, com a esperança de que isso dê à sua alma uma melhor oportunidade de felicidade no Nirvana, não só demonstra uma falta de conhecimento completo da vida interior, como ajuda a perpetuar a educação globalmente errada na arte da existência física que foi impingida ao povo da Índia por aqueles no poder. Tais ensinamentos foram instigados pela mesma razão que levou a hierarquia cristã a ensinar ao leigo ocidental que Deus ama os pobres e que: «É mais fácil a um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que a um rico entrar nos portões do céu.» (Lucas 18:25).

A pobreza, onde quer que se encontre, não gera nada maior do que sujidade, superstição e medos, e permanecer na miséria é negar a grande generosidade do Amor, ou de Deus se preferirdes; e o forçar do corpo a abster-se das suas funções naturais é destruir deliberadamente o templo do Deus Vivo, pelo que teremos de pagar com o tempo. Ao corpo de um bebé deveria ser dado o máximo cuidado pela mãe; à medida que os anos passam, a criança deveria ser ensinada a continuar onde a mãe deixa, de modo a que, no devido tempo, a mente dessa criança tenha o controlo completo sobre o seu eu físico.

Fundamentalmente falando, não há razão para a morte do corpo físico. As células do corpo estão constantemente a renovar-se e, com uma dieta bem equilibrada e exercício e descanso adequados, pareceria que o corpo poderia ser mantido vivo e em boa ordem de funcionamento indefinidamente. Contudo, se a mente não for treinada para aceitar as várias experiências do corpo com um estado saudável de desapego calmo, criar-se-ão nele linhas de tensão que atuarão como as toxinas atuam no corpo físico, e isto provocará uma rutura na função rítmica do sistema glandular, de modo que o corpo, após algum tempo, não estará a criar novas células na proporção das destruídas, o que significará decadência e morte, independentemente do cuidado material que lhe possais dar.

Assim, verificamos, para onde quer que nos viremos na evolução da forma e no eterno devir da Mente, que não há separação das partes em relação ao todo. Tudo funciona melhor através do *esprit de corps*.

**PROFESSOR ALFRED LUNTZ**

Esta personalidade nasceu em 1812 e faleceu em 1893. Foi um clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra. Era de filiação inglesa e alemã, e nasceu no norte de Londres. Graduado pela Eton School para rapazes à idade de dezassete anos, trabalhou na firma de advocacia do seu pai em Hanôver, Alemanha, até aos vinte anos. Frequentou Heidelberg, onde tirou um curso de filosofia e religião comparada, seguindo depois para Oxford, onde recebeu o seu Ph.D. no seminário teológico episcopal e, mais tarde, exerceu funções de *don* (professor universitário). Era um devoto da Rainha Vitória. Não ficou surpreendido, quando faleceu, ao descobrir que tinha sobrevivido ao túmulo, mas ficou estupefacto quando percebeu que não havia céu ou inferno como tão eloquentemente tinha ensinado e acreditado.

## A IDADE DA TERRA E OS ETERIANOS

por Pr. Alfred Luntz

Ao fazermos referência ao contínuo do tempo nas coisas que vamos fazer, ou que já fizemos, devemos tentar lembrar-nos de que todo o conhecimento respeitante ao tempo não passa de teoria especulativa que surgiu a partir do desejo do homem de trazer a ordem do caos. Ele alcançou isto através do uso de figuras, e tudo o que ocorre dentro da história conhecida do mundo é registado como tempo cronológico; mas, como o homem sabe tão mui pouco respeitante à verdadeira história da Terra sobre a qual vive, mesmo nos seus segmentos, como pode ele conhecê-la na sua totalidade? Não é dito que para compreender o todo, deve-se primeiro conhecer as partes?

Ora, se esta falta de conhecimento respeitante à história da Terra em verdadeira sequência é admitida, e estamos certos de que o é, então é óbvio que o vosso esforço para as colocar nessa categoria é também especulativo. Não consegue ser mais do que isso, pois a natureza dos vossos factos é esporádica, com lacunas tão grandes de permeio que não há base tangível sobre a qual tecer um padrão continuado.

Mencionei tudo isto meramente com a esperança de vos fazer ver quão fútil seria da minha parte declarar a quantidade de tempo em anos reais, em forma de número, que decorreram desde que a vossa Terra e os universos primeiro brotaram na existência. Mesmo ao usar as palavras «brotaram na existência»; a palavra “brotaram”, tal como “brotar” ou “saltar”, deve ser considerada uma palavra de tempo, denotando movimento, e o movimento apenas pode ocorrer naquilo a que chamais «tempo». Ora, se eu vos dissesse que o tempo não é uma entidade existente separada, mas que é consciência, a vossa consciência, e como a consciência não consegue existir sem aquilo que é designado o sentido de perceção. O estado chamado «perceção» não consegue existir sem algo de que se estar ciente. Quanto à natureza da consciência, ela é uma criação incessante, com a ilusão de projeção que confere a cada um de nós a crença de que algo em ação está a ocorrer fora de nós mesmos no campo daquilo a que se chama tempo e espaço.

Nós, do Círculo Interior, estamos perfeitamente cientes da crença mundial naquilo a que se chama factos científicos concretos, especialmente no que respeita à mente ocidental, e estando assim ciente declararei um tempo que podereis considerar como a idade da vossa Terra material; com a esperança de que vos lembreis de que as figuras foram alcançadas apenas após muito trabalho de investigação exaustivo em muitos campos da chamada ciência material. Ela tem três mil milhões e um quarto de anos de idade (3.250 milhões de anos). Isto é datar apenas a partir do tempo da sua solidificação e nada tem a ver com o seu período de conceção no útero astral, sob a forma de turbilhões ou tensões atómicas, e as vastas extensões de tempo que se seguiram a isso, quando ela era um caldeirão fervilhante de fogo líquido.

Para um corpo do tamanho e da natureza da Terra chegar a um estado que seria capaz de produzir e sustentar a vibração da vida na sua matéria química, são necessários aproximadamente sete mil milhões de anos em tempo sidéreo (7.000 milhões de anos).

Ora, desejo que seja sabido que as figuras acima são do Ramon Natalli, e foram alcançadas pelo seu próprio método particular de computação matemática. Elas são, logicamente, aceites a título provisório por todos nós do Círculo Interior, mas isto não significa que mais alguém as deva tomar pelo seu valor nominal como sendo a última palavra possível em termos de facto.

Voltemos com as nossas mentes naquilo que percecionais como tempo, até aos primórdios do mundo. Se estivésseis a olhar com o olho físico, nada veríeis senão o que vos pareceria um vasto e infinito vazio; mas usemos um olho que seja de uma taxa de vibração mais elevada e olhemos novamente. Ora, o que veríeis? Uma visão tão estupefaciente, tão majestosa, que se a vísseis enquanto no corpo físico e despreparados ficaríeis de facto completamente loucos. Pois agora estais a olhar para o Mundo Etérico. O tamanho por si só de tudo o que está nele assombraria a vossa imaginação.

As cores vibrantes, pulsantes e iridescentes, fervilhando de vida vegetal, os animais e as aves; o tamanho e beleza dos edifícios, bibliotecas, salas de conferências, escolas de aprendizagem, catedrais vastas, órgãos gigantes, orquestras constituídas por cada instrumento conhecido no vosso plano da Terra e muitos, muitos mais de que ainda

nada sabeis: dezenas de milhares a tocar ao mesmo tempo; e a música que vinha deles far-vos-ia querer chorar a vossa vida fora com o seu poder e doçura de tom, e harmonia perfeita; homens e mulheres de grande altura e estatura, perfeitos de corpo e mente, andando de um lado para o outro em vestes fluídas de cores brilhantes, alguns com poderosas cabeças de cabelos dourados, cabelos ruivos e cabelos pretos, fluindo pelas suas costas em ondas vivas e cintilantes, e barbas ricas e fluídas que parecem seda finamente fiada; mulheres majestosas com pele como cetim vivo e a resplandecer de saúde.

O ar que respiraríeis seria mais puro do que o fôlego de um bebé, pois o ar neste mundo não é particulado, como os vossos cientistas sentem que conhecem essa palavra. As coisas não se movem ao redor da maneira a que se pode chamar movimento direcional, mas apenas por movimento de vibração. Talvez eu possa tornar tal condição um pouco mais clara ao dizer: sendo que, em essência, todas as forças são realmente uma só força; quando uma coisa ou pessoa deseja mover-se, o desejo funde automaticamente a força de energia dessa coisa ou pessoa na coisa para a qual ela ou ele deseja mover-se; por outras palavras, é o movimento do neutrão e do protão, uma troca completa de energias, uma coisa tornando-se a outra coisa.

É apenas ao descer para o baixo etérico que se começa a deparar com os primeiros estágios de substâncias particuladas ou de movimento direcional. No físico, para que uma substância se torne outra coisa, há uma alteração ou um rearranjo do padrão atómico. Este é o início daquilo a que chamo movimento direcional. É num período ligeiramente anterior ao movimento direcional que o homem físico perdeu, na maior parte, a sua capacidade de controlar a substância com a energia mental, e deve por necessidade recorrer às suas mãos, sendo as mãos extensões da mente.

Notai que digo «na maior parte» e não completamente, pois é um facto conhecido que existem na Índia, mesmo no vosso tempo, homens que possuem um domínio pessoal de tal modo que conseguem fazer com que flores e outras plantas cresçam e floresçam mesmo diante dos vossos olhos. Notai o método empregue por estes homens para realizar isto: um estado de transe completo. E porquê um estado de transe? Simplesmente para que possam tornar-se a planta. Com isto quero dizer que a substância da mente deles pode entrar na substância da mente da semente da planta. Talvez vos fosse mais claro se eu o

explicasse desta forma: quando vós, meu amigo, entrais em transe para que possamos usar o vosso corpo físico, estais na realidade a tornar-vos aquele que parece falar através de vós. O transe, o sono normal e a chamada morte, todos são a fusão da personalidade do indivíduo com a Força Universal, ou Mente Cósmica, sendo os estados relativos. Todas as formas de vida têm o seu ser neste grande mar de inteligência.

Podeis comparar o mundo físico a um espelho, na medida em que ele é o reflexo da consciência real e eterna a trabalhar através do Homem.

Durante muitos anos da minha vida na Terra aprendi, e mais tarde ensinei, que esta consciência eterna, à qual eu chamava então «Deus» e pensava como um ser individual, era perfeitamente capaz e estava sempre disposta a punir ou recompensar as pessoas. Ora deixai-me apontar algo aqui que seria bom considerar. Suponde, por exemplo, que íeis dormir uma noite e acordáveis num mundo de sonhos, e ali veríeis muitas pessoas a fazer toda a espécie de coisas; algumas boas ações e outras más, como compreendeis esses termos abstratos.

Ora, na maior parte, todas as pessoas no vosso sonho são vossos filhos: vós os criastes, e a maioria delas está a fazer exatamente o que desejais que façam, ainda que possais não estar cientes conscientemente desse facto. Ora, sentis-vos ou sentir-vos-íeis, justificados em condená-las a um inferno eterno ou a um céu perpétuo pelo que estão a fazer? E mesmo que vos sentísseis justificados em tal desejar, como supõem exatamente que poderiam levar a cabo o vosso desejo? A humanidade está na mesma posição para com Deus, ou Deus para com o homem. A única coisa que poderíeis fazer seria destruir todo o mundo de sonhos, e isso significaria aniquilar o bom com o mau, e mesmo assim a única maneira de isto ser alcançado seria acordando de volta para o vosso mundo físico. Não sendo a Mente Cósmica um indivíduo, não é provável que Deus acorde do Seu sono místico ou sono perpétuo, anulando assim o grande sonho.

Mas tudo o que fazeis ou deixais de fazer está no plano divino, e é esperado de vós, pois apenas através do vosso constante fazer podeis crescer; e como vós sois o plano divino e o planeador, ambos, não podeis agir de outra forma. Lembrai-vos disto e estareis sempre, pelo menos, moderadamente felizes.

## A PERSONALIDADE HUMANA

por Pr. Alfred Luntz

Na sua natureza estrutural, a personalidade humana é comparável ao pedaço de matéria chamado átomo, na medida em que é constituída por muitas partes. E, novamente como o átomo, é de uma natureza extremamente abstrata e, portanto, não dada à medição por qualquer bitola única. A personalidade é uma condição adquirida mental e emocional tanto do eu consciente como do inconsciente e, como um todo, pode ser considerada como um composto de experiências.

Contudo, pelo facto de um indivíduo estar constantemente a ter experiências de uma espécie ou de outra, e reações a essas experiências, parece lógico supor que a personalidade nunca é uma coisa inteira e totalmente integrada, estando por isso sempre em perigo de se dividir e de se afastar em tangentes. Se há alguma verdade nesta ideia, e eu acredito certamente que sim, então é óbvio que toda a raça humana sofre de esquizofrenia num grau ou noutro. De facto, seria fenomenal de verdade se esta condição não ocorresse na constituição humana.

Nós, os humanos, podemos falar tudo o que quisermos sobre um Deus ou deuses e sobre o que Ele ou eles fizeram por nós, mas o facto subsiste de que viemos para este lugar aparente chamado o mundo completamente ignorantes da nossa fonte de origem, ou do que temos de fazer enquanto aqui estamos. E o que é mais, este estado de estar-aqui, quando primeiro parámos, era um estado selvagem e estéril, com os elementos constantemente a enfurecerem-se contra nós e a ameaçarem a nossa existência de todos os lados.

Se não fôssemos brutos rombos e estúpidos na altura, ter-nos-íamos tornado em pouco tempo maníacos delirantes. Começando apenas com a matéria mais bruta, o homem criou e produziu tudo o que tem valor no mundo e, para fazer isto, ele teve inclusive de criar a capacidade de pensar e de raciocinar; na verdade, teve de fazer isto último primeiro antes de poder ter alcançado o primeiro.

É minha opinião que o primeiro choque real para a consciência humana veio quando o homem percebeu subitamente que estava completamente sozinho na vastidão da criação. Se ele tivesse tido algo

como uma personalidade nesse período da sua existência, o conhecimento de que não tinha absolutamente ninguém a quem se pudesse virar para consolação ou conselho deve ter não meramente dividido a sua personalidade, mas atrevo-me a dizer que a estilhaçou!

Mas o homem é, e sempre se mostrou ser, uma criatura tremendamente engenhosa, como amplamente demonstrou ao longo dos milhões de anos da sua permanência aqui, e importa pouco quão frequentemente as suas experiências o chocaram, o Homem recusou sempre permanecer num estado de choque por mais tempo do que aquele que levou a perceber que não havia ninguém para o ajudar a sair do seu dilema exceto ele próprio. Assim que percebeu isto, ele saltou novamente com a resiliência de um acrobata bem treinado e dispôs-se a fazer aquilo que veio aqui fazer, a saber: criar.

Naturalmente o homem, nesse período distante da sua existência, não poderia ter realmente "percebido" a vastidão de nada, muito menos da criação como tal, pois simplesmente não possuía o equipamento mental ou emocional necessário para esse tipo de pensamento. Aquilo de que muito provavelmente se tornou ciente, se é que se tornou de algo, foi da sua própria pequenez e do aterrador sentido de inadequação com o seu ambiente imediato. Não tendo ninguém a quem se pudesse virar para proteção contra os elementos e outras criaturas que eram tão horrivelmente diferentes de si próprio, foi literalmente impelido a criar deuses em autodefesa e, como sempre, qualquer coisa em que o homem fixasse a sua mente criativa para fazer, ele fazia um trabalho verdadeiramente estrondoso nesta!

Mas, como seria de esperar, o homem criou os seus deuses à sua própria imagem e semelhança e, porque o homem nessa altura estava a trabalhar quase exclusivamente na sua mente bestial, os seus deuses foram naturalmente fundidos a partir do mesmo molde. Estes deuses tornaram-se uma parte necessária da existência do homem, seguindo juntamente com ele na sua longa e bastante terrível luta pelo caminho da evolução, mas os seus deuses nunca foram nada mais do que ele próprio era num determinado momento.

Julgando pelas aparências de superfície, podemos concluir que a natureza básica do homem mudou consideravelmente daquilo que era quando tanto ele como o mundo eram jovens, mas temo que as nossas conclusões estivessem erradas. Embora seja verdade que a natureza

básica de alguns homens mudou, isto não é um truismo no que respeita à maior massa chamada «homem». Como a evidência mostra, continuamos a ser praticamente as mesmas criaturas meio-humanas e meio-animais, impelidas pelo medo, que éramos quando nos encontrámos a saltar de árvore em árvore e a esquivarmo-nos de caverna em caverna para escapar à ira dos deuses que nós próprios criámos com a cega esperança de que eles oferecessem um pouco mais de segurança à nossa infeliz existência.

Milhões de anos de experiências com o chamado mundo exterior ensinaram-nos mui pouco interiormente. Mas isto é bastante natural, pois as experiências externas em si mesmas nada nos conseguem ensinar; são as nossas atitudes perante os nossos sentimentos, no que respeita não apenas às experiências do momento, mas também às memórias de tais experiências passadas e a quais eram as nossas atitudes perante elas nessa altura. Ora, embora a maioria de nós saiba tudo isto, muito poucos de nós estão cientes de que estamos a adquirir o nosso conhecimento do mundo externo através de um sistema de medições chamado os sentidos e, tal como todos os outros sistemas de medição que o homem possui, eles raramente, ou nunca, nos dão uma imagem verdadeira e completa das coisas como elas realmente são.

Tudo isto significa que os nossos sentidos estão constantemente, mais ou menos, a dar-nos dados falsos, o que conduz a que façamos conceitos falsos, e os conceitos falsos acabam por criar confusão em nós, e quando estamos num estado de confusão mental, todas as nossas ações são caóticas e desprovidas de significado. Como um exemplo do que quero dizer quanto a como os conceitos falsos nos conseguem conduzir a uma ação caótica e sem significado, voltemos a onde falei da humanidade primitiva e da criação de deuses onde não havia deuses. O que estas pessoas estavam a procurar era amor e compreensão, mas a sua incapacidade de perceber isto conferiu-lhes o conceito falso de que aquilo de que necessitavam era algo de natureza sobrenatural, e no entanto algo com que pudessem entrar em rutura quando necessário. Por isso entraram na atividade caótica e sem significado de não apenas moldarem deuses segundo a sua própria imagem e semelhança físicas, o que pelos padrões modernos de beleza teria sido nada menos do que de pesadelo, mas também construíram templos a partir do sangue e suor dos seus semelhantes.

Hoje em dia, o homem clama por segurança tal como o homem pré-histórico fazia. Mas a palavra "seguro" significa a salvo, por isso a pergunta é: de que estamos exatamente a tentar estar a salvo? A consciência humana foi condicionada para o conceito inteiramente erróneo de que o mundo material é algum tipo de entidade viva que possui uma existência independente própria e bastante fora da consciência humana, e no entanto somos ensinados a projetar a nossa consciência nesta condição alienígena num esforço para descobrir o que nos está a perturbar. Com ensinamentos desta espécie, é de admirar mal que a personalidade humana se tenha tornado, como o meu colega Martin Lingford diz: um asno esquizofrénico e paranoico! Não consegue ser de outra forma quando continua a procurar fora de si própria a causa das suas dores ou das suas alegrias.

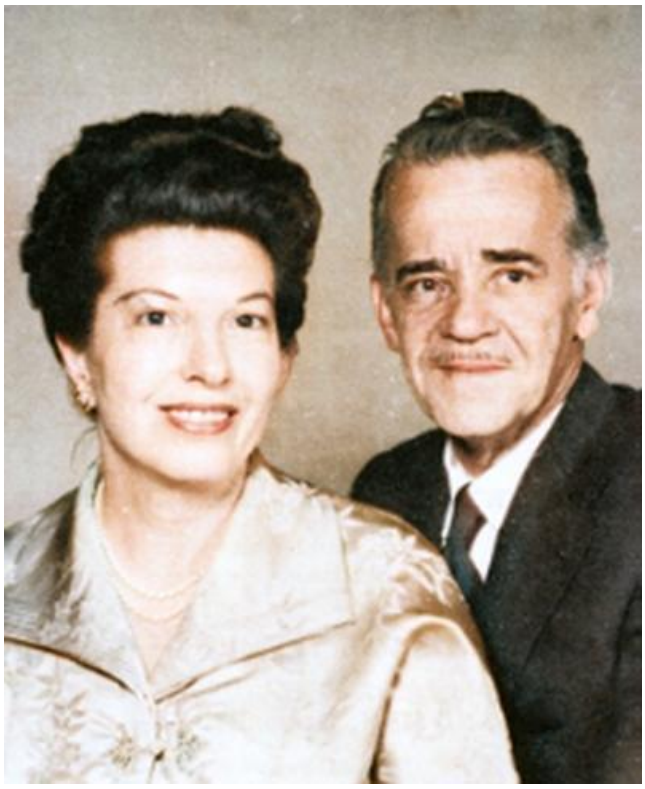
O mundo do presente encontra-se num caos rampante, mas sempre foi assim desde que o homem primeiro se tornou ciente de si próprio como sendo separado e à parte do resto da criação. Mas devido ao facto de haver um número de pessoas na Terra muito maior do que alguma vez antes, o estado de caos é consideravelmente maior e, naturalmente, mais generalizado. Cada nação sofre de um sentido agudo de autoverticalidade acoplado a sentimentos intensos de que está a ser perseguida por todas as outras nações. Se estas condições fossem encontradas numa pessoa individual, acreditaríamos que ela estava louca e, portanto, uma ameaça para o resto de nós que nos julgamos sãos, e exigiríamos que fosse fechada. Mas como havemos de fechar uma nação quando não há outro lugar para a colocar senão no mundo? Além disso, que nação possui perspicácia tal que lhe permita ser o juiz da sanidade, ou talvez devesse dizer do grau de insanidade, de uma outra nação?

Embora apenas um número comparativamente pequeno de pessoas o saiba, a América do Norte foi escolhida por seres invisíveis de inteligência mais elevada para ser o Berço da Luz, e foi escolhida para ser tal muito antes de os próprios homens vermelhos, mais tarde conhecidos como índios, chegarem ao seu solo. Embora nós, membros do Círculo Interior, saibamos que isto é um facto por termos lido os registos relativos ao destino das nações da Terra, vós, logicamente, não sois chamados a aceitar a nossa palavra sobre isso. Contudo, se estudardes o fraseamento e a maneira como a Constituição dos

Estados Unidos está escrita, podereis aceitar pelo menos a possibilidade de estarmos a falar a verdade.

Os registos particulares de que falo existem num nível de consciência um tanto mais elevado do que aquele em que a maioria de nós entra logo após deixarmos a Terra, mas também existem em algum detalhe dentro de certos mosteiros tanto no Tibete como na Índia. Que a América do Norte tenha sido escolhida para ser o Berço da Luz certamente não significa que já o seja, pois é óbvio que ela sofre de muitas formas de insanidade, tanto entre o povo como no governo. Mas a América do Norte é muito jovem ainda em relação à maioria dos outros países do mundo, pelo que tem tempo para se curar a si própria da maioria das suas maleitas. O tempo, contudo, avança, e as maleitas deixadas sem assistência em breve se tornam crónicas, e então torna-se quase impossível fazer grande coisa sobre elas.

Embora todas estas últimas observações possam parecer ter pouco a ver diretamente com o meu tema, a personalidade humana, veremos que têm quando percebermos que quando falamos sobre o mundo, estamos a falar sobre o homem. Se não fosse o homem, o mundo não seria nada. Mas se a personalidade humana continuar a dividir-se com a miríade de medos e superstições que trouxe consigo desde os seus dias primordiais, acabará por perder a sua mentalidade criativa mais elevada e encontrar-se-á de volta ao reino animal.



## EM MEMÓRIA DO MARK PROBERT (1907-1969)

Não há palavras para trocar uns com os outros que consigam expressar realmente como nos sentimos. Houve um homem chamado Mark cujo corpo físico já não conseguia conter a profundidade do seu sonho. E por isso faleceu. O que parece não "ir" para lado nenhum é o Mark que partilhamos… A rir, a tagarelar, a brincar e a fumar, a recordar o tempo em que os resmungos, os zumbidos e os murmúrios de "estou com fome, vamos comer!" davam lugar ao deleite em cada única dentada do ser.

Um pequeno pacote com excesso de peso com os adjetivos do viver; tão duro, mas demasiado terno, do tamanho exato para os bolsos-do-coração. "Estou atrasado, estou atrasado, para um encontro mui importante; não há tempo para dizer olá/adeus, estou atrasado, estou atrasado, estou atrasado…" O Lebre de Março no País das Maravilhas — Através do Espelho. O Mark em fevereiro de 1969 — uma situação semelhante.

Contudo, num dia de junho banhado pelo sol em San Diego, emergiu de uma gaveta poeirenta um pedaço de papel amarrotado e a amarelecer. Tinha sido guardado no número 931 da 26th Street, juntamente com muitos outros "pensamentos a serem partilhados um

dia”… Está escrito precisamente desta maneira: « Aos meus queridos amigos e sinceros ajudantes no trabalho talvez estranho, mas não menos maravilhoso, de ensinar e ajudar os nossos semelhantes a encontrar um pouco mais de paz nesta vida terrena; e a todos os outros que desempenharam um papel tão valioso na promoção deste serviço à humanidade numa altura em que este é tão desesperadamente necessário; e a todos os que tão amavelmente nos convidaram para as suas casas ou salões; a TODOS os meus semelhantes em toda a parte, deixo o meu amor e devoção em nome d’A Luz.

Se me quiserdes honrar, peço que o façais amando-vos uns aos outros. Penso que podemos fazer isto melhor se mantivermos em mente que nenhum de nós é perfeito, mas todos estão constantemente a esforçar-se, consciente ou inconscientemente, por aquilo a que chamamos perfeição; a qual, nalguns dos seus estados mais completos, é chamada A Luz.

Vou agora para o que quer que possa ser a minha necessidade de enfrentar; mas rogo-vos que não choreis nem mantenhais qualquer medo nos vossos corações pela minha segurança, pois posso assegurar-vos de que tudo estará bem comigo, como também estará convosco quando chegar a vossa altura de vos juntardes a mim.

Tenho 47 anos de idade à data deste escrito e, logicamente, posso viver mais 47 anos. Não sei nem sinto que haveria qualquer vantagem em o saber, pois se li a vida retamente, não tenho 47 anos de idade, mas sou o Próprio Tempo. Não obstante, estou também ciente de que parte deste eu de mim é um corpo físico-químico e está, por isso, sujeito a alterações. Qualquer uma de tais alterações pode significar eu ter de me afastar dele por um tempo (pelo menos é com este pensamento em mente que escrevo tudo isto).

Não passa de tolice e de cobardia esperar pela altura do meu afastamento. Pode ser que não tivesse hipótese de dizer o quanto aprecio as horas que vivi nesta bela terra, apesar do inferno que parecia nos meus anos iniciais. Não é sabiamente dito: “Aquele que não viu o inferno não consegue ver o céu.”? Pois como poderia ele então reconhecê-lo como tal? Não tenho nada de importância a dizer, pois há muito que considero que aquilo em que se pensa como "importante" reside simplesmente no Ser.

Não tenho arrependimentos em nada do que fiz nem naquilo que possa ter deixado por fazer; pois foi o fazer bem como o não fazer que constituiu a experiência da minha vida física. Por isso, como poderia ter feito de outra forma e continuar a manter-me "eu"?

Isto é tudo por agora… 30 por esta noite. (NÃO me plantem, cremem-me.) Mark »

Havia uma ideia. Dizia: «Que o homem nasce no amor e é um agente livre; que o conhecimento é mel cósmico, e ao homem não só deveria ser permitido recolher este mel, mas deveria ser auxiliado e incentivado a fazê-lo.». A partir deste sentimento nasceu a associação dos Professores d'A Luz do Círculo Interior, e o Mark, representante na Terra. Uma vida inteira foi gasta a semear as suas sementes nos nossos campos de compreensão. Ao receber assim, temos mais um alicerce sobre o qual construir o nosso caminho para a Luz Interior.

Para todos os que desejam partilhar, continuamos a devir. A Kethra E'Da Foundation